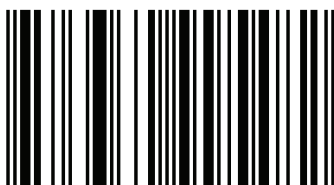


A Nova Universidade

O livro *A Nova Universidade num Mundo em Transformação*, a partir da realidade atual das universidades brasileiras, com incursão em universidades de outros países, faz inicialmente uma análise crítica da situação em que se encontram essas universidades, face às transformações “de dimensão civilizatória” com que, em velocidade crescente, a Ciência e a Tecnologia vem transformando o mundo. Os desequilíbrios, entre a velocidade e a dimensão da transformação tecnológica em relação à transformação social ameaçam a sustentabilidade do processo civilizatório. O livro atribui grande parcela de responsabilidade por esta disritmia às universidades e seu alheamento, como consequência de sua própria cultura, das amarras que lhe impõem o conservadorismo do poder público e, às vezes, a própria sociedade. Através de “estudo de casos” e a partir das ideias e experiências pessoais, o autor propõe conceitos e estruturas para a Nova Universidade, sintonizada com a ciência e a tecnologia tornando-a agente do processo de transformação civilizatória, contribuindo para sua sustentabilidade no rumo da “sociedade pós tecnológica” onde seja preservada em plenitude a dimensão humana.



Osvaldo Della Giustina, filósofo social e homem público brasileiro, professor universitário, consultor e reitor de universidades, conferencista com livros sobre educação, políticas sociais, planejamento e perspectivas da civilização. Este livro constitui uma aplicação concreta das ideias contidas em seu livro anterior, PARTICIPAÇÃO E SOLIDARIEDADE.



978-3-330-99548-2

A Nova Universidade

Della Giustina



Osvaldo Della Giustina

A Nova Universidade

Num mundo em transformação

 **Novas Edições
Acadêmicas**

Osvaldo Della Giustina

A Nova Universidade

Osvaldo Della Giustina

A Nova Universidade

Num mundo em transformação

Novas Edições Acadêmicas

Impressum / Impressão

Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek: Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über <http://dnb.d-nb.de> abrufbar.

Alle in diesem Buch genannten Marken und Produktnamen unterliegen warenzeichen-, marken- oder patentrechtlichem Schutz bzw. sind Warenzeichen oder eingetragene Warenzeichen der jeweiligen Inhaber. Die Wiedergabe von Marken, Produktnamen, Gebrauchsnamen, Handelsnamen, Warenbezeichnungen u.s.w. in diesem Werk berechtigt auch ohne besondere Kennzeichnung nicht zu der Annahme, dass solche Namen im Sinne der Warenzeichen- und Markenschutzgesetzgebung als frei zu betrachten wären und daher von jedermann benutzt werden dürften.

Informação bibliográfica publicada por Deutsche Nationalbibliothek: A Nationalbibliothek numera esta publicação no Deutsche Nationalbibliografie. Os dados biográficos detalhados estão disponíveis na internet: <http://dnb.d-nb.de>.

Os outros nomes de marcas e produtos citados neste livro estão sujeitos à marca registrada ou à proteção de patentes, sendo marcas comerciais registradas dos seus respectivos proprietários.

O uso dos nomes de marcas, nomes de produtos, nomes comuns, nome comerciais, descrições comerciais, descrições de produtos, etc., mesmo sem um relevo particular nestas publicações, de forma alguma deve interpretar-se no sentido de que estes possam ser considerados limitados em matérias de marcas e legislação de proteção de marcas e, portanto, ser utilizadas por qualquer pessoa.

Coverbild / Imagem da capa: 978-3-330-99548-2

Verlag / Editora:

Novas Edições Acadêmicas

ist ein Imprint der / é uma marca de

ICS Morebooks! Marketing SRL

4, Industrialala street, 3100 Balti, Republic of Moldova

Email / Correio eletrônico: info@omniscryptum.com

Herstellung: siehe letzte Seite /

Publicado: veja a última página

ISBN: 978-3-330-99548-2

Copyright / Copirraite © Osvlado Della Giustina

Copyright / Copirraite © 2017 ICS Morebooks! Marketing SRL

Alle Rechte vorbehalten. / Todos os direitos reservados. Saarbrücken 2017

Osvaldo Della Giustina

A NOVA UNIVERSIDADE
Num Mundo em Transformação

Informações do Autor:

Osvaldo Della Giustina

email: della_giustina@terra.com.br

www.participacaoesolidariedade.com.br

Rede Social: Osvaldo Della Giustina

Informações Técnicas:

Diagramação e Produção: Milenne Ferreira

Aos que pensam,
aos que administram,
a todos os que pertencem à comunidade universitária,

construtores da Nova Universidade
no mundo em transformação .

APRESENTAÇÃO

Não poderia ser diferente: Osvaldo Della Giustina, um eterno empreendedor, um visionário em constante questionamento, traz mais uma inquietante obra sobre a Universidade, em cujas páginas se pode observar a marca de sua incansável busca por um mundo melhor.

Como inspiração e pano de fundo, o livro *Participação e Solidariedade*, também de sua autoria e ao qual ele recorre como suporte ao presente livro, concorre para que esta leitura nos conduza a uma profunda reflexão sobre o papel da Universidade na *Sociedade Pós-Tecnológica* – termo utilizado por Della Giustina para significar, conforme suas palavras, “o que vem ocorrendo no mundo depois do surgimento da nova tecnologia que levou a civilização à globalização e aos processos virtualizados”.

Conhecedor e crítico que é da Universidade, reconhecimento que lhe é conferido por sua longa e proficiente trajetória com o tema, Osvaldo discorre, nesta obra, sobre o papel da Universidade no processo de transformação da sociedade e dos cidadãos que por ela passam, nesse processo de dimensão civilizatória, tendo como base os avanços da ciência e da tecnologia, bem como seus efeitos, para os quais ele chama particularmente a atenção dos leitores.

Para Della Giustina, o mundo que ele denomina *pós-tecnológico* vai exigir cada vez mais que as pessoas tenham formação de nível superior para alcançarem mais conhecimento de si mesmas, de seu lugar no mundo, na família, no trabalho, em suas relações com a sociedade e da sociedade com a totalidade da vida, esse mundo que, sendo em tudo de nível superior, exige de todos um conhecimento no mesmo nível .

Solidário com outros grandes pensadores, Osvaldo inicia a obra trazendo algumas reflexões e críticas relacionadas com os processos atuais da Universidade brasileira, que incluem desde uma dissintonia entre o conceito e a prática da própria Universidade, o foco histórico na dimensão ensino em detrimento da tríade ensino-pesquisa-extensão definido pela legislação brasileira, e alcança até e, mais veementemente, uma crítica à Universidade como fornecedora de diplomas, à universidade como mera formadora de mão de obra, à universidade como espaço para simples atividade comercial. A Universidade pode ser e é muito mais do que isto.

Della Giustina compreende bem a complexa dimensão de uma instituição ainda chamada de ensino superior. Basta lembrarmos sua experiência não somente como um dos idealizadores desta Universidade do Sul de Santa Catarina, a Unisul, mas também da Fundação Universidade de Tocantins, a Unitins – para mencionar apenas duas de suas diversas incursões no universo educacional brasileiro.

Ao traçar as duras linhas do tipo de universidade predominante no País, que ele define como inadequada para atender os movimentos da “nova sociedade”, descrita como uma sociedade na qual crescem valores formadores de uma nova “massa de consciência”, Osvaldo procura

identificar, em contraposição, de que forma Ciência e Tecnologia podem operar em favor do ser humano e não contra ele.

É preciso, como quer Della Giustina, que a universidade se humanize e seja co-autora de uma *“Sociedade Participativa e Solidária”*. E vai além. Idealiza:

“É preciso ter a percepção aguda de que eles existem, os seres humanos, com as mesmas dores, as mesmas alegrias, as mesmas angústias ou as mesmas esperanças que são as nossas dores, as nossas alegrias, as nossas angústias e as nossas esperanças”.

Ciente do alcance de suas propostas e da dimensão à qual seu pensamento idealista se eleva, Osvaldo questiona a si mesmo. Ao discorrer sobre o verdadeiro papel da universidade, não somente no Brasil, mas no mundo, pergunta a si mesmo:

“Estarei sonhando uma dimensão grande demais para universidade? Ou será pequena demais a dimensão que estamos acostumados a atribuir à universidade?”

Passados os anos, é admirável perceber no autor a mesma intensa energia criadora daquele pioneiro que ajudou a pensar e construir a Unisul. A *ANova Universidade* proposta por Della Giustina nasce dos questionamentos críticos, mas cheios da esperança desse Mestre, que ao final da leitura nos deixa, sobretudo, uma mensagem de profundo otimismo:

“Assim, pois, mais do que esperança, tenho certeza de que nas mãos da Universidade, ou dos intelectuais, dos mestres e doutores da academia, profundamente integrados e articulados com as melhores forças sociais,

está significativa parcela da construção do processo da Nova Civilização. Espero que esse livro possa levar a essas categorias, aos que despertaram para essa participação, alguma contribuição.”

Não resta dúvida de que este livro tem muito a contribuir, como as inúmeras obras desse profícuo autor.

De minha parte, sinto-me honrado por apresentar em nome da Unisul este livro-síntese de uma vida dedicada ao estudo e ao questionamento, no qual os leitores terão acesso aos vibrantes pensamentos de um “*homem inquieto*”, como bem definiu o saudoso Elóy Simões, ao referir-se a Osvaldo Della Giustina na biografia que dele escreveu.

Convido os leitores à leitura proveitosa e gratificante destas páginas!

Mauri Luiz Heerdt

Reitor da Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL

INDICE

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	12
PARTE I	20
A UNIVERSIDADE QUE TEMOS (ou, o que precisa mudar)	20
1. A Questão da Universidade	20
1.1. Do conceito de universidade e de sua (in)coerência entre esse conceito e sua prática.	20
1.2. A universidade como simples Instituição de Ensino Superior – IES.	22
1.3. A universidade como fornecedora de diplomas.	23
1.4. A universidade como fornecedora de mão de obra.	26
1.5. A universidade como espaço de difusão, debate, ou proselitismo ideológico.	28
1.6. A universidade como simples atividade comercial.	30
2. A universidade e seu lugar no mundo em transformação.	31
2.1. Ciência e Tecnologia das coisas ou Ciência e Tecnologia do homem.	33
2.2. A sobrevivência da ordem atual, face ao processo de transição civilizatória.	34
2.3. Participação e Solidariedade: uma proposta para a Nova Civilização.	37
PARTE II	44
A TRANSIÇÃO CIVILIZATÓRIA	44
(ou, o mundo em transformação)	44
1. A insustentabilidade da ordem da Civilizatória.	46
1.1. A derrocada da Civilização Ocidental (a insustentabilidade do Planeta).	48
1.2. A ordem mundial insustentável.	51
1.3. Alternativa ao terror, ou à guerra : a construção da paz	53
2. Outros sinais e novos dados comprovam a insustentabilidade	55
2.1. Cresce o desequilíbrio: análises da OXFAM.	56
2.2. O crescimento do desequilíbrio no caminho da ruptura : Análise do livro Participação e Solidariedade.	58
3. As sociedades sobrevivem através das mudanças civilizatórias.	64
3.1. As mudanças civilizatórias fizeram a história da civilização.	65

3.2.	Como toda natureza,também as mudanças civilizatórias obedecem à leis que a regem. 70	
4.	Os Fundamentos da Nova Civilização	78
4.1.	É preciso harmonizar os ritmos da mudança.	79
4.2.	A busca dos valores fundamentais da nova Civilização: Massa de Consciência,a Participação e a Solidariedade.	81
4.3.	Desconcentração e Cooperação: instrumentos operacionais da Participação e da Solidariedade.	85
4.4.	A falta de uma nova Síntese, ou de uma nova Teoria Social, ameaça os avanços da Civilização.	88
4.5.	Do ponto ALFA ao ponto OMEGA : o caminho da amorização.	90
PARTE III		95
A NOVA UNIVERSIDADE		95
(ou, a universidade pós tecnológica)		95
1.	A Universidade brasileira: conceitos e contrastes.	96
1.1.	Componentes essenciais dos conceitos da universidade brasileira.	97
1.2.	O novo mercado da universidade.	100
1.3.	Dois preceitos constitucionais fundamentais.	102
1.4.	Das muitas formas de burlar os preceitos constitucionais.	106
2.	A inserção da universidade no tempo em mudança e no espaço globalizado.	109
2.1.	Os obstáculos à mudança.	111
2.2.	Novos espaços da Universidade.	112
2.3.	A universidade real e a universidade (im)possível	115
2.4.	Linhas estratégicas para a mudança.	118
3.	Iniciar a inovação é possível: dois estudos de caso	120
3.1.	A Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina(UNISUL); concepção , origem e desenvolvimento (caso 1)	120
3.2.	Fundação Universidade do Tocantins: concepção, origem e fim.(caso2)	123
3.3.	Fundação Universitária : o pleno exercício da autonomia	124
3.4.	Análise da duração efêmera do caso 2	125
4.	Construindo a Nova Universidade: as mudanças essenciais	135
4.1.	Integração do Ensino, Pesquisa e Extensão:o caso UNITINS.	135
4.2.	Medidas conjunturais, no caso UNISUL	137

4.3. Flexibilização da organização acadêmica.	140
4.4. O caminho da virtualização	143
5. A Educação Permanente virtualizada.	148
5.1. Algumas distinções necessárias	149
5.2. A Educação Permanente virtualizada, como instrumento de inserção da universidade no processo de transição.	151
5.3. A Educação Permanente virtualizada não substitui a universidade presencial.	153
5.4. A Educação Permanente virtualizada amplia os horizontes do Ensino da Pesquisa e da Extensão.	154
5.5. A diversidade de formas da oferta de Educação Permanente virtualizada	155
5.6. Sustentabilidade financeira do Sistema de Educação Permanente virtualizada	157
5.7. A Educação Permanente virtualizada como instrumento de aferição e melhoria do grau de excelência da universidade.	159
6. A Nova Universidade	161
PARTE IV	166
A UNIVERSIDADE COMPROMETIDA	166
1. A universidade: um patrimônio social	166
1.1. A universidade brasileira: um milênio ou vários séculos depois...	167
1.2. Um doloroso diagnóstico.	170
1.3. O direito à educação e o dever do Estado: a universidade comunitária (ou da sociedade).	173
2. Associação Catarinense de Fundações Educacionais: ACADE, um Sistema de participação da sociedade	180
2.1. O surgimento das instituições comunitárias em Santa Catarina.	181
2.2. É criada a ACADE: a Sociedade catarinense constrói seu Sistema de Ensino Superior	184
3. O mundo na universidade e a universidade no mundo.	189
3.1. A Cátedra universitária, como instrumento de inserção da universidade.	190
3.2. O compromisso da universidade com os valores universais-	194
3.3. Carta por uma Civilização Participativa e Solidária	198
CONCLUSÃO	203

A NOVA UNIVERSIDADE

Num mundo em transformação

INTRODUÇÃO

Valho-me, para iniciar essa introdução, de parte do texto que escrevi por solicitação do Egrégio Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina, para o livro PORQUE O BRASIL NÃO LEVA A SÉRIO A EDUCAÇÃO, publicado pela comemoração dos 70 anos da Instituição¹.

Como se verá, o texto, voltado embora à educação em geral, ganha especial sentido em relação à universidade, quando interpreta o atual estágio do mundo, ou da civilização, como o momento em que a evolução alcançou um patamar que deve ser percebido como “globalmente de nível superior”.

Isto significa que todos os segmentos, ou todas as funções que nela devem ser desempenhadas, seja por pessoas ou por instituições, exigem nível superior de conhecimento (ciência) e de seu exercício (tecnologia), para serem exercidas adequadamente. Esta exigência cada vez mais se aprofundará em todos os setores da sociedade e não apenas em alguns como em geral se imagina, como por exemplo a profissão ou o mercado de trabalho, como também nas sociedades não desenvolvidas, por causa da globalização que as afeta como uma avalanche.

Transcrevo o texto:

¹ Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina: **Porque o Brasil não leva a sério a educação** - Editora Unisul –2016)

“penso que não é possível uma adequada compreensão da educação, do que ela significa e de seu papel em relação à sociedade, ou mesmo como ela é pensada e administrada em nível de unidade ou de sistema, se essa compreensão não for relacionada à uma percepção igualmente adequada do que é a sociedade e do que são as pessoas, como se modificam, evoluem, ou que momento, ou estágio civilizatório alcançaram.

Isto considerado, para uma também adequada percepção do que são as pessoas e do que é a sociedade, é necessário que a percepção alcance, além de sua superfície, ou além de sua superficialidade, a sua essência, o que está ocorrendo na profundidade do fenômeno humano, ou da civilização.

Para conhecer o mar, não basta conhecê-lo em sua superfície, no vaivém de suas ondas, ou na beleza de sua chegada às praias, mas é necessário penetrar na sua profundidade.

O que está acontecendo com a sociedade e com as pessoas e como está se comportando a educação diante do que está acontecendo?

Em primeiro lugar, é preciso entender que a sociedade, ou a civilização em seu processo evolutivo, ou de transformação continua, e de forma cada vez mais acelerada, alcançou um estágio tal que deve ser caracterizado como globalmente de nível superior,” em relação ao conhecimento (ciência) e sua transformação em modo de utilizá-lo (tecnologia).

Nesta concepção, por abranger “o homem e todas as suas circunstâncias (e me utilizo da concepção de Ortega y Gasset”, esse estágio alcançou uma dimensão verdadeiramente civilizatória, elevando ao mesmo patamar de nível superior o desenvolvimento científico (do

conhecimento) e seu uso (tecnologia), repito, isto é, da forma de aplicar o conhecimento científico à realidade, não apenas à realidade das coisas, das engenharias ou das ciências exatas.

Mas é preciso admitir que é urgente e, por isto, prioritária a necessidade de abranger nessa concepção e no trabalho que se fizer sobre ela, a totalidade, quero dizer, também o homem em suas múltiplas dimensões, portanto em si mesmo, ou em sua vida pessoal, em seus relacionamentos na sociedade e na organização da própria sociedade.

É neste momento que, em complementação à tecnologia das coisas se pode, e se deve, falar, e é urgente que se fale, na tecnologia do homem e da sociedade.

É essa mudança fundamental de perspectiva, que nos permite falar de um mundo globalmente de nível superior, ou de uma civilização que vai exigir cada vez mais dos que nela vivem, ou que nela desejam ou vão viver, um preparo de igual nível, quero dizer, um preparo de nível superior, tanto no conhecimento (ciência) como na prática, isto é, de utilizando-o, fazer as coisas (tecnologia).

Isto quer dizer que o novo mundo da era pós tecnológica², exige, e vai exigir cada vez mais, pessoas de nível superior, na concepção ou no conhecimento de si mesmas e de seu lugar no mundo, nas suas relações com a sociedade ou de cidadania, na ética individual e pública ou coletiva, na política, na convivência familiar e comunitária, no cuidado com a

² Nesse livro utilizo **pós tecnológico** para significar o que vem ocorrendo no mundo depois do surgimento da nova tecnologia que levou a civilização à globalização e aos processos virtualizados, forma de tecnologia completamente diferente das tecnologias tradicionais. Por **civilização** entendo o conjunto de valores, a organização e os procedimentos que tornam a sociedade viva e dinâmica, acrescentando, portanto, algo mais ao simples conceito de sociedade e mais ainda ao simples conceito de organização, que pode ser encontrada também em outros níveis do processo de evolução.

saúde, com o morar e o alimentar-se, na prática do lazer e do esporte, ou enfim, em seu modo de pensar, de crer, de estabelecer valores e de optar corretamente entre as infinitas possibilidades de agir que lhe oferece um mundo complexo, de nível superior.

Este é o mundo de nível superior que desafia o homem, e esta a resposta que a educação está desafiada a oferecer.

Quero afirmar, enfim, que tal definição tem caráter absoluto, e que, ao fazê-la, penso tanto na educação individual como na educação na escola ou nos sistemas que pretendem organizá-la,”

Diante desta realidade acrescento a pergunta: como é, ou como será essa nova civilização, ou como deve ser construída essa nova civilização?

Para esse entendimento, ao finalizar essa transcrição feita a partir do original do referido texto, quero ainda insistir que esses conceitos aplicáveis a todo o processo educativo, têm especial aplicação aos processos que envolvem a universidade, de tal modo que se transformam em pressupostos para bem situar esse livro, em sua concepção, em seu tempo e em suas circunstâncias.

Insisto em dizer, enfim e por essa razão, que não seria possível deixar que se esgotasse esse tempo de transição de dimensão civilizatória, sem envolver nessa visão, e de um modo muito especial, a educação de nível superior, ou sem me referir à responsabilidade da universidade e ao papel que ela deve ter na construção dessa nova civilização, mais complexa, cada vez mais em contínua mudança e, portanto, cada vez mais dependente da ciência e da tecnologia, ou seja, cada vez mais dependente de organizar-se e de contar com de pessoas de nível superior, para organizá-la, para viver e conviver nela.

Esta é uma questão complexa, que envolve não apenas as pessoas individualmente. Sendo cada vez mais de nível superior, e cada vez mais necessitando de pessoas de nível superior, a nova sociedade, ou essa nova civilização, tanto mais precisa da universidade, e precisa cada vez mais de pessoas de nível superior, capacitadas para entendê-la, administrá-la e nela viver, como nela criar condições para que todos possam viver na plenitude de sua dimensão humana. Estarei sendo repetitivo?

Dessa forma, somam-se como componentes do mesmo processo, a formação integral das pessoas e a contribuição da universidade na construção da nova civilização, também como forma de superar esse momento de transição que estamos vivendo, pleno de insegurança, desorientação e ameaças sobre o futuro, mas também momento em que, mais do que apenas esperança, seria possível ter a certeza de que, feita a travessia, do outro lado a civilização vai prosseguir em seu processo de evolução, e cada etapa deverá ser sempre semente geradora das etapas seguintes do mesmo processo.

No entanto, para que essa civilização exista e desempenhe esse papel, ela não poderá vir como consequência do acaso, ou das forças cegas da história, ou do próprio processo, mas terá que vir como consequência e fruto do estágio civilizatório a que chegamos agora, dos valores incorporados nesse longo processo, e nos fortes anseios que subjazem na **Massa de Consciência** crescente no mundo, que há de ser esta a semente fertilizadora das próximas gerações nessa fascinante caminhada da evolução da espécie humana e de tudo o que existe, ou que foi criado.

Assim, pois, mais do que esperança, tenho certeza que nas mãos da universidade, ou dos intelectuais, dos mestres e doutores da academia,

profundamente integrados e articulados com as melhores forças sociais, está significativa parcela da construção do processo da nova civilização. Espero que esse livro possa levar a essas categorias, aos que despertaram para essa participação, alguma contribuição.

Sei que existem universidades, mestres e doutores, que já estão despertos e estão mais avançados do que as análises e propostas oferecidas neste livro, ou que já estarão caminhando por caminhos alternativos, que eles existem, ou deverão existir.

A esses só posso contribuir no sentido de que não esqueçam nunca a dimensão humana do processo civilizatório, que nesse processo estão envolvidos milhões, ou bilhões de seres humanos que podem ser para muitos, apenas números ou estatísticas. Mas que não podem ser apenas números ou estatísticas para os que se dedicam à construção do mundo.

É preciso ter a percepção aguda que eles existem, os seres humanos, com as mesmas dores, as mesmas alegrias, as mesmas angústias ou as mesmas esperanças que são as nossas dores, as nossas alegrias, as nossas angústias e as nossas esperanças. Por trás dos números ou das estatísticas, eles existem, como existem todas as suas circunstâncias, que são também as nossas circunstâncias:

- um Planeta, casa comum, a ser preservado;

- inumeráveis formas de vida e de recursos naturais, sem o quê, nada sobrevive;

- existe um imenso direito à participação de todos num universo e numa nova civilização cuja sobrevivência, face às dimensões dos avanços

científicos e tecnológicos, precisa de um mundo que assuma a solidariedade como instrumento da participação.

Essas são responsabilidades comuns e, creio que especialmente, daqueles que estão à frente, que lideram o processo de transformação, seja à nível mundial, seja no restrito meio de cada um, sua comunidade, a instituição de que participam. Mas desejo que para tantos, que ainda não encontraram, ou não participam do caminho :

-os que estão perplexos diante de um mundo que se transforma sem sua participação e que freqüentemente os elimina de qualquer processo,

-também aos que ainda não despertaram, ou aos que estão despertos à busca de entender ou de participar,

-a todos, enfim, tenho o mais vivo desejo que o livro sirva de ajuda para a melhor compreensão do que está acontecendo, como também para encontrar e inserir-se no que está acontecendo- esse processo de transformação do mundo que nos está levando, velozmente, à uma nova sociedade:

-uma civilização que a ninguém exclua, mas que abra a todos as portas da participação, e faça prevalecer em tudo a solidariedade, único caminho da amorização do mundo e, portanto, da construção da justiça e da paz.

Penso que há de ser difícil que essa civilização necessária possa acontecer sem a presença da universidade, centro de produção da ciência e da tecnologia também das coisas humanas, guarda do patrimônio da civilização e difusora permanente do conhecimento.

Oswaldo Della Giustina

PARTE I

A UNIVERSIDADE QUE TEMOS

(ou, o que é preciso mudar)

PARTE I

A UNIVERSIDADE QUE TEMOS

(ou, o que precisa mudar)

1. A Questão da Universidade

A questão da universidade não é apenas uma questão interna, de sustentabilidade financeira, de angariar alunos, de sobreviver na concorrência do mercado, de sofisticação do marketing e de outras questões que se costuma invocar quando se administram, consideram, ou, em geral quando se analisam as universidades, seus rumos, suas crises, ou suas estratégias de sustentabilidade.

Na verdade, essas questões que existem na universidade, têm por traz uma dimensão muito maior, a começar pela reflexão necessária sobre essa própria dimensão, a partir de dois fatores:

O primeiro fator, o que trata do próprio conceito de universidade e sua coerência com o que é praticado nela, ou por ela.

O segundo, quando se analisa o lugar que a universidade ocupa, ou deveria ocupar, no processo de transformação da sociedade, processo de dimensão civilizatória, trazido pelos avanços da ciência e da tecnologia.

1.1. Do conceito de universidade e de sua (in)coerência entre esse conceito e sua prática.

Há uma repetição exaustiva, e pode-se dizer quase unânime, quando se fala da universidade como **centro de produção, guarda e difusão do conhecimento, ou da ciência e da tecnologia.**

No entanto, quando se faz uma análise global, se conclui que até existem instituições que se dedicam a essa tarefa, que produzem ciência e tecnologia, que as guardam ou que as difundem.

Ocorre, porém, que mesmo nessas universidades, ao invés de serem elas, as instituições em si, que produzem o desenvolvimento, a guarda e a difusão da ciência e da tecnologia, muitas vezes essas atividades são desempenhadas (ou transferidas) apenas para algum departamento, algum instituto, às vezes um ou outro professor ou pesquisador que o fazem, eventualmente até incentivados pela instituição, quando não vistos com certo mal estar, pois fogem, ou obrigam fugir, da rotina

Mais grave ainda é quando se constata, que essas iniciativas freqüentemente sobrevivem se tiverem recursos extra, para desenvolver seus projetos, enquanto as Instituições em si prosseguem plenamente dissociadas entre seu conceito, de produtoras, guarda e difusoras da ciência e da tecnologia, e sua prática. E não percebem o abismo e a insustentabilidade, enquanto universidades, dessa dissociação.

No entanto, essa dissociação ocorre porque o esforço, ou a concentração do esforço dessas universidades se esgota apenas em uma atividade, em geral de ensino, quando não de garantia de resultados financeiros compensatórios, especialmente quando se trata de instituições particulares.

Ao me referir a instituições particulares, por razão de justiça, devo registrar que não todas, pois entre elas se encontram as que praticam a coerência entre seu conceito e sua prática.

Entre as práticas que dissociam as universidades em relação a seu conceito quero analisar algumas e nessa análise me refiro especificamente

ao que acontece no Brasil, embora as mesmas práticas seguramente devam estar ocorrendo em boa parte das universidades, provavelmente na maioria das universidades no mundo, especialmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil, ou sem desenvolvimento algum e sem muitas perspectivas de alcançá-lo, se não forem revertidas as tendências que hoje ameaçam o equilíbrio do mundo, ou da civilização, como veremos..

Valho-me para isto, e inicialmente, do roteiro de palestra que fiz em 2015, aos Executivos das universidades brasileiras, reunidos em encontro nacional através de sua Associação de Executivos Financeiros do Ensino Superior (FinanciES).

Vejamos, pois, a dissociação entre o conceito de universidade e sua prática:

1.2. A universidade como simples Instituição de Ensino Superior – IES.

Naquela palestra iniciava por chamar atenção de um certo equívoco comum entre o conceito de universidade, como instituição de desenvolvimento, guarda e difusão do conhecimento (da Ciência e da Tecnologia) e a forma como o expressamos, equívoco que, aliás, está expresso no próprio nome da Instituição promotora do evento: Executivos do ENSINO SUPERIOR.

E prosseguia:

Estamos acostumados a dizer, ou denominar a Universidade, como as demais Instituições universitárias, como INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES). Em consequência, considerada a correlação existente entre nossos conceitos e as formas como os expressamos, acabamos por

pensar as universidades prioritariamente como Instituições de Ensino, organizá-las como Instituições de Ensino e fazê-las funcionar como Instituições de Ensino.

Em consequência, aplicamos nas atividades de ensino, a maioria de nossos recursos humanos, financeiros e materiais, a maior parte de nosso tempo, de nosso marketing enfim, de nossas preocupações.

Apesar disto, todos sabemos, que elas são muito mais do que instituições de ensino. No mínimo, sabemos que elas são Instituições de ensino, pesquisa e extensão, como as define, ou denomina a Constituição brasileira original, repetem eventuais emendas constitucionais, ou a legislação geral e sobre cujo conceito acaba acontecendo certo consenso.

É preciso perceber, no entanto, que mesmo sendo instituições de ensino, pesquisa e extensão, as universidades devem ser muito mais do que isto, ou melhor, que a esse tripé deve ser dada uma dimensão muito maior do que desenvolver programas permanentes ou eventuais de assistência, assessoria, ou pesquisa ,às vezes setoriais ou simplesmente individuais,desse ou daquele professor,desse ou daquele departamento.”

Não sei se é o equívoco da denominação que gera essa dissintonia entre o conceito e a prática, ou se esse equívoco é ele que gera a denominação. Provavelmente ambos, a prática e o conceito, dão origem a um círculo vicioso que só faz fortalecer os próprios equívocos.

1.3. A universidade como fornecedora de diplomas.

Existem muitas estórias que desabonam o sentido da origem da educação superior no Brasil, entre elas a que atribui a um decreto de Dona Maria Primeira, Rainha de Portugal, (e do Brasil no período do Reino

Unido Brasil, Portugal e Algarves), mais conhecido, esse período, por seu regente D. João VI), a criação de cursos de direito “como exigência para os que queiram frequentar a corte”.

O dito, se não verdadeiro, serve para expor o quanto o título de doutor no Brasil, especialmente em algumas áreas como advocacia e outras, serve como afirmação de status de quem o possui, ou simplesmente o utiliza. Essa importância se demonstra desde na recepção que oferece o ascensorista de elevador ao usuário que chega engravatado-(“que andar, Doutor?”...ou” o Doutor tá bonito hoje ! ”...) até naquele que o utiliza para ser melhor reconhecido na sociedade, eventualmente na profissão, embora sendo apenas bacharel, ou enfim, portador de diploma de graduação, sem ter cumprido as exigências legais ou geralmente aceitas para a titulação do doutorado.

Mas o privilégio vai muito além do folclore, atingindo a cultura brasileira e ditando leis e instituições que atentam contra os princípios fundamentais do direito, como exemplo, o direito universal à igualdade entre os cidadãos.

Assim, no Brasil, para citar um exemplo dos mais aberrantes, o portador de diploma de nível superior cumpre sua pena em prisão especial, separadamente e em melhores condições dos demais apenados, ainda que condenados pelo mesmo crime.

Há outros privilégios que contam com alguma justificativa, embora a partir dessa justificativa extrapolem o que deveria conformar-se a seus limites. Isto ocorre, por ex., com o chamado (própria ou impropriamente) privilégio de exercício profissional.

É verdade, é bom, em certos casos é imprescindível, que o exercício profissional seja garantido pela exigência legal de posse do diploma de nível superior. mas esse privilégio deveria decorrer da segurança, ou do interesse da sociedade. Mas quando este princípio se transforma em princípio geral, abrangendo profissões que nada tem a ver com a segurança ou o interesse social, ele se transforma em simples privilégio que, freqüentemente, privilegia quem já é privilegiado por outras razões.

Algo semelhante ocorre quando o diploma se transforma em critério, por si, para estabelecer faixas, ou vantagens salariais ou de outra espécie, em detrimento de outros valores, como produtividade, competência, dedicação. Apesar de flagrante privilégio, com reflexos inclusive na produtividade dos serviços prestados, esse desvio é um dos privilégios muito reivindicados por segmentos da sociedade, como se fosse um direito...

Outro aspecto negativo dessa super valorização do diploma recai sobre a própria universidade, cuja clientela passa a matricular-se apenas com o objetivo de obter o diploma como meio, ou instrumento de obter algum dos privilégios referidos, sem qualquer responsabilidade com o desenvolvimento pessoal, seja do conhecimento, seja das outras dimensões humanas, que devem caracterizar quem, ainda, tem o privilégio de acesso à educação superior.

Esse tipo de demanda atendido por universidades, constitui um dos mais importantes fatores de queda da qualidade da educação e das demais funções da universidade.

Enfim, toda essa cultura de super valorização do diploma, na verdade de distorção de seu significado, ganha gravidade extrema quando se

transforma em motivação da própria universidade, que se transforma ela mesma, como é popularmente dita, em “fábrica de diploma”... o que é muito comum e significa pura e simplesmente a prostituição da própria universidade.

1.4. A universidade como fornecedora de mão de obra.

Retorno em seguida ao texto da referida palestra aos gestores das universidades (FinanciES) comentando o equívoco da universidade que acontece

“ quando concebemos e expressamos as universidades e demais instituições universitárias, simplesmente em relação ao mercado de trabalho, como fornecedoras de mão de obra, ou de profissionais detentores do privilégio do exercício de profissões catalogadas como de nível superior.

Por aceitarmos esse conceito da universidade, acabamos por organizá-las e fazê-las funcionar como instituições fornecedoras de mão de obra, talvez até qualificada para o mercado e, para nossos alunos, como garantia de sucesso profissional...

Sei que essa é uma cultura que vem da sociedade, e difundida pelos meios de comunicação, está na cabeça de muitas autoridades e de muitas instituições educacionais, também está presente em muitas famílias e nesse contexto acaba por impregnar também a cabeça dos alunos e da qual, nós, professores e gestores acabamos por participar, como revela a própria organização da universidade, seus orçamentos, suas peças de marketing nas mais diversas formas de comunicação, como também é transmitida nas salas de aula e através de outros meios.

Nessa linha, quero lembrar insistentemente, que o mundo em que vivemos é todo um mundo de nível superior, em todas as suas dimensões, e não apenas em sua dimensão de mercado, ou de mercado profissional.

Portanto, se a universidade quer corresponder à contribuição que a sociedade espera dela, se quiser estar presente no mundo, ela tem que formar pessoas de nível superior de acordo com a demanda do mundo, e não apenas de acordo com a demanda de profissionais do mercado.

E prossigo, na mesma palestra, chamando a atenção da importância dessa percepção também para a sustentabilidade financeira da universidade:

De passagem, observo que vocês, como gestores financeiros, já devem ter percebido que, em consequência dessa nova percepção, o mercado da universidade, ou de sua clientela, se amplia com evidentes reflexos também para sua sustentabilidade financeira.

Resumindo, porém, essa primeira parte, quero dizer que a universidade deve ser muito mais do que Instituição de Ensino,(IES) e muito mais que Instituição formadora de mão de obra para o mercado, se quiser estar presente no mundo, ou talvez, se quiser sobreviver e não ser descartada nesse processo de transformações ,do qual ela deveria ser importante parceira e, mais que parceira, promotora. Estou certo que é isto que a sociedade, no fundo, espera da universidade.

E acrescento agora: na verdade, espera dela a civilização em mudança...

1.5. A universidade como espaço de difusão, debate, ou proselitismo ideológico.

Quero acrescentar à difusão da ideologia a palavra conservadora, dando-lhe um significado muito específico, quando voltado a transmitir conhecimentos tornados obsoletos pelos avanços da Ciência e da Tecnologia.

Refiro-me também à pouca abertura da universidade, enquanto instituição (apesar dos esforços individuais de pesquisadores ou unidades específicas) para novos conhecimentos, novas propostas sistematizadas, que adêquem a organização social às transformações vividas pela sociedade.

A voltar-se para contribuir na solução desse desafio, as universidades, muitas, talvez a maioria das universidades no Brasil e em muitos países que a ele se assemelham, preferem fixar-se na transmissão de fórmulas de organização e funcionamento da sociedade, que até já funcionaram, mas que já não funcionam, sistematizadas que foram há dois ou três séculos atrás, à época da primeira revolução industrial ou, como se diz, da tecnologia da máquina a vapor.

Verifica-se esse equívoco quando se constata que essas universidades estacionaram e ainda passam adiante as velhas teorias do capitalismo ou do socialismo, especialmente em suas formas extremas, o comunismo ou o liberal capitalismo.

Pouco é percebida, ou debatida a questão de que o comunismo, como o capitalismo, foram fruto da primeira revolução industrial, teorizados em sínteses formuladas nos séculos XVIII ou XIX, como se não tivesse havido a segunda revolução industrial, e mesmo esta, já não tivesse sido ultrapassada pelos novos avanços da tecnologia que produziram a

globalização e a velocidade dos processos, as redes globais e a interdependência, enfim o imenso conjunto de avanços que comandam o mundo, muito além e acima daquelas teorias.

Tem-se a sensação que tal persistência acaba por substituir a ciência, o pensamento científico, pela ideologia, onde a noção crítica e a inovação, portanto os avanços do conhecimento, especialmente em relação ao ser humano e sua vida em sociedade, já não têm espaço.

Nessa condição é comum que o meio acadêmico se torne campo fértil para a difusão de ideologias e para o aliciamento de partidos políticos, grupos ou interesses de caráter político, ideológico, de esquerda ou de direita e outros interesses que já não fazem sentido nessa passagem da civilização para esse novo mundo da pós tecnologia.

Mais grave é que essa fixação no passado traz absoluto prejuízo para o avanço da investigação e da formulação de novas sínteses, ou novas propostas, no campo da organização econômica, política e social, propostas que estejam sintonizadas com os avanços da ciência e da tecnologia, contribuindo, dessa forma, para ampliação dos espaços de crescimento das crises, da insustentabilidade e da ameaça de ruptura da ordem civilizatória, quando deveriam ser, as universidades, espaços seguros e eficazes para a inovação e a mudança.

A prevalência de posturas ideológicas e de interesses alheios à sua função de produção, guarda e difusão da ciência e da tecnologia, ferem de morte a universidade.

1.6. A universidade como simples atividade comercial.

Pouco atrativo como interesse comercial no passado, quando a educação se resumia a uma sala de aula, onde se transmitiam conhecimentos a um pequeno e selecionado grupo de “clientes”, a educação, especialmente a educação superior, com a dimensão que tomou hoje, despertou o interesse comercial de grupos e corporações que viram surgir um grande e novo mercado, novo e grande mercado que as universidades, por si, estão custando a perceber.

Obediente às leis do mercado, diminuir custos, eliminar a concorrência e ampliar o mercado, concentrar como garantia de ampliação de lucros, essas universidades passaram a entrar na lógica das instituições comerciais. Essa perspectiva empresarial, tem garantido seus objetivos, de diminuir custos, ainda que à custa da qualidade do produto -a educação, seja como ensino, pesquisa ou extensão e a ampliação da clientela, massificada simplesmente como produto.

Comercialmente as empresas de educação se transformaram em corporações, valorizadas nas bolsas, entraram no mercado de compra e venda de instituições de ensino, de grupos concorrentes, algumas no caminho de globalizar-se, alternativa que se fortalece a cada dia, na medida em que cresce a utilização dos meios virtuais.

Considerando-se, porém, que a questão da educação não é meramente uma questão de transmitir conhecimentos, ou informação, para lembrar TS Eliot³, ou de distribuir diplomas, mas tem uma dimensão enormemente humana, de promoção de valores humanos, e de compromisso com a

³ T.S.Eliot (1888/1965): “Ai de nós que trocamos a sabedoria pelo conhecimento e estamos ameaçados de perder o conhecimento trocado pela informação...”.

construção do mundo que virá necessariamente como consequência dos avanços da ciência e da tecnologia, por todas essas razões, impõe-se que certos limites sejam respeitados, com vistas a garantia dos valores da educação em geral e, especificamente no que se refere à universidade, a garantia do exercício das funções que devem ser por elas desempenhadas, nesta transformação do mundo.

Não se quer afirmar de forma absoluta, que uma instituição de natureza comercial não possa desempenhar com eficácia- e até com louvável eficácia, essas funções, mas seguramente consideradas as razões expostas, e outras, existem categorias de instituições que melhor se adaptam ao cumprimento de funções de maior responsabilidade social, como a educação, ou a universidade.

Refiro-me à instituições nas quais o compromisso social supera os objetivos econômicos, ou financeiros, como, por exemplo, as fundações e outras formas de organizações sociais, cujo objetivo não é o lucro a ser distribuído a seus instituidores ou proprietários, ou investidores, mas existindo e no pressuposto de uma gestão competente, seu resultado seja reinvestido na melhoria qualitativa, e também quantitativa, da Instituição.

São questões que devem ser consideradas pelos gestores da educação, como por seus teóricos, ou qualquer pessoa que, enfim, seja a ela de alguma forma ligado. E haverá alguém que não está?

2. A universidade e seu lugar no mundo em transformação.

Esta é outra questão de suma relevância. A universidade já foi chamada de torre de marfim e, efetivamente, às vezes é, até em relação à sua comunidade de entorno, à sua região ou a seu país.

A questão, porém, é de uma dimensão muito mais grave, quando a história humana, em seu processo de evolução, passa por profundas transformações, que vão formatar uma nova civilização. Esta é uma nova etapa da história, ou do processo de evolução da espécie humana, etapa que acontece de forma global e do qual é preciso que o próprio mundo, e nele especialmente a universidade, tomem consciência para atuar sobre ele como agente ativo em sua construção.

Nessa nova etapa, e de certa forma a comunidade do entorno, a Região, ou o País, passou a ser o mundo.

As lideranças sociais, as que governam o mundo ou simplesmente as que interagem na sua comunidade, seja de que espécie for sua interação, não podem simplesmente alhear-se desse processo essencial, sem cuja percepção nada pode ser adequadamente percebido e, portanto, adequadamente administrado.

É preciso que tomem consciência, essas pessoas e suas instituições, que a ninguém é permitido passar ao largo, ou mesmo ficar simplesmente na denuncia de distorções, injustiças ou desequilíbrios, que existem em função desse próprio processo, sem contribuir na busca de caminhos alternativos, novas formas de dar resposta à complexidade e à perplexidade que o processo de evolução, empurrado pela nova ciência e pelas novas tecnologias que dela decorrem, trouxe à civilização.

Se isto se aplica a qualquer pessoa, ou a qualquer instituição, torna-se especialmente importante sua aplicação à universidade e a seus intelectuais, por ser de sua essência, quero dizer, por ser da essência, do conceito de universidade e de seu patrimônio científico, contribuir para o conhecimento do mundo, do homem e dos processos humanos.

2.1. Ciência e Tecnologia das coisas ou Ciência e Tecnologia do homem.

Devo dizer que é o conhecimento e os intelectuais que o produzem, portanto a busca e a descoberta da ciência como conhecimento, e de sua aplicação como tecnologia, são os fatores que justificam a existência da universidade além de garantir-lhe sustentabilidade no mundo em mudança.

Mas é preciso alertar que essa busca e essa descoberta não podem se esgotar, ou se restringir, como em geral acontece, no afã de obter resultados imediatos, ou seguindo a moda dominante, ao campo da ciência e da tecnologia das coisas, relegando a segundo plano, ou a plano nenhum, a ciência e a tecnologia do homem e da organização e funcionamento da sociedade, que é o que tudo justifica e sem o que nada tem sentido.

A essa inversão, ou a essa grave omissão, verdadeiro equívoco de prioridades, deve ser debitado o principal fator responsável pela disritmia existente entre o estágio do desenvolvimento das coisas em relação ao desenvolvimento das pessoas e da sociedade e, em consequência, pela crise em que vive o processo em sucessivo agravamento, no rumo de alguma forma de ruptura.

Também não basta, como dissemos, simplesmente a denúncia dos equívocos, dos desarranjos ou dessas crises em agravamento. Ainda que denunciado o estado de coisas, o desequilíbrios e as injustiças do processo em sua dimensão social, a nova sociedade, ou a nova civilização da pós tecnologia estará ameaçada de perder sua dimensão humana .

Subordinadas à tecnologia, as pessoas e a sociedade, feitas escravos da própria tecnologia por elas criada, estão ameaçadas de se transformarem

em novos aprendizes de feiticeiro, incapazes de controlar sua própria criação e seus resultados.

Essa incapacidade irá ocorrer com a certeza de um axioma, se a complexidade trazida pelos avanços da ciência e da tecnologia, componentes naturais do próprio processo de evolução da espécie humana, ou do universo de que a espécie humana é parte, não acontecer em sintonia com as transformações da organização social, ou da ordem civilizatória, o que fará que prevaleça o desequilíbrio e, como consequência do desequilíbrio, o caos, e como consequência do caos, alguma forma de ruptura.

2.2. A sobrevivência da ordem atual, face ao processo de transição civilizatória.

Devo dizer que a prevalência do caos na sociedade pós tecnológica, será indubitavelmente debitado pela história à ausência, à inércia e ao isolamento das pessoas e suas instituições em contribuir em sua construção e, dentre as instituições, em primeiro plano, será debitado à universidade, como entre as pessoas, à seus intelectuais.

São duas, pois, as questões que a universidade deve pôr-se, e me refiro ao além de sua rotina de instituição de ensino, de instituição do diploma, de fornecedora de mão de obra para o mercado, como instrumento de difusão de ideologias ou de interesses estranhos, enfim de simples ramo comercial:

A primeira questão que se põe é esta:

- Diante das crises em crescimento do modelo de organização social em que vivemos, dos desequilíbrios e da insegurança sobre o futuro, será

sustentável a ordem civilizatória (uso “civilizatória” para referir-me a todas as dimensões da sociedade) em que estamos vivendo?

- ou será aceitável que, sem uma preocupação crítica maior de sua sustentabilidade, seja essa ordem passada adiante pela universidade como parte de seu patrimônio científico, embora esteja ultrapassada pelos avanços da ciência e da tecnologia?

E a segunda questão:

- Considerando essas transformações trazidas pela ciência e pela tecnologia, quê preocupação tem tido a universidade em dar sua contribuição para construção de um novo modelo civilizatório (e torno usar “civilizatório” para significar todas as dimensões que constituem uma sociedade) que seja em sintonia com os avanços dessa mesma ciência e da tecnologia que dela decorre?

Apelando à consciência das universidades diante de questões de tal dimensão, na palestra ao FinanciES, a que já me referi, dirige-me assim a elas, através de seu gestores ali presentes:

“É diante dessas questões que em minha mente, ou em minha consciência, me aflora necessária e insistentemente a pergunta:

Que consciência tem a universidade de que ela é parte desse processo e como ela se posiciona diante desse cenário em mudança, ou para ela tudo está bem, ensinando e formando mão de obra para o mercado?:

Talvez no afã de multiplicar diplomas, na disputa do mercado que lhe permite ir sobrevivendo... ou tornar-se a maior...ampliar seus lucros...enfim,dominar sua parte,ou fatia do mundo....nada a ver com

construir um mundo humano,para a felicidade,ou de acordo com a dignidade humana...sonhos,dirão,é preciso ser prático...

Mas eu me pergunto, se a universidade não contribuir,quem o fará?

Concluindo essa segunda parte, quero dizer com convicção que a proposta de contribuir na construção de um mundo diferente, não é ou não pode continuar sendo, uma visão romântica ou, menos ainda, uma visão meramente ética, ou pior, uma visão apenas moralista, ou simplesmente um sonho, como podem estar pensando alguns, que me ouvem, os que imaginam equívocamente que para salvar a universidade, ou justificá-la, "é preciso ser prático."

Tudo bem. Sei no entanto, que vale dirigir-me a todos os que acreditam que sua universidade pode ser um ponto capaz de contribuir na construção de um mundo diferente,humano,participativo e solidário e ao mesmo tempo sintonizado com os avanços da ciência e da tecnologia,mesmo porque nada é mais prático,necessário e urgente do que contribuir nesta imensa tarefa..

E acrescentava:

Aos "práticos" quero alertar que o prático não é o que aparece na superfície. A superfície pode ser parte sim, da prática... Mas a prática começa muito além, se origina na essência, na natureza das coisas, como o mar na sua profundidade... e quando isto não é entendido,quando se confunde o prático com o superficial,com o dia a dia,seguramente se está à beira de cair em enormes e freqüentemente irreversíveis equívocos, abismos que a universidade que assim age, faz por desconhecer.Acabará por cair neles...

E concluí o pronunciamento, dirigindo-me àqueles que além da superfície são capazes de entender a profundidade.

A esses, àqueles que acreditam, quero dizer que não estão sozinhos.

2.3. Participação e Solidariedade: uma proposta para a Nova Civilização.

Ao levar essas considerações às universidades através de seus gestores que ali estavam eu quis me referir às aspirações e aos novos valores em crescimento no mundo: o respeito e a promoção dos direitos humanos, o direito à igualdade de oportunidades, a convivência harmônica no pluralismo de raças, religiões, culturas, etc., à justiça, ao amor, à paz e ao respeito à natureza e a seus recursos ,enfim a oposição ao ódio, à exclusão, à intolerância, ao conflito e à guerra...tudo prevalecendo sobre a prepotência, valores que interpreto no livro ” **Participação e Solidariedade**²⁴

Nesse livro, além da análise sobre esse momento de transição e o advento de uma nova sociedade- a civilização pós tecnológica, ou a civilização participativa e solidária, me refiro e procuro interpretar o conjunto desses valores que crescem no mundo, como uma nova “**Massa de Consciência**” sintonizada com as transformações trazidas pela Ciência e pela Tecnologia.

Esses valores crescem e se manifestam em todo mundo das mais diversas formas, e estão presentes na África como na América, na Europa como na Ásia, independentemente de raças, de crenças, de culturas, ou de

⁴ Della Giustina , Osvaldo, **Participação e Solidariedade - A Revolução do Terceiro Milênio (II)**(2ª Edição - Editora Unisul, 2008), Edição Francesa - Éditions Universitaires Européenne), 2016.

qualquer outro atributo, e faço questão de acrescentar, cresce em número cada vez maior de consciências e nas aspirações de toda a humanidade.

Creio que é o próprio instinto de sobrevivência da espécie humana, ou é a Providência divina, para os que respondem dessa forma ao mistério da vida e da espécie humana, que se manifesta e há de levar o processo civilizatório a bom termo, ao ponto Omega, na concepção de Teilhard de Chardin, concepção em boa parte responsável por essa perspectiva, que ainda há de ser objeto de aprofundamento maior, na sequência dessas reflexões.

Idênticos entre si onde quer que se manifestem,esses valores, no entanto,estão ainda razoavelmente indefinidos e dispersos,sem algo que os aglutine como um movimento sincronizado,mas essa aglutinação virá,despertada por uma razão qualquer,pode ser ao acaso neste mundo de iteração globalizada,ou pelo próprio crescimento inevitável da **Massa de Consciência**.

Ou virá,quando se formular uma proposta,uma síntese que os sistematize e os transforme em uma proposta concreta, prática,com suficiente capacidade de fundamentar a nova sociedade, repito que harmonize sua organização e seu funcionamento com os avanços da ciência e da tecnologia.

O livro **Participação e Solidariedade**, que tenho como inspiração e pano de fundo dessas considerações sobre a universidade, abre uma porta na perspectiva dessa sistematização, ao resumir os valores da Massa de Consciência em sua dimensão ética através dos princípios da Participação e da Solidariedade, princípios que dão nome ao livro.

A partir desses princípios, que sintetizam os valores da Massa de Consciência e que se localizam na esfera dos princípios éticos, poderão ser adotados os instrumentos práticos dessa nova organização social, sintonizados simultaneamente com aqueles valores e com os avanços da ciência e da tecnologia.

Nesse sentido, o livro avança um passo, apenas um primeiro passo entre tantos outros passos que precisam ser dados, (as universidades...os intelectuais...os gestores...) identificando a **Desconcentração como instrumento prático do princípio ético da Participação, e a Cooperação, como instrumento prático do princípio ético da Solidariedade.**

É evidente que essa análise, ou essa síntese proposta se choca com eventuais princípios “éticos” que sobrevivem de um mundo que já não mais existe (ou nesses dias os princípios éticos também já não existem ?) mas continuam valendo os **princípios práticos daquele mundo, a competição e a concentração**, que, além de continuarem organizando a atual ordem social, (ou desorganizando) continuam sendo ensinados nas universidades e praticados no mundo real, gerando a exclusão crescente apesar de todos os avanços aprofundando as crises e os desequilíbrios que ameaçam a sustentabilidade do processo civilizatório.

Sei que há os que não se preocupam com o processo civilizatório, porque o processo civilizatório é coisa de longo prazo, e no longo prazo dizem e ensinam os que perderam totalmente a dimensão humana, estaremos todos mortos... e esta aberração fez escola, como seu ícone,...também nas universidades...

Sou tentado a refletir o quanto é difícil entender, ou admitir, equação tão simples e evidente por si!...

Mas retorno ao essencial, para reafirmar, em absoluta discordância com os que descrevem ou não admitem que a força da **Massa de Consciência** há de prevalecer trazendo a nova civilização, sintonizada com os avanços da ciência e da tecnologia, reafirmar isto e reafirmar também, que, embora correndo o risco de ser visto como repetitivo... essa nova civilização fundamentada nos princípios éticos da participação e da solidariedade, viabilizados na prática pelos instrumentos operacionais da desconcentração e da cooperação, há prevalecer sobre a competição e a concentração., que teimam em continuar ordenando o mundo transformado pela ciência e pela tecnologia

Creio que não há como não perceber, que esses instrumentos- a competição e a concentração, presidiram a era da pré tecnologia, até com sucesso, mas se tornaram definitivamente ultrapassados na era da virtualização, da globalização, das comunicações instantânea e das redes globais, tornando-se nocivos e atentando contra a sustentabilidade da civilização.

Os desequilíbrios, que adiante serão analisados, não são fruto sem causa, e nem vale dizer que as distorções podem ser corrigidas por “programas compensatórios” por sistemas assistencialistas do Estado, ou pela mão aberta da filantropia...

Estou certo que, se essa mudança não vier pela consciência humana despertada, e pela capacidade de análise e promoção da mudança das pessoas e das instituições, ela acontecerá pelas forças cegas da

desorganização e do caos, o que provocará alguma inevitável forma de ruptura,repito.

Mas este não é o caminho da civilização e, **de certeza, isto não acontecerá:**

-se estivermos atentos e perceptivos ao que acontece no mundo, no mundo como um todo e não somente ao redor de nós beneficiários dos avanços da ciência e da tecnologia e do que ela proporciona: a riqueza, o conhecimento,a qualidade de vida ,que crescem a cada dia de forma concentrada,enquanto se agravam os problemas da miséria, da fome,das condições desumanas de vida,situação que atinge 1/3 da humanidade;

-se estivermos atentos, repito, à perda dos valores éticos e ao abismo que também cresce e separa as pessoas, as regiões e os países;

-se estivermos atentos, enfim,como se espera que estejam atentas as universidades e seus acadêmicos,os intelectuais, os artistas, os pastores de todas as crenças, enfim, os líderes que comandam a sociedade a nível mundial ou simplesmente ao seu redor;

-se todos estivermos atentos, se há de perceber que as transformações estão acontecendo e que é preciso dar uma resposta sustentável para os caminhos que levam à nova civilização e que, unidos, juntos todos os que acreditam que um mundo melhor é possível e que pode ser organizado para o bem dos Homens e de seus Valores e não para destruí-los, esses valores que hoje constituem a Massa de Consciência em crescimento no mundo...

-se todos estivermos atentos!...

XXX

PARTE II
A TRANSIÇÃO CIVILIZATÓRIA
(ou, o mundo em transformação)

PARTE II

A TRANSIÇÃO CIVILIZATÓRIA

(ou, o mundo em transformação)

A transição para a nova civilização para o bem dos homens e seus valores e não para destruí-los, já está acontecendo.

Um dos sinais mais evidentes de que essa transição de dimensão civilizatória já está acontecendo deve ser a percepção do que sucede com o Planeta, enquanto casa dos homens, casa que, destruída, não mais terá lugar para vida, ou para a civilização, mas que, preservada, terá sim, a dimensão necessária para abrigar a vida e tudo o que nela existe.

Vou iniciar, por isto, lembrando fortemente a ameaça que pesa sobre o Planeta dos homens, a casa comum, a nossa casa, embora sem muito me alongar porque os dados estão aí quantificados, os sinais estão sendo sentidos, as mudanças climáticas, o esgotamento das águas, a poluição, enfim...

Se, por um lado, esta materialidade é mais facilmente percebida porque mais quantificável, não há razões suficientemente fortes para que não se veja também nos sinais de desestruturação da ordem social a mesma ameaça de insustentabilidade somando-se à insustentabilidade do Planeta, embora ainda existam os que não são capazes, ou que não querem ver, e dentre esses, nesse momento, pode bem ser apontado como exemplo, o recém eleito Presidente do Estado Unidos e suas ameaças contra a civilização.

Como o primata do alto do Empire State Building, esse Presidente continuará lançando suas ameaças sobre a civilização. Mas o que preocupa é que, contrariamente a King Kong, o Presidente parece incapaz de dobrar-se à força do amor e, ao que até esse momento tudo indica, continuará inflado pela prepotência cega que o faz imaginar manter o domínio sobre o mundo, como acontecia, efetivamente, em tempos que a nova tecnologia ultrapassou, definitivamente. Tomara que aprenda, sem fazer que a humanidade pague o preço, por esse retorno ao passado.

Se suas ameaças vierem a prevalecer, o advento da nova civilização sofrerá atraso equivalente ao atraso que ele conseguir inserir no processo civilizatório e a sociedade, as próximas gerações, ou quem sabe ainda esta geração, é que irão pagar esse preço.

Embora essa segunda parte do livro inicie pela deterioração do Planeta, não me alongo muito além do que registrar como poderá ser visto no futuro o que está acontecendo hoje, agora, com o Planeta e o que o futuro poderá dizer sobre a responsabilidade desta geração, portanto, de um modo especial sobre a universidade, em relação ao que nele, no Planeta, está acontecendo. Não me alongo porque os estudos são suficientes e estão aí à disposição, elaborados por órgãos cuja capacidade e responsabilidade não podem, seriamente, ser ignorados ou contestados.

Ao contrário, os estudos reforçam a evidência de tudo o que se vê a cada dia, das mudanças climáticas, da escassez da água, do esgotamento das reservas de recursos naturais, da deterioração do meio ambiente, das migrações dos excluídos de todas as formas de miséria do mundo, enfim, se reforçam as conclusões dos estudos, na medida em que estivermos atentos

a toda a deterioração que está acontecendo diante dos olhos de quem,além de ter olhos para ver,estiver disposto a ver.

No entanto, esses sinais não são mais do que a consequência de um tipo de civilização, isto é da organização e dos comportamentos da sociedade, incompatíveis com a sustentabilidade do Planeta e com o estágio a que chegou a evolução da espécie humana e da natureza da qual ela é parte. .

Por isto tudo, não faz muito sentido analisar a deterioração do Planeta ou sua sustentabilidade, sem relacioná-la com o estágio da civilização, como não haveria muito sentido em elaborar sobre a deterioração, ou insustentabilidade da civilização, sem considerar a deterioração que ameaça a sobrevivência do Planeta, como disse, casa dos homens,da civilização,a nossa casa.

Por isto faço essa análise colocando à consideração apenas um estudo recente, um original estudo feito por dois ilustrados cientistas,sobre como restarão o Planeta e a Civilização, se não forem tomadas agora as providências necessárias para preservá-los.

Refiro-me ao livro **A Derrocada da Civilização Ocidental**, escrito por uma professora pesquisadora de Harward e um engenheiro da Nasa⁵.

1. A insustentabilidade da ordem da Civilizatória.

Embora,como vimos, existam os que resistem, não há muita dúvida de que cresce a consciência mundial de que a destruição do Planeta e,

⁵ **Naomi Oreskes e Erik Conway**- Il Crollo Della Civiltà Occidentale-Ed. Piano B Edizioni-Prato, 2015, It.

portanto, da civilização, constitui uma ameaça real e não uma hipótese ou apenas um devaneio de poetas e desocupados.

A gravidade da questão é que a mesma consciência nem sempre está presente nos líderes que comandam o mundo, como também vimos, ou nas instituições, inclusive em muitas universidades, que são, ou deveriam ser, as universidades, a consciência do mundo. Cito como exemplo as posições que tem sido tomadas tradicionalmente, na China, ou a resistência dos Estados Unidos,

- **ontem**, em assinar o protocolo de Kioto, e

- **hoje**, a negação das conclusões do Relatório da Cúpula de Paris no contexto das recentes declarações e medidas adotadas pelo Presidente americano, a que já me referi, para quem o lucro (a aliança das armas e dos negócios) e a prepotência no uso do poder estão sendo colocados acima de qualquer compromisso com a preservação do Planeta, ou sequer o mínimo de igualdade de direitos e deveres entre todos os homens, na era da globalização e da interdependência.

- **Além do primarismo** de suas declarações e das medidas que soam como ameaça de ressuscitar o egoísmo isolacionista das pessoas e dos nacionalismos de outrora, de fazer dos mais fracos e da posse concentrada do poder, da ciência e da tecnologia, o instrumento de satisfação da ambição ilimitada de alguns em detrimento de todos...

- **ou apesar desses**, diante da dimensão da Massa de Consciência em crescimento no mundo, o primarismo não há de prevalecer, e a história há de cobrar de todos aqueles que “podendo fazer nada fizeram pela salvação do Planeta”,

-e de todos os que nada fizeram, será cobrada a falta de resposta para o alerta lançado por tantos, cientista, líderes sociais, responsáveis por parcelas de poder na sociedade, como também pelo anseio de segurança das pessoas, diante das ameaças sobre o futuro, cada dia mais visíveis e presentes na consciência coletiva.

Fazendo eco a tantas denúncias, são os referidos cientistas, Noemi Oreskes e Erick Conwey que denunciam por antecipação, essa inevitável cobrança da história de *” todos os que sabiam o que estava acontecendo com o Planeta, sabiam o que poderia vir como consequência do que estava acontecendo e sabiam tudo o que era necessário fazer para que as consequências não acontecessem, mas nada foi feito.”*

1.1. A derrocada da Civilização Ocidental (a insustentabilidade do Planeta).

Vejamos o que disseram os referidos cientistas, conforme a já referida palestra que fiz aos Executivos das Universidades brasileiras, no encontro promovido pelo FinanciES. Alertava naquele encontro: *“Essas preocupações serão melhor entendidas se fizermos uma análise do momento que estamos vivendo, ou que está vivendo a civilização. Nessa análise quero me colocar na perspectiva dos cientistas americanos Noemi Oreskes, professora da Universidade de Harvard e de seu parceiro ,engenheiro da Agência Espacial Americana- a NASA, Erik Conwey.*

Esses cientistas colocam-se na perspectiva de historiadores do ano 2.300, e nesta condição passaram a analisa, interpretar e descrever, o que teria acontecido ao mundo, ou à civilização, pouco mais de 200 anos

antes, a partir daquela data, portanto, a partir do fim do século XX e durante o século XXI, ou seja, nos dias que estamos vivendo.

Pois bem, dizem eles sobre esses dias:

“os cientistas, os empresários e os chefes de Estado daquela época, sabiam o que estava acontecendo, sabiam as consequências do que estava acontecendo, mas nada fizeram para impedir que tudo viesse efetivamente a acontecer”.

Dessa perspectiva, os autores passam a descrever o que aconteceu ao mundo nesse período no livro A DERROCADA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL que, creio, ainda não está em nossas livrarias e nem sei se estará, pois sendo um livro cientificamente embasado, é possível que não seja transformado em best seller, a ser exposto nas vitrines, à cobiça de nossos olhos. Tenho comigo a edição em italiano

No entanto, boa parte do que ali é descrito nós já estamos vivendo e, como foi dito, está sendo denunciado. No contexto desse mundo em desagregação, se a universidade se fechar em si mesma, com seus equívocos, ela estará contribuindo para que a derrocada da civilização aconteça, e ela, a universidade, será incluída pela história, entre aqueles “que sabiam o que estava acontecendo, sabiam as consequências do que estava acontecendo e sabiam o que deveria ser feito para que não acontecesse, mas apesar disto, nada fizeram...”

Quero dizer que se a universidade, onde, por pressuposto, estão os melhores cérebros da sociedade, nada fizer, quem vai fazer?

-os políticos?

-as corporações econômico-financeiras?

-os sistemas que dominam o conhecimento, a tecnologia e os mercados, abafando a diversidade, o pluralismo das culturas e, portanto, a liberdade?

-os fundamentalismos religiosos, ou de qualquer outra ideologia?

-os que têm no lucro, no poder ou na ambição sem limites, os seus deuses, a quem tudo deve ser sacrificado, inclusive a sustentabilidade da Terra e a dignidade dos Homens?

Creio, meus amigos, que o ponto de partida, para reverter essa tendência, consiste em que a universidade comece por ver as crises, ou as tragédias que rondam a seu redor e ameaçam o mundo, a cada momento e de tantas formas, como sinais evidentes de que a transformação do mundo já está em processo, transformação que tem a dimensão de verdadeira transição civilizatória.

Essa transição, levará a civilização a alguma forma de ruptura, ou poderá abrir para nossa geração, e para a universidade, a oportunidade única de construir uma nova sociedade, sintonizada com os avanços e as transformações trazidas pela ciência e pela tecnologia, onde as dimensões, ou as aspirações humanas sejam preservadas.

Se não formos capazes de construir essa nova sociedade, todos os avanços da ciência e da tecnologia, toda a riqueza produzida, toda promessa feita e a esperança cultivada, terão sido inúteis. A universidade terá sido inútil”

1.2. A ordem mundial insustentável.

E prossigo na mesma palestra:

“-Ou vocês acham que é sustentável, um mundo onde o mau uso da tecnologia, em menos de um século, destruiu de forma irrecuperável, mais de 30% dos recursos naturais do Planeta, e está produzindo mudanças climáticas que, se não revertidas em tempo, poderão tornar a Terra um Planeta da vida em extinção?”

“-Ou vocês acham que é sustentável uma economia, que cresce globalmente em torno de 3% ao ano, enquanto o resultado desse crescimento se concentra nas mãos de uma minoria cada vez menor, a mais do dobro, quero dizer, a mais de 6% ao ano, ampliando perigosamente, nessa progressão geométrica, o abismo que separa os beneficiários do processo dos que dele são excluídos?”

“-Ou vocês acham que é sustentável uma civilização, onde os sistemas globais, que estão comandando o mundo, graças ao poder da tecnologia concentrada em suas mãos, estão fazendo substituir a diversidade, fundamento e pressuposto da liberdade, pelo monopólio das culturas e pela unificação do pensamento, dos usos e costumes impondo à civilização a ideologia, ou a cultura, do consumismo e da alienação de um mundo de valores perdidos?”

“-Ou serão sustentáveis os regimes políticos, incapazes de estabelecer a justiça nas relações entre as pessoas e entre os povos, mantidos, esses regimes, pelos sistemas de opressão dos que têm de sobra sobre os que têm falta de tudo, e ao me referir aos que tem de sobra, não me refiro só a pessoas, mas também a países ou regiões e também não me refiro só a bens materiais, mas me refiro especialmente aos bens culturais, ao bem estar,

ao acesso á saúde, à educação, enfim, a tudo o que significa uma dimensão humana de ser e de viver?

***-Será sustentável,** meus amigos, um mundo onde os avanços da ciência e da nova tecnologia produziram uma total transformação, trazida pela informática, as redes globais e a interdependência, a física cósmica, a química fina, a microbiologia, enfim..., enquanto a organização social e as relações humanas em nada mudaram, ou mudaram apenas superficialmente e continuam inspiradas e administradas de acordo com normas, leis, princípios, equações e ideologias geradas nos passados tempos da primeira Revolução Industrial, ou em séculos anteriores, que a era da nova tecnologia ultrapassou irreversivelmente?*

E continuo ainda, meus queridos:

***-Será sustentável** um mundo onde milhares de pessoas, de tantas formas excluídas fogem das guerras, das tiranias, da fome, da doença e da morte, em grande parte herança dos Impérios "colonizadores" onde "o sol não se punha", arriscando a vida, e milhares morrendo na travessia de mares, nos muros e nas cercas de arame farpado do mundo rico, lembrando, ao avesso, os campos de concentração da era nazista e fazendo reviver cenas da idade média que se imaginava jamais pudessem ser vistas novamente?*

***-Enfim, deixo com vocês a pergunta,** se será sustentável um mundo onde a ética e os valores foram destruídos nas relações humanas e, frequentemente, na consciência dos homens, deixando o vazio nas mentes e nos corações, para ser ocupado pela ambição sem limites, o lucro e o consumismo, o pansexualismo e o prazer, o poder e o dinheiro,*

estabelecidos e adorados como novos deuses e supremos valores ,a quem tudo se sacrifica, inclusive a dignidade humana?”

1.3. Alternativa ao terror, ou à guerra : a construção da paz

“Não, a era, ou a história desse mundo selvagem, ou dessa civilização ameaçada de uma derrocada global, necessita com urgência de quem, em algum lugar, tenha a capacidade, e a exerça, de identificar, desenvolver e difundir os fundamentos, as normas ,as estruturas e o funcionamento de uma nova civilização, capaz de usar e usufruir da tecnologia, sem que se destruam as dimensões humanas , o homem, e sua dignidade,ou a espécie humana.

Procuro, então, levar o raciocínio a uma conclusão:

Mas para que isto não aconteça, o mundo selvagem, é necessário e urgente perceber que a segurança do mundo, ou a sobrevivência da civilização, já não poderá ser feita pela força ou pela concentração das armas que, no passado, garantiam o domínio e a segurança do mundo com base no poder do mais forte...

Pensar assim equivale a não perceber que se globaliza também e se difunde a força, através do acesso aos meios que a tecnologia fornece, nas mãos de uma nova forma de poder sem nome e sem face, espalhando o terror, a insegurança e o medo, multiplicando atentados e banalizando a morte em processo contínuo e crescente.

É preciso entender que o terrorismo é um processo novo, fruto dessas circunstâncias e não apenas uma seqüência de atos insanos, e isto explica

melhor as recentes tragédias, acontecidas no ar, de que são exemplos entre outros ,a tragédia das torres mundiais do comércio de Nova York ,as aeronaves explodidas sobre os territórios da Ucrânia e do Sinai, ou a violência e a morte se multiplicando no mundo, seja no Oriente Médio, na Ásia , na África, onde acontecem as maiores tragédias, essas que não são transformadas em espetáculo midiático como quando acontecem em Paris,em Londres,em Madri,nos Estados Unidos, ou na insegurança e no medo que toma conta de nossas cidades e dos habitantes da Terra....

Tais formas desesperadas do terror e da violência estarão a cada dia ampliando SEU espaço, porque se trata de um processo, fruto do esgotamento de um modelo de civilização e não, como disse, apenas de atos circunstanciais.

Lembro ter lido, há coisa de vinte anos, um romance de ficção⁶, onde a chantagem ameaçava o mundo com uma dezena de ampolas de bactérias letais, capaz de envenenar as fontes de água que abastecem as cidades do mundo. Até há pouco uma ameaça assim era apenas ficção.

Hoje leio que a vigilância sobre as fontes de abastecimento de água das grandes cidades, está nas estratégias de segurança preventiva dos poderosos, através de seus ultra sofisticados sistemas de segurança e monitoração de pessoas, com que imaginam dar sustentabilidade ao mundo.

Enquanto isto, em nome da segurança, as liberdades conquistadas pelo homem através de sua história, irão sendo cerceadas a cada dia, ameaçando nos fazer regredir à era da barbárie, que julgávamos definitivamente superada.

⁶ **Morris West**- PROTEUS. Editora Circulo do Livro.São Paulo, 1969.

Até onde teremos de ir?

Dessa regressão, meus queridos, serão vítimas nossos filhos e netos, ou quem sabe, ainda vocês em sua velhice, se esse processo não for revertido a tempo.

Diante de tais desafios, pode a universidade estar alheia, como se não pertencesse a esse mundo em transformação?

Há alguma dúvida de que, inserir-se neste processo e contribuir para que nele, alternativamente ao caos e à violência, se construa a nova civilização de dimensões humanas, é um desafio e uma responsabilidade histórica também, estou a dizer especialmente, da universidade?

Se ela não o fizer, quem o fará?

Haverá outros caminhos para construir a Paz, ou a Sustentabilidade?”

2. Outros sinais e novos dados comprovam a insustentabilidade

No entanto, a questão mais grave é que as desigualdades que geram o desequilíbrio – e portanto, a insustentabilidade (e é bom lembrar que na natureza nada é sustentável depois que se ultrapasse o ponto de equilíbrio, e a sociedade é parte da natureza, ou não é? ou é um ser à parte?) vem crescendo de forma preocupante, para não dizer de forma aterrorizante no mundo.

Na verdade, a gravidade da questão da concentração que gera o desequilíbrio e portanto, a insustentabilidade, não é um fenômeno estático, como se apregoa, no sentido de que as camadas mais pobres

também elevam sua renda, seu acesso a determinados bens, antes só acessíveis às camadas superiores.

Isto seria verdade se a desigualdade fosse um fenômeno estático, mas não é.

Por não ser estático, mas por ser um fenômeno dinâmico, a desigualdade deve ser analisada como um fenômeno relativo, que diz respeito à diferença em determinado momento, entre os que são, ou possuem mais, em relação aos que são, ou possuem menos. É o crescimento dessa distância, que gera e agrava a desigualdade e, portanto o desequilíbrio, a insustentabilidade, ou o caos, que às vezes chamo simplesmente de ruptura

É para essa inevitável ruptura, cuja forma ficaria no campo da ficção se tentasse antecipar, (mas para cujas consequências o referido livro "A derrocada da Civilização Ocidental" procura alertar) que é para onde caminha necessariamente a insustentabilidade, se não for revertida a tempo, se cada um, e a universidade também e especialmente, se julgar dispensado de contribuir.

2.1. Cresce o desequilíbrio: análises da OXFAM.

Valho-me inicialmente dos últimos dados de que disponho, extraídos do Relatório da OXFAM, (e não é o único Relatório a analisar esses dados ou dados semelhantes) organização não governamental inglesa que se dedica ao combate à pobreza no mundo e portanto ao estudo da questão. Os dados que serviram de base para o Relatório foram produzidos e extraídos pela OXFAM, especificamente, do Banco "Credit Suisse".

Pois bem. Segundo esse Relatório, 1% de população mundial possui 50% da riqueza mundial, restando portanto, apenas outros 50% para 99% da mesma população.

E segue o relatório mostrando que essa distância vem crescendo.

Assim é que em 2014, essa concentração nas mãos do 1% da população mundial era “apenas” de 48% sobrando, portanto, 52% para o restante, o que parece um crescimento pequeno da desigualdade. Mas se considerarmos que isto aconteceu em 2 anos, veja-se o tamanho da velocidade com que o fenômeno da concentração está acontecendo.

Tem razão pois, Winnie Biangyima, responsável pelo Relatório, quando afirma:

“ a amplitude das desigualdades mundiais é horrorosa e o fosso entre as grandes fortunas e o resto da população cresce vertiginosamente”.

Antes de prosseguir é necessário registrar, como faz o Relatório, que o mesmo modelo de concentração se repete entre os mais pobres. Em 2014, dos 52% da riqueza que sobrava para os 99% mais pobres, os 20% menos pobres detinha 94,5%, sobrando para os o restante 80%, ou ou 3.5 milhões de pessoas, apenas 5,5% da renda possuída pelos mais pobres.

Só para citar o caso brasileiro segundo aquele Relatório, as 400 pessoas mais ricas detém 40% de toda a riqueza nacional, número similar a outros estudos de várias universidades brasileiras, entre elas a Universidade de São Paulo-USP e outros organismos nacionais, como o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

2.2. O crescimento do desequilíbrio no caminho da ruptura : Análise do livro Participação e Solidariedade.

Em meu livro **Participação e Solidariedade - a Revolução do Terceiro Milênio (II)** publicado em sua 1ª Edição em 2004, os dados e as análises nele contidas já demonstravam toda a ameaça dessa concentração contínua e da dimensão, já naquela época, do tamanho da desigualdade que ela produzia.

É verdade que não disponho, como não dispunha naquela ocasião, de números seguros sobre a velocidade dessa concentração, mas afirmava, e confirmo a afirmação, nesses termos:

“Não é só a riqueza que se concentra e que, concentrando, exclui. O ritmo em que cresce a concentração é maior do que o ritmo de crescimento da riqueza: algumas estimativas permitem dizer que a concentração cresce em torno de 5 a 7% ao ano, enquanto o crescimento da riqueza mundial está abaixo de 3% e, o que acrescenta maior gravidade ao processo: a riqueza cresce mais nos países ricos do que nos países pobres, sugando parcela do já pequeno crescimento desses países”

O mesmo acontece em relação ao conhecimento e à tecnologia. Em 1998 (estávamos em 2004) 95% das patentes estavam nas mãos dos países industrializando, restando apenas 5% para o resto do mundo.

Creio que a análise dos ritmos diferentes do crescimento da riqueza e do crescimento da concentração, deveria constituir um bom índice para o qual as universidades (e por que não os especialistas?) deveriam voltar-se e aprofundar, porque esse processo continua considerado um processo normal, inclusive nas universidades, concentrando... concentrando...

Na verdade, esta é uma das leis, (a do” direito “... ou da estratégia da concentração...) mais cruéis,mais detestáveis e desumanas que subsiste na atual ordem social e ,sem qualquer atenção, ou crítica ,é praticada pelo mercado e ensinada...nas universidades...sei lá, como fundamento da economia,como ética...ou simplesmente, a ética não tem nada a ver com as leis da economia?

O livro, porém, prossegue, já naquela época, alertando para o crescimento contínuo dos números da concentração, citando dados de outra obra de minha)⁷ autoria,essa publicada no ano 2.000: **Humanização da Sociedade: Humanização da Sociedade, A Revolução do Terceiro Milênio (I).**

Esses números, parecem insignificantes quando comparados com a dimensão do que acontece hoje em termos de fusão, compra,associação,enfim das mais diversas formas como o maior,ou os interesses somados,fazem engolir o menor,ou ligar-se ao igual para somar mais força,ocupar mais espaço.

Sobre eles diz o texto, referindo-se ao que vinha acontecendo nesse processo:

Escandalizava a UNESCO “.... o fato de que a fusão de alguns bancos iria somar ativos concentrados em torno de US\$ 240 bilhões.No entanto,em 1999,só a fusão do BANK of America e do Nations Bank gerou um ativo de US\$ 524 bilhões.

⁷ Della Giustina, Osvaldo, Humanização da Sociedade: A REVOLUÇÃO DO TERCEIRO MILÊNIO (I)Editora Litteris,Rio de Janeiro,2000

No ano seguinte a fusão anunciada de bancos japoneses associados iria gerar um ativo de US\$ 1.3 trilhões e a das bolsas européias, se ocorrer, como fora anunciado- algum dia provavelmente ocorrerá, permitirá administrar ativos da ordem de US\$ 7 trilhões....”.

Esses números, insignificantes diante dos números das fusões, incorporações e outras formas associativas que acontecem hoje e são anunciadas a cada dia nos jornais, nas redes sociais, ou simplesmente, sequer são anunciadas surpreendendo apenas os mais atentos, com o fato consumado.

Mas não são insignificantes os dados citados quando referem às desigualdades sociais comparando a situação de países, ou, dentro dos países, entre as diversas categorias sociais.

Inicialmente aquele livro voltava a observar que a UNESCO já se manifestava escandalizada em sua Conferência Geral -21ª reunião havida em Belgrado, em 1980, portanto 20 anos antes.

Transcrevo o texto, para mostrar de quão longe vem o processo de acumulação de renda e exclusão e insisto, exclusão não apenas quando significa estado de absoluta miséria, fome, doença ou morte, mas quando significa crescimento contínuo da distância, ou do abismo, dos que têm, ou são, mais, face aos que não têm (ou são) menos.

Esses dados demonstram que a desigualdade não é uma questão conjuntural, mas é um processo histórico, que diz respeito à evolução civilizatória, e se agrava na medida em que a tecnologia e a ciência, crescem e são utilizadas em favor da competição e da concentração, enquanto se mantêm os mesmos fundamentos e normas que ordenam a organização social e seu funcionamento.

Diz o livro A Revolução do Terceiro Milênio (I) :

“ Há 30 anos escandalizava a UNESCO,também o fato de que a renda média dos países ricos ultrapassava em mais de 100 vezes a renda média dos países mais pobre: U\$ 9 mil nos Estados Unidos contra U\$ 70 na Tanzânia.

Hoje esse diferencial já ultrapassa 300 vezes (U\$ 25 mil nos Estados Unidos, contra os mesmos U\$ 70 na Tanzânia”.

É nessa proporção que vai aumentando a desigualdade.

O livro ainda alerta adiante

“Enquanto isto o processo de exclusão cresce na mesma proporção. Os dados da ONU mostram que mais de 2 bilhões de pessoas no mundo,hoje,(1988) vivem abaixo do nível da miséria,passando da condição iníqua para a condição desumana.A expressão é do Relatório da ONU sobre o Desenvolvimento Humano,1988,condenadas a viver com menos de U\$ 2,00 por dia pra satisfazer todas as suas necessidades,ou ao mínimo de seus direitos fundamentais de sobrevivência e um mínimo de dignidade ou de condições de vida humanas.

E mais uma vez:

Se o processo de concentração-exclusão não for revertido, aos 2 bilhões de excluídos de hoje,nos próximos 50 anos irão somar-se mais 4 bilhões,porque irão nascer na África,na Ásia,na América Latina,não nos Estados Unidos ou na loira Europa do Norte.”

Cabe alertar, nessa perspectiva, que se preparem os novos Centros do Poder- as novas Torres Mundiais de Negócios, porque essa legião de excluídos virá...

Pois bem. O processo de concentração-exclusão não foi revertido, e o alerta conclui:

“Hoje a população do Planeta, se aproxima dos 7 bilhões de seres humanos. Era de pouco mais de 5 bilhões à época das denúncias feitas. Portanto, dos 4 bilhões que irão nascer na África, na Ásia, na América Latina, quase metade já vieram e não nasceram na loira Europa do Norte ou nos Estados Unidos⁸.”

-Quando se vê, somando à outras razões ,em geral ligadas às desigualdades extremas que se ampliam no mundo e que fazem o pano de fundo onde se agravam as outras razões, quando se vê o que está ocorrendo na União Européia com milhões de imigrantes...,

-ou quando se tem de ouvir a ontem impensável ameaça da construção do muro do atual Presidente americano, para separar o que ele imagina, seja a segurança ou a riqueza dos Estados Unidos, da pobreza da América Latina...,

-quando se toma consciência de tantas ameaças que estão ocorrendo, seja o aumento da miséria e da fome, as mudanças climáticas e o esgotamento dos recursos naturais do Planeta inclusive, ou especialmente, da água...,

⁸ Della, Osvaldo Giustina. Humanização da Sociedade: **A Revolução do Terceiro Milênio** (I). Editora Literis RJ, 2000.

-quando se analisa o aumento das desigualdades sociais ou as lutas e estratégias dos que fazem por ter o domínio e monopolizar o mundo, e se voltam contra os que cultivam suas tradições, crenças e culturas...,

-quando o terrorismo mostra o quanto é capaz de fazer através de sua guerra alternativa, que pode ser apenas o início da sucessão de tragédias, hoje ainda inimagináveis às experiências humanas...,

-quando as pessoas começam a entregar sua liberdade diante do uso dos avanços tecnológicos em favor da concentração, da eliminação da diversidade e, portanto da liberdade, a maior das conquistas humanas, ou civilizatórias, em sua trajetória evolutiva...,

-quando, enfim, as pessoas e as instituições, entre elas as universidades, continuarem cegas ao significado e às dimensões de tais e tantos desequilíbrios e continuarem alheias à necessidade e à urgência de formular uma nova síntese, ou novas sínteses, capazes de reordenar a sociedade pós tecnológica, (depois dos últimos avanços da ciência e da tecnologia) cada pessoa ou instituição dando sua contribuição a seu nível, para construção de um mundo diferente onde possam sintonizar-se a dignidade humana e seus valores com esses avanços ...,

-enquanto esta sintonia não ocorrer, como tenho alertado- e não estou só no emitir esse alerta, o mundo não vai acabar, mas não há de ser pequeno o preço a ser pago por esta e pela próxima, (ou pelas próximas) geração para salvar o que resta e reconstruir a civilização. .

- É por esta razão, porque será possível reconstruir o que resta, que afirmo com segurança que a civilização não vai acabar.

A questão se refere ao preço, que não será pequeno, a ser pago pela omissão, inclusive, ou especialmente, o preço que pagará a universidade para reconstruir a civilização, preço que há de ser, no mínimo, igual ao tamanho dos desvios embutidos no processo civilizatório e à demora para corrigi-los.

3. As sociedades sobrevivem através das mudanças civilizatórias.

Esta não é a primeira vez que o processo de evolução da espécie humana e de sua civilização vive uma mudança nessa dimensão.

Em função disto, parece-me necessária uma referência, ainda que sumária, sobre como têm acontecido outras mudanças civilizatórias na história da espécie humana, a nossa história.

Mas, se de uma lado existem semelhanças entre as mudanças civilizatórias vividas no passado e a que nos coube viver agora, é preciso considerar, de imediato, duas diferenças muito importantes:

-a primeira- no passado, as mudanças aconteciam localizadamente, ora em um lugar ora noutro, freqüentemente sem que entre elas houvesse qualquer forma de ligação de causa e efeito, ou de outra espécie. Hoje, a mudança civilizatória está sendo, ou será global, atingirá e afetará profundamente todo o Planeta e seus habitantes, como consequência da própria globalidade de todas as coisas, como sabemos, consequência dos avanços da ciência e da tecnologia.

-A segunda- no passado, as mudanças civilizatórias ocorriam em longos períodos, que se estendiam por séculos ou milênios. A mudança que

está ocorrendo hoje está ocorrendo com grande velocidade, o que poderá determinar a derrocada instantânea da atual ordem mundial (política, econômica, social, etc.) graças, aos avanços da ciência e da tecnologia, do que resultará o caos, se toda esse processo não for revertido a tempo, com a adoção de uma nova ordem mundial, ou uma nova ordem civilizatória, sintonizada com os avanços da ciência e da tecnologia

Volto ao tema essencial para reforçar que, nesse processo, a universidade não pode estar alheia, como se o processo não necessitasse dela, ou como se ela não fosse instrumento essencial na construção da nova sociedade ou, enfim, como se ela mesmo não tivesse de inserir-se nesse processo como condição de sua própria sobrevivência, ao menos de sua sobrevivência como instituição útil para a sociedade...

3.1. As mudanças civilizatórias fizeram a história da civilização.

Transcrevo, novamente, considerações do livro **Participação e Solidariedade- A Revolução do Terceiro Milênio (II)** que, por sua vez, utiliza também comentários de meu livro anterior- **A Revolução do Terceiro Milênio(I)** sumariando, dessa forma, o sentido das mudanças civilizatórias havidas no passado.

O livro inicia afirmando que, se no passado a descoberta do uso do fogo, ou da máquina a vapor- a descoberta do uso dos metais e outras descobertas havidas na história, inclusive os avanços científicos ou ideológicos, acrescento- provocaram mudanças civilizatórias, isto é, mudanças que abrangeram toda forma de organização e funcionamento da sociedade, por quê, pergunta o livro, os avanços das novas tecnologias- como

da ciências ou das ideologias,acrescento,- ocorridas neste século e no século passado,principalmente na segunda metade e em dimensão nunca vista,não haveria de provocar uma nova mudança civilizatória,inclusive,acrescento também,tão grande como jamais vista?

Valho-me do texto do mesmo livro para uma rápida exposição de como as grandes mudanças civilizatórias acompanharam, ou impulsionaram,a evolução na história, dando sustentabilidade ao processo civilizatório:

“....quando o homem,dominado o fogo,descobriu o uso do ferro,do cobre ou do bronze,transformando esses metais em armas,conseguiu o mínimo de domínio sobre a natureza e sobre outros homens,os que não tinham tido acesso àquelas tecnologias,digamos assim. Isto lhe permitiu substituir o regime tribal,ou nômade pela primeira forma de organização societária- a cidade,a partir da qual se construíram os impérios antigos,acrescento.Sobrepondo-se assim à organização das tribos,ou dos clãs, produziu a primeira grande transformação civilizatória,em milhares,ou milhões de anos.”

Seguindo as análises do livro, mudanças civilizatórias se sucederam na história, milênios ou séculos depois, sob a influência do desenvolvimento dos mais diversos fatores,seja pelo desenvolvimento das diversas formas da ciência antiga, da interpretação do sentido do homem,do universo,ou da filosofia. Assim se sucederam os primitivos impérios substituídos pela civilização grega, ou pelo Império Romano, ou pelas diversas formas de organização ocorrida sob a influência de fatores específicos, mas comparáveis, no mundo oriental.

Da análise dessa diversidade, se pode concluir que no passado não tem sido único, uniforme, o processo de evolução da história,mas que esse processo evoluiu através múltiplas formas de civilização ,no ocidente,no médio ou no extremo oriente.

Dentre essas diversas formas, especialmente o ocidente, chegou à civilização que teve no cristianismo, com forte herança greco-romana, à civilização feudal, ou o feudalismo um novo estágio civilizatório, predecessor e, de certa forma inspirador de um novo estágio civilizatório,o que estamos vivendo.

Na verdade, como nas eras anteriores, a organização feudal apenas antecedia a uma nova forma de organização, contrariamente ao que podem ter pensado os monarcas e os barões feudais, no ocidente e os grã vizires ou os samurais, no médio e no extremo oriente. Nisso, aliás, eles cumpriram o papel em geral desempenhado pelas elites beneficiárias do statu quo, de não perceberem, ou de se oporem à evolução do processo

Nesse contexto, o desenvolvimento da ciência experimental, com o progresso da mecânica e a descoberta da máquina a vapor, somados como causa e consequência, ao renascimento das artes e da filosofia, que vinha substituindo os modelos tradicionais de pensar, de ver o mundo, as relações humanas, ou o universo, todo esse desenvolvimento viabilizou as grandes descobertas marítimas e modificou os meios de produção.

Ultrapassado o feudalismo, o processo de evolução, ou de mudança, trouxe o novo estágio civilizatório...

Criaram-se as fábricas. As cidades passaram a organizar-se e crescer ao redor delas, não mais das Igrejas ou dos castelos , que ficaram ultrapassados por esse novo estágio, que se expandiu pelo mundo através

da expansão do próprio modelo industrial, ou pela imposição das diversas formas de colonialismo, que chegou a submeter mais da metade do Planeta à exploração dos países chegados primeiro à industrialização.

A nova realidade formada pela introdução do modelo industrial, definiu novas teorias de organização da sociedade, consolidadas especialmente no modelo capitalista, desde o fim do século XVIII, ou nos modelos socialistas nos meados do século XIX. De acordo com essas novas sínteses, o mundo ficou dividido pelas novas teorias que priorizaram o capital, o capitalismo, ou a sociedade, na utopia marxista que deu origem, e nada mais que a origem, aos regimes comunistas nela inspirados.

Pois bem, como os faraós ou como o patriciado romano, ou como os imperadores e monarcas do feudalismo, enfim, como todas as elites dominantes de cada estágio civilizatório, os novos senhores do mundo, continuam imaginando que o regime que impuseram e sustentam globalmente, seja um modelo eterno, ou talvez a etapa final da evolução, ou, o que é mais provável, talvez nem se ponham questão de tal significado.

De qualquer forma cumprem o papel das elites beneficiárias do modelo que as beneficiam, resistindo ao processo de evolução da história, ou da marcha da civilização.

Resistem, apesar do evidente desequilíbrio e da insustentabilidade do modelo que sustentam, com as crises se agravando globalmente em todos os setores da organização e da vida social, como vimos.

Opõem-se, não aderem, ou resistem a aderir à idéia de construir uma nova civilização, apesar dos avanços absolutos da ciência e da tecnologia, que vem acontecendo desde a primeira revolução tecnológica que ditou o

modelo industrial do qual são beneficiários e apesar, também, de tudo o que esses avanços significaram nesses poucos séculos, ou apesar da dimensão que alcançaram nesse último século.

Se não na oposição, mas nessa ausência de contribuir na organização de um novo modelo de sociedade, alienadas do processo em curso, infelizmente devem estar incluídas muitas universidades, talvez a maioria das universidades, embora seja evidente o desequilíbrio, ou o descompasso, que se formou e cresce entre a nova realidade trazida pela ciência e pela tecnologia, e a morosidade, ou a resistência que se põe à mudança da organização da sociedade, morosidade ou resistência das instituições e também das pessoas, muitas das que formam e muitas, muitas das que são formadas, ou que passam pela universidade.

A pergunta se torna necessária e a resposta terá que estar com a universidade:

Por quê?

Não percebem, todos os que se incluem nessas categorias, pessoas ou instituições, repito, que a sustentação desse modelo num mundo em transformação gerou e continua gerando de forma crescente, um desequilíbrio, ou uma disritmia no processo, disritmia que levará a todos, provavelmente os que mais se opõem em primeiro lugar, mas depois também os alienados, enfim, levará a todos, na voragem da ruptura. Ao menos no passado, sempre foi assim. Não é provável que agora, no presente, seja diferente.

Não posso concluir esse alerta, sem lembrar mais uma vez que, em toda natureza, todo desequilíbrio, ultrapassado seu ponto de equilíbrio, rompe, desmorona, como numa sinfonia, toda disritmia, desafina a

orquestra toda. Não gostaria que a universidade estivesse entre os que fazem ultrapassar o ponto de equilíbrio, o que fossem o instrumento a desafinar a sinfonia...

3.2. Como toda natureza, também as mudanças civilizatórias obedecem à leis que a regem.

Como ocorre em toda natureza, seja a natureza espalhada no universo, seja a natureza da vida como a conhecemos, seja, enfim, tudo o que existe no macro como no micro cosmo, tudo tem suas leis a que obedecem. Assim o processo civilizatório também tem suas leis que o identificam, e que explicam sua evolução.

Retorno ao livro Participação e Solidariedade, que identifica três dessas leis:

- **A primeira:** Toda evolução constitui um processo de passagem do simples para o complexo

- **A segunda:** o ritmo do processo de evolução obedece à lei de aceleração das mudanças.

- **A terceira:** a complexidade quando ordenada gera a vida ou a civilização; a complexidade desordenada, leva ao caos, à ruptura, ou à morte.

Primeira lei- Toda evolução constitui um processo de passagem do simples para o complexo.

Atenho-me, à análise do livro citado, Participação e Solidariedade:

“Esse caminho já o ensinara Teilhard de Chardin, dedicado ao estudo do homem desde suas origens, em sua obra essencial – O Fenômeno Humano, concluída em 1940 e publicada postumamente, em 1951⁹.

Deste princípio se deduz que, quanto mais complexo um ser tanto mais elevado situa-se na escala evolutiva. Isto ocorre com todos os componentes dessa escala, ao nível físico, biológico, psicológico ou nas funções, de relação e de organização e, portanto, de maior abrangência, ou perfeição espiritual, inclusive. Na verdade, à medida em que acontece o processo de complexificação, tanto mais se aproxima o ser da multiplicidade de funções, de relações e de organização e, portanto de maior abrangência, ou perfeição.”

Em sequência o livro discorre sobre as relações entre a complexidade e o exercício da liberdade, que se exerce na plenitude, apenas no ser humano, por causa da consciência e sua capacidade de ordenar, ou desorganizar, a realidade complexa. Essa relação ocorre porque quanto maior for a complexidade, tanto maior é o número de elementos ou de alternativas, ou facetas de cada elemento que podem ser justapostas, ou ordenadas de forma diferente, resultando nessa complexidade, uma diversidade indefinida de arranjos.

Esse princípio, da complexidade como pressuposto da consciência e, portanto da liberdade, se aplica a toda a escala evolutiva, sejam os elementos materiais, orgânicos, psicológicos, sociais ou conceituais, sendo que, como vimos, essa diversidade só vai alcançar plenitude no ser humano, onde se viabiliza o surgimento da consciência, e sua capacidade de

⁹ Teilhard de Chardin-O Fenômeno Humano-Ed. Agir,(1954).

perceber(apreender)analisar,organizar e optar,portanto de exercer a liberdade.

A partir dessa concepção, o livro afirma que quanto mais complexo for o ser tanto mais livre, ou tanto mais dispõe de condições para o exercício da liberdade, por causa da consciência que atua sobre a diversidade.

Afirma, enfim, que, assim concebida,

”a liberdade torna-se busca, aspiração, meta ou objeto do próprio processo evolutivo”,

e prossegue:

“Tudo o que é simplificado, estandardizado, monopolizado, único, contrapõe-se à liberdade. A busca da complexidade ordenada torna-se, assim, a vocação do homem, dele e de todo o processo evolutivo, do qual participa no nível de cada elemento,ou espécie,toda a natureza. Portanto tudo o que contraria a complexidade,contraria a natureza.”

E conclui:

Toda evolução é, em consequência, um caminho para a liberdade.

São essas questões que desafiam, que estão em jogo, nesse momento de mudança civilizatória,quando,inclusive a própria liberdade está ameaçada, vejam o absurdo, pelo próprio avanço da ciência e da tecnologia, cujo mau uso produz, de um lado, a unanimidade, e de outro, o medo, a insegurança e leva,em consequência à renúncia da liberdade..

Pode a universidade passar alheia a questões de tal magnitude, como se ela, a universidade, não pertencesse, ou não tivesse uma

responsabilidade não pequena face à sua identidade de produtora e difusora do conhecimento, sobre os processos que afetam a natureza, e portanto o homem e o universo?

Segunda lei - O ritmo do processo de evolução obedece ao princípio da aceleração das mudanças.

A verdade dessa lei decorre da simples observação do que está exposto no item anterior 3.1 que versa sobre a história das mudanças civilizatórias, como instrumento, ou meio através do qual sobreviveu a civilização.

Aquela análise, ainda que sumária, mostra que a primeira grande mudança civilizatória através da qual o homem primitivo superou seu estágio nômade e tribal para construir a civilização das cidades e dos impérios, terá durado milhões de anos.

A passagem da civilização dos impérios primitivos, para a civilização grega e romana aconteceu em bem menos tempo, em alguns milênios, ou menos, de acordo com os parâmetros que se adotem.

Pode-se contar apenas em séculos a mudança das civilizações greco-romanas para a civilização feudal e em tempo muito menor a mudança da civilização feudal para a civilização industrial.

Nós, ocidentais, se buscarmos um conhecimento maior para saber o que acontecia, paralelamente, na história das civilizações orientais, haveríamos de encontrar a mesma lei da aceleração das mudanças, garantindo também, das mais diversas formas, a evolução das diversas civilizações nessa outra metade da humanidade.

Pois bem. Se a análise referente à aceleração das mudanças civilizatórias prosseguir, verificando o que aconteceu e está acontecendo no mundo, nos últimos duzentos anos, ou seja, a partir da sistematização da civilização industrial, seja na linha capitalista, seja na linha socialista, até o presente, se pode concluir com segurança, que estamos vivendo uma nova mudança civilizatória, como imposição dessa lei.

Essa conclusão, portanto, se impõe, não só por causa das enormes avanços havidos na ciência e na tecnologia nesse curto período, sem dúvida uma das causas de mudança maior do que qualquer outro a que se atribuam as mudanças civilizatórias, mas se impõe também, ou sobretudo, na lógica da lei da aceleração das mudanças.

Essa lógica impõe percebermos que, também por esse condicionamento é chegado o momento da nova mudança, agora da civilização industrial capitalista ou socialista, para uma nova civilização, a civilização da pós tecnologia, ou da era pós tecnológica.

Diante dessa conclusão, se impõe com evidência a pergunta: nessa aceleração constante, onde se há de chegar?

Como será essa nova civilização?

Apesar do risco de qualquer resposta a essa pergunta, por causa da ocorrência possível do inimaginável, seria razoável dizer, dentro da lógica da lei da aceleração das mudanças, como também da concepção geral da história, ou da evolução, como o caminho da virtualização, ou da leveza da espécie humana (a espiritualização?) seria razoável dizer que a história, ou a civilização, caminham para se transformar em fluxo contínuo, caminha para um novo estágio, onde a mudança, a transformação, passa a se constituir em estado natural, essencial da natureza das coisas.

Para os que se dedicam à filosofia, talvez se possa falar de uma passagem real, não conceitual, da realidade estática de Parmênides, para a realidade dinâmica, o continuo mutante de Heráclito, isto elevando a questão do ponto de vista da história, da sociologia, ou da antropologia, para sua dimensão filosófica.

É necessário perceber que essa civilização deveria vir, ou ser construída, pela percepção e pela competência das pessoas, de todos, cada um ao nível de seu meio, e das instituições, cada uma ao nível de seu espaço.

No entanto, se ela acontecer ao acaso, sem a presença do homem e das instituições para lhe apontar os rumos, ela seguramente caminhará no rumo de alguma forma de caos do qual resultará a ruptura.

Ou acontecerá imposta pelos sistemas, se os sistemas vierem a dominar o mundo, e então será uma civilização desumanizada, um retorno ao primarismo do domínio do mais forte sobre o mais fraco- um novo totalitarismo, que usará do poder da tecnologia e dos próprios sistemas que ela terá gerado, para se impor ao mundo e ao homem, em todas as suas dimensões.

O livro **Participação e Solidariedade** alerta sobre essa ameaça:

“....a tecnologia utilizada em favor do processo de concentração, contrariando o rumo do processo de evolução do homem e da natureza (o pluralismo, a diversidade, a liberdade) põe a humanidade sob a ameaça de ser submetida a uma nova forma de totalitarismo, ou a uma nova forma de totalitarismo global, muito mais absoluto do que qualquer outro que tenha existido, com um agravante: os ditadores do passado, sem serem globais, possuíam cetro e coroa, ou ostentavam o

fatídico bigodinho,que permitia apontá-los à execração pública.Agora já não....

Na era pós tecnológica, a ditadura global se transformará em monopólio virtual e se esconderá por traz dos sistemas sem nome, sem rosto e sem alma. Os novos tiranos vão dominar a economia,pensar por todos,ditar a cultura,a ética e os costumes,impor valores e imaginam,e vão tentar policiar o mundo em favor de seus próprios interesses.

Ferem assim de morte o pluralismo, castram a capacidade criadora do homem, desumanizam o processo, geram os desequilíbrios e a insegurança o que acabará por levar o processo à ruptura anunciada. ”

Isto considerado, penso que a forma que terá a ruptura e o caos, ou qual será o preço a pagar,ou,enfim, quê civilização resultará, não há como definir mas, fugindo ao que possa ser previsto, se situa no campo da ficção,da fê,ou do sonho.

Diante disto, retorna com a mesma insistência a pergunta:

Pode a universidade passar ao largo desse processo, deixando que seu desfecho aconteça por obra do acaso, ou simplesmente de quem,eventualmente ,imagine poder sobrepor-se á lição da história e, utilizando da tecnologia concentrada, imagina dominar o mundo?

Terceira lei - A complexidade ordenada leva à vida ou à civilização; a complexidade desordenada leva ao caos, à ruptura e à morte.

Retorno ao livro Participação e Solidariedade que, na seqüência de sua análise sobre o processo de complexificação, ou da evolução, alerta:

“Este caminho para a perfeição, no entanto, somente ocorre na medida em que ocorra, paralelamente, a organização da complexidade. Se essa organização paralela não acontecer, o crescimento da complexidade leva ao caos. O caos, isto é a desorganização dos componentes do ser, significa a negação do funcionamento harmônico do todo e da complementaridade das partes e, portanto, a morte.”

Isto: afinal o que é a morte senão a desagregação do funcionamento das partes dos seres vivos? Mas não é também a sociedade, enquanto civilização, um ser vivo que se estrutura, que funciona como funcionam os seres vivos?

E prossegue o livro:

“...os sistemas tendem a simplificar, estandardizar estruturas, relações e comportamentos. (O computador também...) Na verdade a natureza do processo- o aumento contínuo das relações sociais, está a exigir um esforço equivalente, contínuo e eficaz de reorganização da sociedade e de suas relações, ou seja, a reorganização dos múltiplos e crescentes elementos que constituem a estrutura social (pessoas, instituições, grupos, nações, estados, etc. e suas relações,) e de seus relacionamentos, para que a vida social permaneça harmônica dentro do pluralismo decorrente da complexidade.

É esse pluralismo crescente que constitui a pré condição do exercício da liberdade, e portanto, a vocação do processo evolutivo, repito, ou da natureza que encontra no ser humano sua mais plena expressão – por causa da consciência, e que por isto deve ordenar o processo de forma harmônica e equilibrada para sobreviver, por causa da dimensão da tecnologia.

Este o caminho da nova civilização.

E conclui:

“Desta forma, o homem ir-se-á progressivamente integrando na harmonia do universo, parte que é da natureza universal, bem como inserida estará toda a sociedade, enquanto expressão do homem e meio consciente em que ele vive, ou suas circunstâncias, segundo Ortega y Gasset. Se esta integração não ocorrer, prevalecerá o caos, e o caos significará a ruptura do processo, a frustração da natureza – a morte, mesmo que haja o renascimento depois. Mas a morte poderia ter sido evitada.”

Pode a universidade ficar alheia a esse enredo, a esse desafio que se põe à humanidade, nesse momento crucial de sua história, ou da história da civilização?

É possível organizar, e fazer funcionar a universidade de modo que ela contribua na resposta, necessária e urgente, que lhe faz esse desafio?

4. Os Fundamentos da Nova Civilização

Vimos que a atual ordem mundial, ou estágio civilizatório é insustentável. Vimos, em consequência, que vivemos em plena mudança civilizatória, na busca da construção de uma nova sociedade- a civilização da era pós tecnológica .

As perguntas à busca de resposta são:

-quais os fundamentos, ou os valores que podem embasar a atual ordem civilizatória e fazer reverter a ameaça de ruptura que paira sobre ela,

restabelecendo a harmonia no ritmo de sua evolução e a sintonia entre as mudanças tecnológicas e o novo estágio proposto para a civilização?

-como operacionalizar esse valores, e seus fundamentos, para que a nova ordem civilizatória aconteça, para que a civilização pós tecnológica se organize inspirada por eles?

4.1. É preciso harmonizar os ritmos da mudança.

A resposta a essas perguntas, segundo o que propõe o mesmo livro, **Participação e Solidariedade**, começa por reconhecer que

“...se os elementos que interagem no processo de evolução dos seres, ou da história, não evoluem de forma harmônica, resulta- já está dito- uma disritmia no processo e esta disritmia faz crescer as ameaças do caos, ou da ruptura. Essas ameaças se manifestam em crises das mais variadas, em sua forma, intensidade e conseqüências.

Nesse final do século 20 e início de milênio esta disritmia está existindo. As coisas impulsionadas pela tecnologia, dispararam à frente da evolução do homem e de sua organização social, ou de suas formas de convivência (da civilização) ”

E prossegue:

“Está afirmado no livro A Revolução do Terceiro Milênio (I), que o preço a ser pago para superação dessa disritmia, a qual gera as crises, é sempre proporcional à demora em encontrar caminhos de superar as crises, ou a disritmia e, portanto, também proporcional à dimensão das distorções que essa demora permite serem introduzidas no processo”

E conclui:

“Há momentos da história que é necessário perceber as crises desta forma: como componentes da disritmia introduzida na evolução estrutural do processo e não apenas como crises superficiais ou disfunções eventuais da conjuntura. Estamos vivendo um desses momentos.”

Quero dizer que, adequadamente percebida a dimensão das crises, ou das distorções que se verificam em todos, absolutamente em todos os setores da sociedade, devem ser vistas em ritmo crescente, ainda que se considerem suas eventuais flutuações

Tenho segurança em afirmar que a partir dos valores da Massa de Consciência, que **sintetizo nas dimensões éticas da Participação e da Solidariedade**, se terá o ponto de partida para que se reorganize a sociedade e, a partir deles, se possa construir a nova civilização.

Dessa forma, harmonizando as medidas e os instrumentos operacionais de viabilizar a nova sociedade com os valores da **Massa de Consciência** se terá o caminho sustentável de construção da sociedade pós tecnológica.humanizada,sustentável,sintonizada com os avanços da Ciência e da Tecnologia.

Não creio que haja outros caminhos, seja o de imobilizar o processo, seja o de buscar saídas nos velhos conceitos de competição e exclusão, do socialismo ou capitalismo, ou da esquerda ou da direita, que levaram o mesmo processo a todos os seus impasses e incertezas. Ora, esses impasses só fazem obstruir os caminhos sem oferecer caminho alternativo algum, ou qualquer esperança viável para o futuro.

É preciso perceber que esses velhos conceitos, ainda que emendados, não são compatíveis com os referidos valores, como também são incompatíveis com qualquer formulação no sentido de utilizar a ciência e a tecnologia em favor de uma sociedade, ou de uma civilização, sustentável e minimamente humana.

No entanto, reordenar a complexidade trazida pela própria tecnologia e construir a sociedade, ou a civilização, onde o processo de mudança harmonize os avanços da ciência e da tecnologia com as dimensões humanas, isto é possível.

Em quê consiste a **Massa de Consciência**, esse novo conceito a que por diversas vezes me referi, quê valores ela oferece, onde se possa buscar esse fundamentos (valores ou aspirações humanas) e como operacionalizá-los?

4.2. A busca dos valores fundamentais da nova Civilização: Massa de Consciência, a Participação e a Solidariedade.

Abrindo a porta para os que vierem se integrar no esforço pela construção dessa nova civilização, ou da organização e funcionamento da sociedade pós tecnológica, torno a valer-me da palestra que fiz aos gestores das universidades (FinanciES), reunidos em seu Congresso nacional.

Valho-me mais uma vez dessa palestra porque as universidades tem um papel essencial nessa construção, não só em função de seu compromisso com o ser humano e com a civilização (sem o que elas perderiam o seu significado essencial) mas também como forma e garantia

de sua própria sustentabilidade em função de sua resposta às aspirações da sociedade.

Nessa palestra, faço as seguintes considerações:

“Esses que têm olhos abertos para o que acontece no mundo, já terão percebido que paralelamente à violência, à angústia e à desesperança, cresce a cada dia, e cresce globalmente, aqui como na China, na África, na Europa como na América, ou em qualquer outra parte do mundo, uma nova Massa de Consciência, que se manifesta através de anseios mais ou menos conscientes, embora difusos, em favor da recuperação de valores perdidos, ou da descoberta e adoção de novos valores, adequados aos desafios da era da pós tecnologia, na qual nos coube viver..

Cito alguns dos anseios e valores que compõem a Massa de Consciência, ponto de partida, inspiração e fundamento de uma nova Síntese Social capaz de ordenar a nova civilização.

Entre esses anseios e valores, lembro :

-a sustentabilidade ambiental e o amor à natureza, à justiça e à paz;

-os direitos humanos, a vida como valor essencial, uma nova ética pública e pessoal;

-o pluralismo e a convivência cooperativa e solidária de culturas, de raças, de regimes, de costumes, de modos de agir e de pensar;

-A fé, ou a crença num mundo transcendente, a Vida, ou o Ser, que torna relativas as realidades imanentes, e que pode se expressar através das mais diversas formas de religiosidade, ou espiritualidade no sentido

mais amplo do termo, estabelecendo valores e cada vez mais convivendo ecumenicamente, na diversidade da complementação mútua..

-ou seja, um mundo sustentável, pluralista e comprometido com a dignidade humana;

-um mundo participativo, tomando o lugar do mundo competitivo, concentrador e excludente, que à vezes as próprias universidades continuam a ensinar, como se vivêssemos ainda na era das tecnologias baseadas na mecânica ou na máquina a vapor.

É este mundo diferente, meus amigos, que está presente e cresce na mente e no coração de milhões ou bilhões de pessoas no mundo, à espera de que alguém lhe dê uma resposta, formule, proponha e lute pela implantação de uma nova síntese social.

*É a partir desses anseios, dessa **Massa de Consciência** que cresce no mundo, que a universidade poderá desenvolver esse nova síntese, (repito, porque sem que fixemos isto, inútil terá sido toda nossa reflexão) e através dessa síntese, propor as novas formas de organização da sociedade, ou da civilização da era da pós tecnologia.*

Essa nova síntese social deverá abranger e substituir globalmente os conceitos e as normas que regem nossa civilização, desumanizando o homem e tornada insustentável a ordem social, em consequência dos avanços da ciência e da tecnologia, sem que tenha havido equivalente avanço no homem e em suas instituições.

Assim os novos conceitos e as novas normas terão que abranger a política, a economia, a ética, o direito, as relações humanas, a ocupação e o uso do Planeta e de seus recursos, enfim, os novos modelos que

organizarão e farão funcionar a nova sociedade do mundo pós tecnológico,a nova civilização.

Estarei sonhando uma dimensão grande demais para universidade? Ou será pequena demais a dimensão que estamos acostumados a atribuir à universidade?

*Estou certo, caríssimos, que esses valores da **Massa de Consciência**, que mais do que meus, deles sou apenas um participante, são adequados para inspirar os novos modelos, ou as novas formas de organização social, posta em vossas mãos, quero dizer, nas mãos daqueles que assumem a responsabilidade de contribuir na superação das crises e na construção da nova civilização”.*

Complemento essas considerações lembrando que o conceito de “massa” como instrumento da mudança sempre esteve presente na história, como, aliás, também em algumas teorias ,como é o caso do marxismo,a massa proletária,a massa camponesa.Mas também podemos falar da massa dos montanhese que impulsionaram a Revolução Francesa, dos povos bárbaros que destruíram o império Romano,ou que se abateram sobre outros impérios.

O que há de diferente nesse conceito de Massa proposto nessas reflexões, é que já não se está referindo a uma massa como um instrumento material, multidão de indivíduos onde em geral a consciência se amortece, e sim no que eu chamaria de uma massa onde a pessoa tem lugar, por causa da consciência, elevada, portanto, ao campo da dimensão humana ,constituída e movida por anseios psicológicos e espirituais- a consciência ,que a diferencia da massa em seu sentido tradicional,de peso,de manobra,de multidão...

Esta percepção reverte-se de especial importância à medida em que percebemos como ela se insere no processo evolutivo do homem e da sociedade, que caminha do simples para o complexo, do pesado para o leve, do material para o místico ou espiritual.

Massa, portanto, enquanto suficiente para determinar a mudança, mas de consciência, na medida em que alcança a plena dimensão humana, psicológica ou espiritual.

Retornando ao livro **Participação e Solidariedade**, o mesmo encontra nas palavras que lhe dão o título-Participação e Solidariedade, a síntese das aspirações da Massa de Consciência, dos anseios, ou dos valores que a movem.

Anseios e valores. Quando me refiro a eles, pode-se permanecer apenas no campo teórico, ou na dimensão ética. No entanto, se impõe e pergunta:

Podem esses anseios e valores inspirar os instrumentos práticos capazes de tornar a organização e os comportamentos da sociedade- a civilização, compatíveis com eles?

Esta é a questão fundamental.

4.3. Desconcentração e Cooperação: instrumentos operacionais da Participação e da Solidariedade.

Retorno à palestra pronunciada no Congresso dos gestores das universidades, promovido pelo FinanciES:

."Se a universidade não for capaz, ou se não se dispuser a voltar-se a contribuir na transformação dos valores da Massa de Consciência, sintetizados nos princípios éticos da Participação e da Solidariedade e, através deles, inspirar as formas práticas, ou operacionais, da Desconcentração e da Cooperação, não creio que qualquer outra força social o possa fazer.

Por isto acredito que debruçar-se sobre o que acontece no mundo e com o mundo, e desenvolver em tempo a ciência e a tecnologia de como construir as novas formas de organização social, preservando-se nela, a dimensão humana, é uma tarefa urgente a ser assumida pelas universidades.

Sei que isto foge um pouco, ou muito, das preocupações de cada dia. Mas de que adiantou à tripulação cuidar do esplendor do dia a dia e das festas do Titanic, se o Titanic navegava na véspera de seu encontro inevitável com o iceberg?"

Ao propor os instrumentos, ou mecanismos, **da desconcentração que viabiliza a participação, e da cooperação que viabiliza a solidariedade**, imagino ter chegado ao umbral de uma porta aberta para desenvolver o caminho da construção da nova sociedade, a civilização pós tecnológica, viabilizando a sintonia entre os avanços da ciência e da tecnologia com a dimensão humana.

A Desconcentração, no lugar da concentração que leva ao desequilíbrio e à exclusão, **e a Cooperação que substitui a competição** que leva ao conflito e ao crescimento contínuo da exclusão do mais fraco, são possíveis não só do ponto de vista teórico, mas produzindo os melhores resultados onde foram adotados.

Costumo apresentar dois exemplos extraídos da prática desses princípios, que comprovam essa afirmação, sendo que, num e noutro caso, a maior ameaça que paira é que se volte atrás do caminho andado, pelo retorno à prevalência dos que dominam os sistemas e seus interesses imediatos, descolados da história, da evolução e dos interesses comuns da espécie humana, que poderiam evitar o naufrágio do Titanic, que nos ameaça.

Como exemplo da viabilidade da desconcentração cito o que ocorreu no Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, considerado um dos menos desenvolvidos do País até meados do século passado.

Na década de 1970 um projeto governamental introduziu a política de induzir e praticar investimentos desconcentrados, fortalecendo e integrando cada região do Estado, modelo diferenciado das políticas em geral praticadas dos investimentos concentrados, para criar grandes centros capazes de competir com outros centros.

Implantada essa política de investimentos desconcentrados, em poucas décadas o “Projeto Catarinense de Desenvolvimento” deu origem à transformação daquele Estado num dos Estados mais desenvolvidos do País, sobretudo quando se toma como indicador sua qualidade de vida, ou seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Como evidência das vantagens da cooperação sobre a competição, cito o caso da União Européia, cujos países optaram pela cooperação entre si, ao invés da competição, lembrando que, na primeira metade do século passado, a competição entre esses mesmos países, os levou, e ao mundo, a duas guerras mundiais, que resultaram em mais de uma centena de milhões de mortos.

Foi o preço pago, que não foi pequeno...

A construção da União Européia, a cooperação entre os países que a compõem eliminou a competição destrutiva, estabeleceu um mínimo de equilíbrio em seu desenvolvimento e afastou novas ameaças de repetir os horrores do passado.

4.4. A falta de uma nova Síntese, ou de uma nova Teoria Social, ameaça os avanços da Civilização.

A ameaça que paira sobre a União Européia, especialmente a partir da lamentável saída do Reino Unido, e do recrudescimento dessa idéia como resultado dos avanços da extrema direita (que ainda persiste) é sua desintegração, estimulada pelos mesmos interesses que poderão fazer retornar àqueles horrores.Essas lamentáveis ameaças baseiam-se no saudosismo de um nacionalismo doentio,de um egoísmo retrógado,de uma desumanização fora das dimensões globalizadas, de seu tempo e do rumo da evolução da civilização,ou da espécie humana e do universo.

A mesma ameaça ocorre também no caso do modelo desconcentrado de Santa Catarina,face à prevalência das teorias que beneficiam os grandes sistemas,os modelos de competição e concentração, que continuam sendo ensinados,inclusive nas universidades,e sempre pela ausência de uma nova teoria de organização social-que o próprio sistema universitário do Estado,analisado na quarta parte desse livro,deveria inspirar..

Concluo, em consequência, até em função do que vem ocorrendo nesses modelos específicos, insistindo na urgente necessidade de aprofundamento na linha de geração de uma nova síntese social,uma nova

doutrina de organização e funcionamento da sociedade,ou seja, o desenvolvimento de uma proposta de uma nova civilização, de dimensão e sintonizada com os avanços da ciência e da tecnologia.

De minha parte tenho segurança em afirmar que esse esforço poderia encontrar um caminho possível, nos instrumentos da desconcentração e da cooperação como instrumentos práticos dos princípios éticos da participação e da solidariedade, torno a repetir.

Essa mudança, elevada à dimensão de verdadeira mudança civilizatória, permitiria refazer a harmonia no grande concerto de um mundo transformado, tornado complexo, virtualizado, globalizado, totalmente novo, diferente do mundo do passado. Essa é a urgente tarefa, porque os equívocos, ou os desvios, avançam a cada dia e, como disse, eles não vão interromper a marcha da civilização, mas o tamanho do preço a pagar será equivalente à demora e ao tamanho dos desvios.

O que agrava, é que essa urgência não tem sido percebida e o mundo está apenas começando a pagar o preço de continuar usando a ciência e a tecnologia no sentido contrário, no sentido de concentrar, monopolizar, estandardizar, quer dizer, eliminar a pluralidade, a participação e a solidariedade

Pois bem. É preciso perceber que essa reversão ao passado contraria a natureza, ou seja as leis que regem o macro como o microcosmo, ou seja o homem como o universo, cuja natureza, como vimos, caminha do simples para o complexo, do único para o diverso, pressuposto da liberdade, ou da evolução do homem e de suas circunstâncias.

Retorno à teoria da linha de evolução proposta por Teilhard de Chardin, do ponto Alfa para o ponto Omega: o caminho da amorização do

mundo. Também nessa interpretação creio que a complexidade ordenada que leva à liberdade, apanágio da consciência que cresce- **a Massa de Consciência**, encontra na participação e na solidariedade uma ponte nesse longo caminho da amorização.

Será demais esperar que as universidades, como centros de inovação, ou desenvolvimento da ciência e da tecnologia das coisas, se voltem para esse caminho de inovação do processo de evolução do homem e do mundo, de que elas, as universidades, são ,ou deveriam ser, parte essencial, como centros do pensamento e da inovação ?

4.5. Do ponto ALFA ao ponto OMEGA : o caminho da amorização.

Para efeito de tornar claro o conceito de amorizar o mundo, valho-me da imagem antropológica de Teilhard de Chardin que concebe todo o processo de evolução do homem e do universo, como uma seta que, lançada de um ponto Alfa, inicial, onde predomina a unicidade absoluta, evolui na busca da harmonia na complexidade, a paz superando o conflito, enfim o Amor- o ponto Omega, para onde convergem todas as coisas.

Nesse sentido antropológico, a harmonia, a paz, ou o Amor, não se confundem com a quietude ou a imobilidade, mas constituem a própria dinâmica do processo de evolução fluindo de acordo com sua natureza e, portanto, com menores tropeços, mais eficácia e melhores resultados em todo o processo.

O livro **Participação e Solidariedade**, volto a ele, cita novamente Teilhard de Chardin, ao afirmar o Amor como o estofo que embasa toda a natureza e seu processo de evolução.

E prossegue:

Construir a sociedade – parcela que é da natureza, de acordo com esse estofo, significa amorizar o mundo.

E para reforçar essa percepção pergunta:

“Porque não pode o amor sustentar o homem, suas estruturas, relações e atitudes e organizar a sociedade através de seu componente essencial, se é o Amor que move o sol e todas as estrelas?”

E segue adiante na citação do poeta, onde percebe fina intuição científica:

“Volto a citar Dante Alighieri porque o poeta percebeu e expressou a seu modo, uma verdade absolutamente científica. Considerado o Amor, como o consideramos, a complementaridade e a atração de todos os seres entre si, complementaridade e atração que nos seres inanimados, pode chamar-se gravitação ou gravidade, e que na vida animal pode chamar-se reação orgânica, ou instinto, só no homem toma a dimensão do Amor, por causa da consciência, ou da liberdade.”

E conclui:

“Assim como não é possível tirar dos corpos celestes a gravitação e de todos os corpos a gravidade, da mesma forma como não é possível tirar dos seres vivos seus sistemas orgânicos e o instinto que os preserva, assim não dá de tirar dos homens e de suas relações, o Amor- o Amor que move o

sol e todas as estrelas, sem que se pague o preço equivalente por esse erro essencial.“

Quero dizer a todos os que se preocupam com o homem em todas as suas dimensões, portanto, com a sociedade e suas relações, a natureza e sua preservação, aos que se preocupam com o futuro, ou a sustentabilidade da civilização, por todas essas razões quero dizer especialmente às universidades , que não dá de retirar o Amor da construção da nova sociedade,a sociedade do mundo pós tecnológico, porque o Amor não se reduz simplesmente,a um sentimento ou à uma emoção,fora do conteúdo científico ou do método de construir a ciência.Ele ocupa o centro desse imenso fenômeno humano,ou do fenômeno do universo.

Nenhum outro sentimento, ou qualquer método que pretenda expressar a realidade, substitui o Amor. Quando em seu lugar se colocam o ódio, o orgulho, a ganância, a ambição desmedida, a prepotência no uso do poder ou da riqueza, que afinal não passam das formas extremas da competição e da concentração, ou quando simplesmente se ignora o Amor como componente de toda a busca, de toda a essência,de toda a ciência,há de ser a humanidade,o processo civilizatório, que restarão feridos ,e podem estar feridos de morte, se a negação do Amor prevalecer de todo...

É nesta linha, nesta certeza, que o Amor tem lugar em todas as coisas, portanto também na proposta de reorganização da universidade, de modo que ela, a universidade, se sintonize com os avanços da ciência e da tecnologia, se insira no processo de mudança civilizatória que estamos vivendo e se transforme num agente ativo dessa mudança, da construção da sociedade pós tecnológica, ou seja, da Civilização Participativa e Solidária, portanto, sintonizada com os avanços da Ciência e da Tecnologia

Aliás, inserir-se nesse momento histórico e contribuir nessa construção constitui também exigência de sua própria sustentabilidade, da sustentabilidade da universidade, quer seja durante o processo de transformação, quer seja na nova sociedade, a civilização da era pós tecnológica.

XXX

PARTE III
A NOVA UNIVERSIDADE
(ou, a universidade pós tecnológica)

PARTE III

A NOVA UNIVERSIDADE

(ou, a universidade pós tecnológica)

A primeira e a segunda parte desse livro buscaram identificar “a universidade que temos “ e traçar o cenário em que nos situamos, ou o estágio”de transição em que se situa a civilização” em seu processo evolutivo,retornando sempre às perguntas:

-Nesse cenário ,como se situa,ou deveria situar-se a universidade?

-O que lhe cabe fazer,ou quês condições tem a universidade para fazer o que lhe cabe?

Nessa terceira parte procuro contribuir na resposta a essas perguntas, ou ao menos fornecer elementos para que se possa responder a elas, a partir de conceitos fundamentais referentes à sociedade e à universidade, aos quais acrescento especialmente duas experiências vividas, quase à título de estudo de caso.

Seguramente não se há de chegar a uma resposta absoluta, conclusiva, mesmo porque, essa é uma resposta a ser dada por cada universidade, individualmente ,a cada momento, e continuamente, um pouco na linha de “caminhando se faz o caminho”¹⁰

Como cada uma se situa nesse cenário, como ela define seu papel, suas potencialidades e sua vontade, diante desse papel e,especialmente, como planejar-se,ou como fazer,quês medidas tomar para atravessar essa

¹⁰ “Atribuído a vários poetas ,originalmente do poeta sevilhano Antonio Machado:”Caminante no hay camino,se hace camino al andar”.

etapa de transição e situar-se na nova sociedade, como agente, participante, ator e não simples objeto a ser consumido pelo processo, essa é uma opção e uma estratégia que cada uma terá que definir por si e para si mesma.

Não há caminhos feitos. É preciso ter a coragem, ou a competência, de começar a andar na direção desse objetivo claramente posto e com a segurança de encontrar, ou construir o próprio caminho.

1. A Universidade brasileira: conceitos e contrastes.

Volto ao capítulo primeiro deste livro, onde me refiro à discrepância existente em muitas universidades, entre o conceito de universidade como centro de desenvolvimento, guarda e difusão do conhecimento, da ciência e da tecnologia, e sua prática, quando tantas universidades se transformam simplesmente em :

- instituições de ensino, ou de terceiro grau, em sequência do primeiro e do segundo graus;
- produtoras de diplomas que concedem status e privilégios;
- fornecedoras de mão de obra para o mercado;
- espaço de embate e transmissão de ideologias que cobrem toda espécie de interesses;
- ou simples atividade comercial, às vezes até altamente lucrativa.

Quero dizer, que nas circunstâncias, ou de acordo com a natureza de cada uma, cada universidade poderá desempenhar qualquer uma dessas

funções. Mas se ela não for muito mais do que isto, se ela não for, de alguma forma, um centro de produção, guarda e difusão do conhecimento, ela não será, ou ela não é, universidade alguma, será uma instituição de ensino, uma fábrica de diplomas...etc...

1.1. Componentes essenciais dos conceitos da universidade brasileira.

Nessa percepção é importante deixar registrado que nem todas as instituições de nível superior, na prática, terão de produzir a pesquisa, a ciência ou a tecnologia, quando se trata da ciência ou da tecnologia avançadas, pesquisas que caracterizam algumas universidades, ou freqüentemente outras instituições produtoras desse nível, que podem chegar a pesquisar e responder à conquista do espaço, à penetração no mundo da microbiologia, na origem da vida, ou na busca de desvendar o mistério da essência da matéria. etc.etc.

Não. Não é necessariamente esta a geração do conhecimento ou a resposta esperada, ou necessária, de todas as universidades.

Mas é necessário que todas as universidades, ou mesmo todas as instituições de nível superior, por simples que sejam, tenham a consciência clara de que esse é o mundo próprio da universidade: ensinar a geração da ciência, produzir o conhecimento e desenvolver o espírito e o método científico e aplicá-lo à realidades concretas - não importa se realidades globais, macro, ou realidades simples, do entorno, para melhor entendê-lo, situar-se e se relacionar com elas.

Esta é a característica que diferencia o nível superior, o conhecimento ou a formação de nível superior, dos outros níveis de conhecimento ou de

outros graus de educação, seja a educação fundamental , de nível médio , colegial,ou técnico.

A universidade, ou nenhuma instituição de nível superior, pode ser simplesmente um colégio de terceiro grau, onde se ensine, em definitivo, que não foi Pedro Álvares Cabral que descobriu o Brasil, depois de ter aprendido no primeiro grau que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e, no segundo, que há dúvida se foi Pedro Álvares Cabral, porque antes dele, outros já tinham visitado as costas brasileiras...

A universidade não pode ser uma Instituição de Ensino de terceiro grau, como às vezes é tratada até na legislação, ou por ilustres pareceres de Conselhos, por Reitores, professores, ou afinal, como elas mesmas possam pensar a respeito de si mesmas....

A Instituição chamada de nível superior que não tiver outro horizonte, que não transferir essa outra compreensão da ciência e da tecnologia e a difusão de seu método de entender, abordar e administrar as coisas, fatos ou processos, poderá ser efetivamente uma instituição de ensino ou de educação, mas nunca terá nível superior, nunca será uma universidade.

Ter nível superior é ser capaz de fazer ciência, de inovar a partir do conhecimento efetivo das coisas, de sua natureza. Ensinar na universidade é muito mais do que transferir conhecimento. Ensinar na universidade é ensinar a fazer ciência , a descobrir a natureza das coisas e como tratá-las, essas coisas e suas relações, mesmo que essa natureza e suas relações continuem sendo sempre amanhã diferentes de hoje, aqui diferente de lá .Por isto quem sai da universidade com nível superior ,sai com competência de saber pesquisar,penetrar,descobrir,inovar e descobrir ou inovar cientificamente.

Para isto e por isto, é que a universidade se define como centro de produção, guarda e difusão do conhecimento. É por isto e para isto, que a pesquisa e a extensão são indissociáveis do ensino na universidade, porque na universidade a pesquisa e a extensão constituem também método de ensino, de ensinar fazer e aplicar a ciência. Funções que identificam a universidade e deveriam identificar todas as instituições que se definem como de nível superior.

Resumindo, é isto que constitui a essência, o núcleo definidor do conceito de universidade.

Como decorrência desse conceito essencial é preciso entender que:

-o desenvolvimento da ciência inclui a pesquisa, onde estejam envolvidos alunos e professores (*“a comunidade de alunos e professores em busca do saber”*), como a definiu o Cardeal Newman já no século XIX, ambiente e busca que gera o conhecimento próprio, novo e original, ou absorvido, ou transferido e internalizado do conhecimento universal, cuja soma gera o patrimônio de conhecimento da própria universidade;

-o patrimônio de conhecimento da universidade, deve incluir tanto quanto a ciência, ou o conhecimento também a tecnologia, ou seja, inclui as variadas formas da aplicação da ciência à realidade ou à realidades diferentes, o que cria, dessa forma um instrumento eficaz de articular-se com a sociedade e envolver os que nela se formam nessa mesma interação;

-a difusão do conhecimento, patrimônio da universidade, inclui, em consequência, não apenas passar adiante o conhecimento, mas também transmitir a competência de praticá-lo de forma científica, através da diversidade de situações, métodos ou instrumentos (por isto ser capaz de criar, soluções, descobrir fazer e como fazer é o que distingue alguém

formado em nível superior...), seja através do ensino, da educação permanente, dos meios tradicionais ou virtualizados, seja ainda através da extensão que promove e disponibiliza para toda a sociedade a ciência e a tecnologia e a forma de utilizá-la.

1.2. O novo mercado da universidade.

Não me agrada muito utilizar o termo “mercado” para me referir aos espaços da universidade, ou à nova dimensão da universidade, não porque desconheça, ou negue, a existência do mercado ou sua importância, mas porque, para muitos, inclusive para muitos acadêmicos, com assento ou não na universidade, esse termo, mercado, toma o lugar de toda a realidade, define ações, prioridades e valores, de forma absoluta.

Considero isto uma grave diminuição da verdadeira dimensão da universidade, nesse novo mundo global e mutante

Na verdade, a realidade onde se insere e atua a universidade vai muito além do mercado e constitui uma realidade muito mais complexa. Com essa consideração, prefiro utilizar o termo “espaço” da universidade quando me refiro à sua nova dimensão, que inclui o mercado mas, como disse, vai muito além do mercado. É por essa porta que a universidade pode encontrar sua verdadeira dimensão.

Início, pois, registrando a sabedoria da natureza, ou da história, ou enfim... que faz com que, ao criar uma nova realidade, de alguma forma acaba por oferecer, no mesmo contexto, os instrumentos necessários para que as pessoas e as instituições perceptivas possam mover-se, atuar, nela inserir-se e evoluir em sintonia com ela.

O pressuposto para essa sintonia entre as pessoas, as instituições e a natureza, porém, é que as pessoas ou as instituições, uma vez percebida a nova realidade, saibam utilizar os instrumentos que ela mesma oferece. Se não a perceberem, a nova realidade, ou não os utilizarem, os instrumentos, elas, as universidades, perderão a oportunidade e a realidade, igualmente, as perderá. Ambas, a universidade e a natureza, quero dizer, a realidade, resultarão empobrecidas.

A realidade, a que me refiro, é esse mundo novo, globalizado e em continua mudança, e os mecanismos oferecidos são os avanços da ciência e da tecnologia que o produziram e que aí estão para que se possa atuar neles e através deles ; de outro lado, estão as universidades e as pessoas a quem cabe perceber o novo mundo globalizado e mutante e utilizar esses instrumentos da tecnologia postos à sua disposição.

Feito esse alerta quero dizer que cabe a cada universidade, individualmente, responder:

- **até que ponto** está percebendo essa realidade do mundo globalizado e mutante, e como se situa diante dele, como se organiza, que instrumentos disponibiliza para ocupar esse espaço, inserir-se nele, e nele ser um elemento ativo...

- **ou está longe** dessa percepção, num outro mundo, situando-se apenas numa, ou em todas as categorias de universidades a que me referi na abertura desse livro, e a que voltei a me referir no início dessa terceira parte : a universidade que distribui diplomas, que serve ao mercado, que comercializa, enfim....

1.3. Dois preceitos constitucionais fundamentais.

Como se verá posteriormente, o Brasil foi o último país das Américas a possuir uma universidade. As primeiras Constituições brasileiras - e não houve poucas, foram 5 desde a proclamação da República, afora a Constituição do Império, o que revela a fragilidade de nossas instituições, não fazem referência alguma à universidade.

Só a Constituição de 1946 veio a fazer uma referência meramente burocrática à universidade de São Paulo (USP), então existente. O mesmo tipo de referência se encontra, de um modo geral, na Constituição de 1967.

A Constituição de 1988, enfim, identificou a universidade em seu Art 207, ao definir sua autonomia e ao estabelecer a indissociabilidade do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.

Diz esse Art.207 do texto constitucional:

“ As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão ”.

Creio que o dispositivo constitucional, ao estabelecer a indissociabilidade entre a Pesquisa, o Ensino e a Extensão, contém, na essência, o conceito de universidade expresso anteriormente, a universidade definida como:

Centro de produção, guarda e difusão do conhecimento, ou da ciência e da tecnologia.

A primeira consideração que faço parece óbvia, mas deve ser feita porque, como veremos, sendo embora preceito constitucional, essa

indissociabilidade constitui um preceito muito pouco considerado, entendido, ou posto em prática pelas estruturas burocráticas, tanto as que legislam sobre a universidade, quanto as que a administram, quer a nível externo, de sistemas, quer à nível interno, da própria universidade.

-Se a Constituição determina que é inerente à universidade praticar a pesquisa de forma indissociável com as outras funções, isto significa que é sua função constitucional promover o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, como decorrência. Se não for para desenvolver também tecnologia, servirá para quê, a pesquisa universitária? Será apenas por diletantismo?

-Se a Constituição determina que a universidade deve ensinar e difundir o que pesquisa, isto pressupõe, por causa da indissociabilidade, que ela faça do conhecimento, seja qual for a forma da pesquisa, um patrimônio sob sua guarda, não como um museu de antiguidades, mofado, mas como um patrimônio vivo, dinâmico, que se difunde, mas não só através do ensino formal, mas levando-o para a sociedade, através da extensão universitária, ou de qualquer outra forma, independentemente do nome que lhe seja dado.

Do exposto, creio que fica suficientemente claro, que o conceito de universidade como instituição de produção do conhecimento, de ministração do ensino e de serviço à comunidade, não constitui apenas uma formulação teórica, mas sendo parte do conceito e sendo um preceito constitucional, deveria ter deles a força e, conseqüentemente, ser com a mesma força praticado..

Com a mesma força de preceito constitucional deveria ser considerado, e obedecido, o dispositivo constante do mesmo Artigo 207 que estabelece a autonomia universitária.

Ao conceder a autonomia à universidade, ou melhor, ao instituir a universidade como uma instituição autônoma, a Constituição brasileira não lhe atribui uma autonomia em termos vagos, ou teóricos, que necessitem ser definidos, ou identificados, como em geral são considerados, esses termos. pelas várias instâncias que se sobrepõem à universidade.

A definição, ou a identificação da autonomia universitária está explícita no próprio dispositivo constitucional em termos absolutamente claros, ao dizer que a autonomia que estabelece é:

- “ autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial.”

Tive ocasião nas minhas andanças, de conhecer o que é uma universidade onde realmente a autonomia era exercida e praticada, integralmente, nesses termos. Não há de ser a única experiência no mundo- mas sei que no Brasil não as há semelhantes, e nem sei mesmo se essa autonomia continua sendo respeitada e praticada na Universidade Nacional Autônoma do México.

Visitei a Universidade Nacional Autônoma do México, ainda na década de 1960. Naquela universidade constatei que acima da Congregação, ou do Conselho universitário, não importa o nome, nenhum poder existia que a tolhesse em sua autonomia, seja a autonomia didático-científica ou de qualquer outra ordem.

É verdade que conseguir aquela autonomia, segundo fui informado, teria custado a vida de 47 estudantes e professores, na década de 40, quando foi obtida.

Sei das dificuldades de conceder autonomia, sobretudo no que se refere aos aspectos financeiros, especialmente quando se trata de universidades mantidas pelo poder público, na concepção atual do Estado; também por particulares sobretudo em referência à autonomia didático-científica, quando se trata de universidades especificamente confessionais.

No Brasil, essa autonomia resulta mínima pela contínua interferência do Estado, através de sua burocracia, o Ministério da Educação e seus órgãos, os Conselhos de Educação e suas interpretações, à nível federal como em outros níveis, não só no que se refere aos aspectos administrativos e financeiros, mas atingindo também os aspectos didático-científicos, através do estabelecimento de currículos, programas, avaliações, concessão de títulos, enfim... difícil é identificar áreas onde reste alguma autonomia à universidade, apesar dos preceitos constitucionais e dos conceitos proclamados.

Cabe realçar que tal interferência do Estado ocorre não só em relação às instituições por ele mantidas, mas com maior ou menor intensidade, em todo o sistema universitário.

Em relação às instituições de iniciativa particular, ou não estatal, como veremos à interferência do Estado, soma-se freqüentemente, a interferência das “mantenedoras”, cuja existência, para controle por fora das competências do MEC, em determinado momento foi exigida pelo Estado.

Nesse pressuposto, é de se concluir que o Estado fez por imaginar que uma universidade não pudesse se auto-manter, e por aí se entende o paradoxo de exigir mantenedoras que, no fundo, passaram a ser mantidas por suas mantidas....

Em relação à autonomia, pois, como em relação à indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, uma análise comparativa entre o que está estabelecido na Constituição e sua prática, como também entre a mesma prática e seu conceito, vai um espaço muito grande a ser conquistado pela universidade, sobretudo se ela for considerada, como deve ser, uma instituição inserida no processo de transformação da sociedade no rumo da nova civilização da era pós tecnológica, tese deste trabalho.

Superar esse espaço, no entanto, é a condição da universidade ser mais que instituição de ensino, produtora de diplomas, fornecedora de mão de obra, difusora de ideologias, ou simples empreendimento comercial. Vai um grande passo, uma grande consciência e uma especial vontade...

1.4. Das muitas formas de burlar os preceitos constitucionais.

A indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão começa a ser ferida quando, além da legislação inferior à Constituição, os órgãos que administram a universidade se dissociam em ministérios, secretarias, departamentos, pro reitorias e outros segmentos, cada um fazendo sua própria paróquia, às vezes com um mínimo, ou com nenhuma comunicação entre si.

A dissociação continua, quando as fontes orçamentárias e sua aplicação, passam a obedecer a critérios e aplicações distintas, priorizando

as atividades de ensino, que consomem quase a totalidade dos recursos disponíveis para as atividades fim, deixando as atividades de pesquisa e extensão ,quando existem,dependentes da busca e obtenção de recursos próprios fora da universidade,ou lhe destinando pequenos percentuais de recursos próprios,à parte das outras atividades.

Mais grave é que, freqüentemente, são os próprios pesquisadores que chancelam essa dissociação,quando reivindicam que os orçamentos lhes garantam um mínimo de percentuais para pesquisa e extensão,geralmente em torno de modestos 2 ou até 5 % do orçamento geral ferindo novamente a indissociabilidade entre o ensino,a pesquisa e a extensão.

Nessa mesma linha ocorre também a distinção muito comum,que é feita entre professores e pesquisadores, o que dissocia o professor, o que ensina,do pesquisador, o que faz pesquisa. A extensão fica um pouco no ar entre um e outro a não ser eventualmente acolhendo algum aluno como estagiário, ou quando existe uma relação direta de algum curso com alguma demanda da sociedade, como por exemplo do curso de medicina com a demanda por assistência sanitária,ou um professor como eventual participante de uma pesquisa,ou de extensão..

No conjunto desses equívocos, a pesquisa e a extensão acabam como uma atividade reservada à pós graduação, restando para a graduação apenas as aulas, o ensino de terceiro grau.

Parece-me que cabe indagar:

-não é a graduação componente da universidade, não é um curso de nível superior?

-ou não se aplica à graduação o preceito constitucional e o conceito de universidade? - **ou, enfim**, quem cursa a graduação pode ser dispensado do conhecimento científico, de como se faz pesquisa, ou extensão, de como se faz ciência e de como a ciência deve ser posta em prática através da tecnologia, tudo em nível superior?

Tenho a sensação de que, nessa confusão, há ainda que se considerar que a própria Constituição brasileira pode estar induzindo a dissociar a pesquisa e a extensão, o que seria uma contradição consigo mesma, quando afirma:

Art.213, Parágrafo 2º *“-As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do poder público.”*

Parece que tal dispositivo induz a reforçar a separação entre essas funções “indissociáveis”, quando induz que as atividades de pesquisa e extensão busquem recursos extra ao próprio orçamento da universidade. Em si, isto de fato é um bem. Mas é inevitável essa conclusão equivocada que acontece em grande parte das universidades brasileiras e provavelmente do mundo, especialmente no mundo menos desenvolvido. Não percebem que, além de produzir o conhecimento científico, a pesquisa, como a extensão, constituem um dos melhores métodos de ensino e de aprendizagem de nível superior, parte, portanto, dos mesmos orçamentos...

Outro equívoco ocorre quando se confunde essa pesquisa, ou essa extensão, simples, de conteúdo metodológico, embora simultaneamente, também um caminho eficaz de chegar ao conhecimento científico, com a pesquisa avançada, a que exige grandes laboratórios, grandes investimentos, especialistas de último grau de especialismo, enfim....

Creio que se pode atribuir, também, à pouco eficácia dos métodos utilizados na graduação, quando separam o ensino da pesquisa e da extensão, a necessidade de, concluída a graduação, buscar uma pós graduação, e, concluída a pós graduação mesmo em seu mais alto nível de doutorado, um pós doutorado e assim vai...

Será necessário, dessa forma, passar por todos esses caminhos para se chegar ao nível superior do conhecimento –a ciência, ou de sua prática –a tecnologia?

Como ultrapassar essa dissociação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, para que efetivamente, a prática de promover o nível superior ocorra em sintonia com o conceito de universidade e, no caso brasileiro, com o dispositivo constitucional ?

2. A inserção da universidade no tempo em mudança e no espaço globalizado.

Enquanto refletia sobre esse mundo a que chegamos, globalizado e em contínua mudança, bem como sobre experiências vividas, procurando entender, especificamente qual seria o lugar da universidade nesse novo espaço e nesse novo tempo, se tornou inevitável perceber a relação existente nessa evidência e a percepção de Kant, quando concebeu o espaço e o tempo como as formas fundamentais do conhecimento humano. Parece que nunca, como agora, essa evidência se materializou no espaço globalizado e no tempo em mudança, por obra dos avanços da ciência e da tecnologia.

Diante dessa percepção se impôs irresistivelmente a pergunta:

-como se situa a universidade face às formas fundamentais do conhecimento, materializadas no espaço globalizado e no tempo em mutação contínua?

- Inicialmente tenho segurança em dizer que ante esse novo cenário do mundo globalizado e em transformação, é necessário repetir e repetir e a universidade precisa perceber...e perceber :

- que, face aos avanços da ciência e da tecnologia, que alcançam todos os setores da sociedade, não mais apenas o da mão de obra, ou de profissionais para o mercado de trabalho, todos esses setores precisam ser de nível superior. São de nível superior, portanto, para a justa harmonia da sociedade e realização das pessoas, todas as funções que as pessoas nela exercem.

- que a formação superior não se esgota no diploma, ou no jovem a quem, após 4 ou 5 anos mantido na universidade se lhe concede um diploma.Novamente,face aos avanços contínuos da ciência e da tecnologia,o preparo em nível superior deve estender-se por toda a vida,porque a realidade-e o conhecimento dela, se modifica cada vez mais e a cada dia mais rapidamente..

- que, em consequência dos mesmos avanços, a universidade, nesse cenário, não pode manter-se, amarrada em currículos fechados, em salas isoladas do mundo, em conceder diplomas terminais e definitivos para toda vida, em regulamentos imutáveis que a imobilizam e matam a criatividade e a mudança, ou na burocracia que se esgota no "não pode, porque o regulamento....o chefe.... a fiscalização....o ministério"..enfim, quando não se percebe,ou não se administra pelo essencial,mas pelo periférico, se

encontrará sempre uma justificativa para não fazer,não mudar,não abrir-se para o mundo complexo, globalizado e em mudança contínua.

No entanto, entre outras razões alegadas que impedem,atrasam, ou relativizam a mudança, dois são os obstáculos que, de saída, a universidade que quer efetivamente mudar, precisa remover.

2.1. Os obstáculos à mudança.

-O primeiro obstáculo à mudança consiste em imaginar que os governos, independentemente do nível, seja da União do Estado ou do Município,seja através de seu órgãos executivos,seja através de seus conselhos,seja numa espécie de chantagem através dos recursos públicos que disponibiliza,tenha legitimamente o poder sobre todas as coisas, a ciência, o conhecimento, o método, os conteúdos, o direito à informação,a busca do aperfeiçoamento ou da atualização permanente das pessoas.

Tenho constatado que freqüentemente são as próprias universidades que se auto- limitam compartilhando desse equívoco.

Especificamente, no caso brasileiro, como em qualquer Estado democrático, o poder do Estado sobre a universidade deveria limitar-se às questões referentes ao privilégio do exercício profissional e não sobre as ações legítimas da universidade em todos os outros campos de atividade humana.

Refiro-me especialmente às questões ligados ao conhecimento, no sentido mais abrangente do termo. Seria essa consciência dos limites do poder do Estado pelo próprio Estado e pelas universidades, (percepção que tem implicações éticas, jurídicas e de outras ordens) que permitiria responder às demandas da sociedade de nível superior, esse nível superior

que caracteriza nossa sociedade em mudança, e a civilização pós tecnológica que resultará dessa mudança, como tenho exaustiva, mas necessariamente, repetido.

-O segundo obstáculo à mudança é não perceber, como também já foi dito, que a natureza, não só material, mas dos processos em geral e dos processos sociais especificamente, quando apresenta uma nova realidade, em geral desenvolve paralelamente os meios, ou instrumentos, que permitem inserir-se nela, contribuir com ela e dela receber, através de seu funcionamento harmônico, a recompensa. Mas nem sempre a universidade tem se apropriado deles, ou por desconhecimento, ou por resistência dos instrumentos, ou dos hábitos da rotina consolidados.

2.2. Novos espaços da Universidade.

No caso específico, do processo de transformação contínua e da globalização, o mesmo avanço da ciência e da tecnologia que o causou, também disponibiliza os sistemas informatizados, as redes globais, e outros instrumentos de que a universidade pode apropriar-se e utilizar, não para utilizá-los apenas para dentro de si mesma, mas para inserir-se nesse mundo globalizado e em transformação e para internalizá-lo.

Tenho segurança em afirmar que é este o caminho para a sobrevivência da universidade como instrumento útil e necessário na construção da nova sociedade e, simultaneamente, dar resposta às suas necessidades, à seus anseios, ou a seus direitos.

Quero dizer que esse novo espaço disponível constitui também o novo “mercado” para a universidade, representado pelas demandas de toda a

sociedade, a quem ela poderá responder através da difusão do conhecimento para todos, de todas as formas possíveis - e elas são muitas.

É preciso perceber que esse é um espaço muito maior, e onde ela pode exercer muito mais e melhor sua autonomia e sua criatividade, do que aquele que em geral ela ocupa - o da formação profissional, sob a tutela e o controle do Estado.

E é bom, quero ainda alertar, que é urgente que a universidade ocupe, esse espaço, pois do contrário o Estado acabará por perceber que ele existe, e, em sua ânsia de expansão, ou de acumulação de poder, acabará por ocupá-lo primeiro, legítima ou sem legitimidade alguma, através de seus regulamentos, seus fiscais, ou do uso devido ou indevido de seus recursos, e a universidade, como a sociedade e as pessoas, estarão entregando a ele mais um pedaço de sua autonomia, ou de sua liberdade..

Valho-me de dois gráficos, devidamente adaptados, que mostram o significado desse novo espaço, com evidentes reflexos em todas as áreas da universidade, inclusive na área financeira, gráficos que apresentei ainda na década passada, em trabalho de consultoria que prestei à Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina. (Unisul)¹¹

O Gráfico nº 1 se refere à ocupação do espaço institucional que amplia a área onde a universidade pode exercer sua autonomia, sem interferência do Estado.

O Gráfico nº 2 – o novo mercado ou uma nova dimensão para a universidade

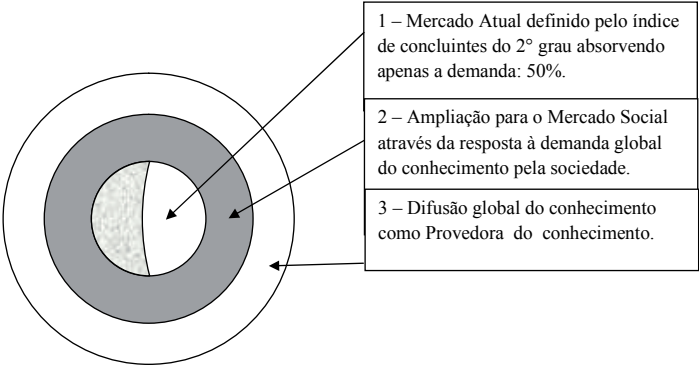
¹¹ Della Giustina, Osvaldo - a Unisul Pós tecnológica, 2009.-Arquivo do Autor.

Gráfico nº 1 - Os espaços da Nova Universidade

Diminui a interferência do Estado e cresce o espaço da Universidade.

PRODUTOS E ESPAÇOS TRADICIONAIS	REORDENAÇÃO DE ESPAÇOS E PRODUTOS
Acesso ao conhecimento – livre Acesso ao conhecimento – certificado. Acesso ao conhecimento – cursos e preparação para o mundo em mudança.	Espaço da autonomia da Universidade normalizado por ela.
Espaço do Estado: Diploma	<i>Espaço compartilhado</i>
Formação para o trabalho	Espaço do Estado. Normatização, controle.

Gráfico Nº 2 – O novo mercado ou uma nova dimensão para a Universidade.



2.3. A universidade real e a universidade (im)possível

O mesmo trabalho de consultoria, **A UNISUL pós Tecnológica**, referindo-se a universidade tradicional, a que apenas ensina, constata:

Enquanto as novas gerações querem, com e na universidade, buscar respostas, a universidade lhe fornece receitas, ou pretende lhe vender receitas, ou transformá-la em mão de obra para o mercado, vendendo-lhe a ilusão de realização humana ,através de um diploma profissional.

Mais além desse significativo diagnóstico, transcrevo também como referência para onde podemos pensar-e caminhar, conceitos do hoje Senador pelo Distrito Federal, Cristovam Buarque, que entre outras funções, foi Reitor da Universidade de Brasília

Extraio esses conceitos de palestra preparada por ele para o Congresso da OUI- Organização Internacional de Universidades, realizado em Florianópolis, em 2005. Propostos há mais de 10 anos, esses conceitos nos permitem avaliar quanto andamos, ou se ao menos estamos andando na direção desses conceitos, ou se estamos parados, nos distanciando do rumo e da velocidade em que andam a Ciência e a Tecnologia.

Nesse sentido, quero transcrever, antes, exemplo citado pelo consultor de universidade Fernando Ximenes, que o atribui a um cientista de Harvard:

“pegue-se um médico do início do século XX, transporte-o para uma sala de cirurgia de hoje; é quase certo que ele enlouqueça. Pegue-se um professor do início do século XX, transporte-o para uma sala de aula de hoje; é quase certo que ele se sinta totalmente à vontade, e dê sua aula normalmente.”

De certeza, como a constatação inicial, ou os conceitos a seguir, nada deve ser aplicado de modo absoluto a todos, professores, ou universidades. Mas seguramente é essa a questão.

Vamos aos conceitos expressos, são dez, pelo ex-Reitor Cristóvam Buarque sobre a universidade que ele chama de “pós universidade” :

Sem endereço- A pós universidade não terá endereço geográfico,mas eletrônico

Sem disciplinas- porque o saber não vai avançar dentro de uma especialidade; as disciplinas é que avançarão dentro do conjunto do saber.

Sem prazo- porque a dinâmica do conhecimento vai exigir que ele continue estudando até o último dia de sua vida intelectual.

Sem diploma porque a universidade não poderá se responsabilizar por toda a vida pelo exercício do conhecimento que transmitiu e que será superado no dia seguinte.

Sem nacionalidade (num mundo globalizado) a pós universidade será planetária ou não será universidade. A pátria da universidade será a humanidade.

Sem neutralidade- Para ser humanista a universidade terá que fazer uma opção ética. Se a Ciência e a Tecnologia podem provocar catástrofes físicas, destruir o equilíbrio ecológico e provocar genocídios (assim as engenharias,a química,a economia a biotecnologia a genética,tudo o que a universidade ensina) devem se submeter a regras éticas para evitar que tal aconteça

Sem frieza- Na pós universidade o método científico frio, separado do compromisso ético, do sentimento e dos compromissos morais, não combinam. Nesse novo saber a ética será parte de todo conhecimento. –

Sem Professor- Com a dinâmica atual com a qual o saber evolui e se espalha ... na pós universidade professor e aluno serão partes de uma única função: o permanente aprendizado do saber em evolução.

Sem isolamento- O avanço técnico e o crescimento econômico estão construindo uma sociedade tão radicalmente dividida que em breve pode ocorrer uma ruptura na espécie humana....Cabe à pós universidade lutar para que o destino da humanidade não seja a ruptura e sim o encontro....

Sem seleção – Na pós universidade todos serão parte; alguns continuarão outros não...mas todos poderão participar..

Essas considerações são postas, sobretudo, para abrir horizontes possíveis até onde pode chegar a universidade pós tecnológica, o papel que ela deve assumir e os instrumentos que pode utilizar para manter-se em harmonia com os avanços da Ciência e da Tecnologia e assim possa sobreviver inserida na nova sociedade e contribuir para sua construção, ao invés de colocar-se como fiadora do "status quo" já ultrapassado.

Cito, nessa linha de conscientizar para o a dimensão e urgência das mudanças necessárias, trecho do pronunciamento " **A Universidade no Mundo Pós Tecnológico**"¹² feito pelo Reitor da UNISUL- Universidade do Sul de Santa.Catarina, à época também presidente da OUI- Organização Universitária Interamericana, Gerson Luiz Joner da Silveira, por ocasião das comemorações dos 40 anos de criação daquela universidade:

¹² Silveira-Gerson Joner. A Universidade pós tecnológica, pronunciamento nos 40 anos da UNISUL. Arquivo do Autor, 2004.

“ A Universidade não poderia constituir-se em porta-voz de um sistema tornado insustentável por desequilíbrios de toda ordem, decorrente de concepções, normas e valores ultrapassados. Desequilíbrios desta natureza, inseridos nas estruturas, nos processos e nas relações humanas, potencializam rupturas de dimensões globais. Inseridos nas pessoas, ameaçam seu equilíbrio, sua visão ética e sua felicidade pessoal.”

E segue afirmando :

“ ...a UNISUL tem consciência de que, para construção dessa nova sociedade, as transformações terão de alcançar a mesma dimensão já atingida pela tecnologia para não serem por ela desumanizadas.”

Esta, a constatação de que vivemos num mundo, ou numa organização social insustentável e de que a universidade tem a responsabilidade de contribuir para construção de uma nova civilização- a sociedade pós tecnológica , constatação que vem de tantos lugares e de tantas pessoas e instituições, aqui como em outras partes do mundo e que desejei trazê-la à consideração de todos os que se preocupam com a sustentabilidade da universidade... e da civilização.

Esse o cenário, as perspectivas, ou o desafio para o qual é necessário encontrar respostas.

2.4. Linhas estratégicas para a mudança.

Sem dúvida diante de tais e tantas questões é necessário buscar uma estratégia adequada para administrá-las.

Teoricamente, ao quê devo acrescentar minhas experiências pessoais, o processo de mudança pode;

- ou optar por simplesmente desconstruir o que existe, produzindo uma ruptura total do modelo vigente e implantar um novo projeto, capaz de dar sustentabilidade à universidade e contribuir na construção da nova civilização,

- ou iniciar um processo de mudança a partir do ponto em que está a instituição, com objetivos claros, transparentes ,bem formulados e conscientemente assumidos,bem como com o conhecimento adequado dos meios humanos, institucionais,financeiros e de outras ordens que não de permitir alcançar com segurança os objetivos definidos.

O caso UNISUL pode ser enquadrado nessa estratégia. Já o caso UNITINS, partiu-se do ponto zero,embora alguns cursos já existissem anteriormente,mas isolados entre si,sem vínculos que pudessem defini-los como uma universidade..

De toda forma ,em qualquer circunstância, é necessária a elaboração de um modelo consistente, um projeto bem formulado, com a participação da comunidade acadêmica ,na medida do possível e de sua competência,eventualmente com alguma consultoria sem compromissos com as rotinas da instituição, e a partir dele, com metas e objetivos bem definidos, consideradas as potencialidades e disponibilidades da instituição,dar início à sua implantação, e estou a dizer apenas o óbvio.

É de suma importância, ainda, que o momento, as circunstâncias os objetivos do projeto, sejam suficientemente entendidos e assumidos pela comunidade e,em conseqüência todos os meios sejam dirigidos à busca do êxito necessário.

Quando Reitor da Fundação Universidade do Tocantins, adotei a marca da universidade esculpida em cristal,abundante em alguns pontos daquele Estado,com o símbolo da Universidade e o slogan: Transparente como o Cristal. Ajudou sobremaneira à adesão às mudanças introduzidas,também pela coerência havida entre a proposta e a prática.

No entanto, só escolher e marketizar o projeto,ainda que com competência, não é suficiente. De certeza, as pessoas envolvidas estarão atentas à coerência entre o símbolo, o slogan e a prática. A falta de coerência percebida,nos ensina a psicologia social, conduz à rejeição

3. Iniciar a inovação é possível: dois estudos de caso

No pressuposto da visão teórica dos cenários, das realidades e das expectativas,valho-me,em seqüência,podendo servir também como estudos de caso, de duas experiências vividas,respectivamente a Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina(UNISUL) e a Fundação Universidade do Tocantins(UNITINS). Creio que esses casos poderão ajudar a busca de caminhos possíveis, sempre haverá outros, para multiplicá-los, como também para identificar obstáculos e precaver-se contra eles, que sempre existirão, para evitá-los.

3.1. A Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina(UNISUL); concepção , origem e desenvolvimento (caso 1)

A Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina, foi criada como Instituto Municipal de Ensino Superior,(IMES) uma autarquia do Município de Tubarão,no interior em Santa Catarina,em 1964.

Diante da evidência da impossibilidade financeira de sua manutenção e tanto mais de sua expansão para a Região Sul daquele Estado, um de seus objetivos, mas também pela falta de um mínimo de autonomia necessária, face à política inerente às gestões, em todos os níveis de governo, mas especialmente nos municípios, dois anos depois a autarquia foi transformada em fundação, a Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC), que 22 anos após, em 1989, foi reconhecida como universidade - a Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

À época, tudo começou com algumas salas alugadas e uma sala cedida pela municipalidade, um curso de nível superior, com 42 alunos e 06 professores. Hoje é uma das grandes universidades brasileiras, reconhecida como universidade comunitária, por força da recente lei federal n 12.881/2013

Na UNISUL estão matriculados mais de 30 mil alunos, em mais de 100 cursos nos diversos níveis e modalidades, desde o Jardim de Infância até o Doutorado, com um corpo docente e administrativo formado por mais de 2000 servidores docentes e administrativos, dos quais cerca de 500 titulados a nível de mestrado e mais de 200 a nível de doutorado.

Desde seu início, ainda antes de ser reconhecida como universidade, notabilizou-se por se inserir em programas de pesquisa e extensão através dos departamentos de Pesquisa e Desenvolvimento e de Educação Permanente, uma inovação àquela época, os quais com a participação de alunos e professores a eles integrados se tornaram instrumentos eficazes e reconhecidos de desenvolvimento regional, especialmente do Sul de Santa Catarina

Hoje a universidade se articula com cerca de 50 universidades do país e do mundo, comprometida com um esforço de inovação, com momentos de maior, ou de menor sucesso.

Ainda recentemente a direção superior da UNISUL, por excesso de órgãos que fatiavam suas funções, - situação que é muito comum nas universidades, como em outras instituições criando-se dessa forma pequenos feudos, geralmente dissociados entre si dissociando as respectivas funções- a direção superior da UNISUL,dizia, a voltou a se constituir, além do Reitor, de apenas duas Pró reitorias, uma destinada às atividades de Ensino,Pesquisa e Extensão e outra de Gestão Administrativa e Financeira.

Como se vê, foi restabelecida, na estrutura da universidade a indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, conforme o conceito geralmente aceito nas instituições de nível superior,fortalecido no Brasil pelo dispositivo constitucional. É necessário um acompanhamento competente e eficaz, para comprovar se a nova estrutura consegue, nos outros níveis, no planejamento acadêmico como na programação orçamentária e financeira e em sua execução, fazer acontecer a indissociabilidade das funções da universidade.

Durante as análises dos componentes das mudanças essenciais necessárias para sintonizar as universidades com as transformações sociais, novas referências serão feitas sobre como vem ocorrendo o processo de desenvolvimento dessa universidade.

3.2. Fundação Universidade do Tocantins: concepção, origem e fim.(caso2)

O Estado do Tocantins foi criado em 1988 através de dispositivo constitucional. Nos anos seguintes foram sendo disseminados cursos superiores nas 10 principais cidade do Estado, subordinados à Secretaria do Estado de Planejamento, como autarquia. Esses cursos espalhados por cada campus, constituíam a Universidade do Tocantins, que, além de não possuírem estrutura de universidade, como autarquia que eram, sequer possuíam personalidade jurídica própria,a qual como ocorre nesses casos, era retida pela própria instituição mantenedora- o Estado.

A criação da Fundação Universidade do Tocantins, cuja proposta inicial a identificava como Fundação Universidade Autônoma do Tocantins,ocorreu em 1996.

Embora a expressão “autônoma” tenha sido retirada na redação final da proposta, a forma como foi criada lhe garantia condições de autonomia suficiente para dar origem a um projeto inovador de universidade, a começar pela própria forma de criação,seguida por sua natureza jurídica.

Na verdade, não houve a simples transformação do regime autárquico das unidades pré existentes para uma Fundação criada pelo Estado. Por lei, a Assembléia Legislativa, autorizou o Poder Executivo Estadual a associar-se à instituições da sociedade para criar uma universidade sob o regime de fundação de direito privado(de acordo,aliás ,com o que determina o Código Civil Brasileiro),transferindo-lhe o patrimônio autárquico,o que foi feito.

Para isto, através de um “Acordo de Instituidores” formou-se o Conselho Curador da Fundação, seu órgão superior de gestão, onde cada instituidor, de acordo com sua natureza, assumiu determinadas

responsabilidades sobre ela, uma Fundação verdadeiramente pública porque da sociedade e não do Estado, de natureza jurídica de direito privado, mas não particular porque não pertencente a nenhum de seus instituidores, o qual quer outra espécie de beneficiário.

3.3. Fundação Universitária : o pleno exercício da autonomia

Uma Instituição pública, mas não estatal, de direito privado, mas não particular, corresponde , portanto, ao conceito puro,essencial e geralmente aceito,do que é uma fundação: um patrimônio pertencente a si mesmo, administrado por um Conselho Curador,formado por representantes de seus instituidores e, eventualmente,de outros membros da sociedade civil,conforme definido por seu Estatuto.

Dessa forma, sendo a Fundação, por natureza, uma instituição autônoma, ela se constitui na forma mais adequada de organização da universidade, por causa da autonomia. Na fundação universitária são as duas autonomias que se encontram: a autonomia decorrente da natureza jurídica da Fundação e a autonomia decorrente da própria natureza conceitual, e,no caso brasileiro,também da natureza constitucional da Universidade.

Isto não significa, de forma absoluta, que a universidade não possa ser organizada de forma diferente, como autarquia, como sociedade civil, seja sem fins lucrativos,seja de caráter comercial ou de outra espécie. Mas em nenhuma dessas formas, hão de ser plenas as condições de garantia da autonomia, como ocorre na Fundação, embora também na fundação, por interesses alheios,nem sempre a autonomia é reconhecida e respeitada.

Desses interesses alheios talvez um dos gestos mais surrealistas, é o que se praticou no Brasil, sem grandes resistências, inclusive das áreas jurídicas que deveriam ser as guardiãs do respeito à natureza das coisas, como deveria concluir a sã filosofia do direito. (sei que há os que negam a existência da natureza das coisas... como também o valor da filosofia, como ciência da busca dessa natureza, o que relativiza o saber jurídico... e faz o paraíso dos profissionais da área, sem maior compromisso com a Justiça....

Identifico como gesto surrealista do governo a criação da figura hermafrodita da fundação autárquica, imaginando dessa forma, conceder alguma autonomia às suas universidades sem perder sobre elas seu controle... patrimonial, financeiro e por aí,freqüentemente, também o controle didático científico,ou no mínimo ideológico,ou partidário...

3.4. Análise da duração efêmera do caso 2

No que se refere à Fundação Universidade do Tocantins,registro que seu modelo inovador teve duração efêmera,porque vencido o primeiro mandato-que exerci,a parte essencial da UNITINS,com a discordância de sua autonomia, foi apropriada em favor da Universidade Federal do Tocantins(UFTO), onde se introduziram as normas estatais didático-científicas,administrativas,financeiras e patrimoniais,que regem a burocracia estatal.

O principal argumento para essa transformação,mais do que as inovações introduzidas e o espaço que essas inovações permitiram à Universidade ocupar,foi que o Estado do Tocantins era o único Estado da Federação a não ter uma Universidade Federal.Com esse argumento,as

inovações introduzidas e todos os avanços conquistados, como também toda a aprovação havida por parte da comunidade universitária, como ainda veremos, foi substituída pela unanimidade nacional e as benesses do Estado Federal. O processo de inovação perdeu seu lugar.

A Fundação UNITINS ficou com o que sobrou dessa apropriação e, ao que sei, recentemente foi reestatizada recentemente como autarquia estadual. Mas, como veremos na análise das mudanças essenciais introduzidas, restou a memória de que inovar é possível e vale a pena.¹³O

¹³ A originalidade da criação da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS), como foi dito, inicia pelo fato de não ter sido criada pelo Governo do Estado do Tocantins, que nos termos do Art. 1º da lei nº 873 apenas foi autorizado a:

... "promover, na qualidade de co-instituidor, a instituição de uma fundação, com vistas ao desenvolvimento e consolidação da Universidade do Tocantins- UNITINS."

Anteriormente, o Art. 4º da Lei nº 872, que determinava a extinção da autarquia Unitins, já existente, já tinha disposto:

"A entidade sucessora da Autarquia Universidade do Tocantins- UNITINS- terá caráter de fundação de direito privado, constituída sob a égide dos mandamentos do Código civil Brasileiro, considerando-se não estatal, para qualquer efeito."

Obedecendo ao que determinava a lei, o Estado do Tocantins associou-se a:

- **três instituições públicas:** a Assembléia Legislativa, o Tribunal de Justiça, a Prefeitura Municipal de Palmas;

- **seis instituições de caráter empresarial:** a Federação da Agricultura, a Federação das Indústrias, a Federação do Comércio, a Companhia de Energia Elétrica, O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, a Fundação Jaime Câmara (TV)

- **Cinco Instituições sociais:** a Mitra Arquidiocesana de Palmas, a Associação de Rádio e TV do Tocantins, a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, a Associação Tocantinense de Municípios, o Grande Oriente do Brasil.

O Estatuto reservava, ainda, um lugar para o MEC no Conselho Curador que, ao invés de instalar sua universidade federal, assumiria a condição de co-mantenedor da Fundação, condição que não chegou a ser formalizada, o que não impediu o Ministério de atribuir, durante os dois anos restantes do primeiro mandato, sua quota parte de 1/3 na manutenção da Universidade.

Essas instituições, junto com o Governo do Estado, assinaram o "Protocolo de Compromisso", denominação oficial do referido Acordo, estabelecendo os compromissos que cada uma assumiria, de acordo com sua natureza e competências, ao se tornar co-instituidoras da Fundação, cuja Ata de Constituição foi registrada em Cartório Civil de Pessoas Jurídicas, oficializando assim a instituição de uma legítima Fundação, autônoma, por não

rodapé posterior,o de número 15,que remete ao Gráfico nº3,à Tabela ° 1 e ao Mapa nº 1, traz um detalhamento maior desse caso típico.

Inovadora em sua concepção e em sua origem, a Fundação Universidade do Tocantins e a série de mudanças inovadoras adotadas durante os seus primeiros três anos de execução, mereceu elogiosa avaliação do então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso,

pertencer a seus instituidores,pública mas não estatal,porque da sociedade civil e não do Estado ,de direito privado,mas não particular,porque,como não pertencia ao Estado ou a seus co-instituidores, também não pertencia a ninguém,individualmente .

Foi essa autonomia que permitiu, durante seu primeiro e único mandato de autonomia respeitada, (em seguida houve a referida apropriação de seu principal patrimônio material e institucional em favor da Universidade Federal do Tocantins) a introdução de uma série de inovações,a que ainda haverá referências, altamente exitosas enquanto duraram. O êxito das inovações pode ser comprovado, considerando-se que :

-**apesar** da responsabilidade de gerar ela mesma até 33% de seus recursos orçamentários,o que foi cumprido somando ,aos recursos decorrentes de projetos contratados e outros acordos , parcela residual coberta através da contribuição dos alunos,o que demonstra o crescimento da participação da Instituição em sua própria manutenção,fruto da autonomia,o que está demonstrado **no Gráfico nº 1** ;adiante.

-**apesar** de ter crescido o número de matrículas de cerca de 3 mil para mais de 6 mil,distribuídas por mais de 20 cursos nos dez campi da universidade,

-**apesar** da, indissociabilidade promovida das funções de ensino, pesquisa e extensão, que permitiu o desenvolvimento de cerca de 150 projetos de pesquisa e extensão, projetos simples adequados ao nível de graduação, dos quais participavam todos os cursos e turmas da Universidade, de acordo com o planejamento acadêmico o que fica demonstrado pela **tabela nº 2**,que aliás permite também verificar como era possível acompanhar e avaliar as atividades programadas,tanto sob o aspecto acadêmico como administrativo;

- **apesar** desse conjunto de atividades ter permitido dobrar o número de alunos e decuplicar o número de atividades de pesquisa e extensão,sem qualquer acréscimo do número de funcionários(em torno de 840),quer no âmbito acadêmico quer administrativo,o que determinou,por óbvio,um crescimento equivalente de dedicação e trabalho em todas as áreas,o que significou extraordinário aumento de produtividade;

- **apesar** disto tudo, embora tenham sido aqueles anos,de 1997-98, anos em que em todas as universidades brasileiras ocorreram movimentos de paralisação de alunos e professores,nenhuma paralisação ocorreu na UNITINS, o que demonstra o alto nível de satisfação e de conseqüente adesão da comunidade universitária às mudanças havidas.

um intelectual e acadêmico reconhecido, professor universitário com experiência em várias partes do mundo.

Talvez valendo-se um tanto de sua experiência diplomática, ou da habilidade política que o levou à Presidência da República, ao visitar a UNITINS, afirmou em seu pronunciamento:

” quando visito o Brasil, sempre tenho oportunidade de aprender alguma coisa. Não imaginava ao visitar o Estado do Tocantins que iria aprender como se pode fazer uma universidade. ”¹⁴

Complementarmente, vou me referir às medidas inovadoras praticadas com pleno êxito enquanto durou a instituição em sua concepção original, como farei no caso da UNISUL durante as análises das mudanças necessárias, essenciais, a serem adotadas na universidade para sintonizá-la com os avanços da Ciência e da Tecnologia.

Três anos após sua implantação, o essencial de seu patrimônio, como foi dito, os melhores de seus campi, de sua infra estrutura e de seus cursos, foram transferidos ao Governo Federal, para criação no Estado do Tocantins de sua universidade, a Universidade Federal do Tocantins, (UFTO) conforme o modelo existente nos outros Estados.

O que restou da UNITINS, por sua vez, inviabilizou a continuidade de seu projeto inovador, e a própria universidade recentemente acabou por retornar à condição de autarquia estadual, retomando à sua condição inicial de propriedade do Estado¹⁵. Diante desses casos da UNITINS E DA

¹⁴ Unitins, Caderno nº 2, Arquivo do Autor.

¹⁵ Nesse período de inovação foram adotadas outras medidas inovadoras, que estão refletidas no gráfico nº 3, na tabela nº 1 e no Plano Diretor do Campus, mapa nº 1, sede da Universidade, em Palmas.

1- Gráfico nº 3- Evolução dos recursos orçamentário da Unidins, transferidos pelo Estado, de origem de Acordos e Convênios e produzidos pela própria universidade. Nele se vê: que os recursos transferidos pelo Estado permaneceram estáveis embora tenha dobrado o número de alunos, no período em pauta, de 1996 a 1999. Isto deveu-se à implementação do Acordo dos Instituidores pelo qual o Estado seria responsável por 1/3 do orçamento da Instituição, enquanto outro 1/3 seria de responsabilidade do Ministério da Educação, (MEC) e o 1/3 restante seria de responsabilidade da própria Instituição através de contratos, acordos e convênios para trabalhos de pesquisa e extensão, ou do ensino, através de contribuição de alunos, para cobrir o valor residual.

2- A Tabela nº 1 mostra a possibilidade do planejamento, do acompanhamento e da avaliação das atividades de ensino, pesquisa e extensão, verificando-se o desempenho de cada Campus e cada Curso bem como das necessidades ou da sobra de tempos e portanto, da melhor administração dos recursos humanos necessários ou excedentes.

3- O Mapa Nº1 Plano Diretor Campus, ocupando uma área de 200 há. adequada aos amplos espaços que caracterizam o Estado do Tocantins e o Norte do País, integrava a estrutura e as atividades a serem desenvolvidas com as realidades do Estado. Sirvam de exemplo:

- **Área 18-Espaço das Nações indígenas** -para construção de uma Aldeia indígena, pois a universidade criaria condições especiais para viabilizar indígenas na universidade - no Estado vivem 6 povos indígenas, e ensinava o cacique Idjaruri, da tribo dos Karajás "Índio não sabe viver em apartamento, índio precisa viver em comunidade..."

- **Área 2-Parque das árvores queimadas**, constituído por restos de galhos, tronco e raízes recolhidos de florestas devastadas por queimadas, artisticamente trabalhadas pelo artista plástico Zenildo Barreto que serviam como denúncia contra os incêndios tão comuns que devastavam florestas e afetavam o meio ambiente, local também onde podiam ser apresentados espetáculos dramáticos e de denúncia contra a devastação das florestas.

- **Área 14-Bosque da biodiversidade**, onde seriam preservadas ou cultivadas as mais diferentes espécies de plantas do Estado, para pesquisa especialmente de produção de fitoterápicos, inclusive em acordo ajustado com as tribos indígenas para utilização de sua medicina tradicional. Fotos em sequência.

- **Área 27-área de adensamento e preservação**, à semelhança da área 13, preservada como "Santuário ecológico".

Se essas áreas, algumas entre as 27 que compunham o campus, estavam voltadas às realidades regionais, a **área 03** por exemplo-Torre do Futuro, destinava-se a abrigar laboratórios ou unidades de desenvolvimento tecnológico de produtos de alta tecnologia, em parceria com empresas ou institutos especializados, enquanto que a **área 04** convidava à reflexão e ao cultivo ecumênico de valores humanos e espirituais, num convite à dimensão transcendental do ser humano.

-**Quero referir, ainda, o projeto do Museu de História Natural**, que abrigaria mais de 5 mil espécies de animais taxidermizados, colecionados da África, Oceania e, especialmente, da Amazônia e dos Cerrados Brasileiros, e, ainda, através de intercâmbio com outros museus do mundo, pelo antropólogo José Idasi e só posteriormente anexado ao Plano Diretor do Campus. Na ocasião da interrupção das inovações da universidade, com sua federalização, estava em negociação um Acordo com o Museu Real da Áustria, entre outros, para instalação e intercâmbio desse valioso acervo, que, com essa interrupção, continua guardado em precaríssimas condições de preservação, sem que tivesse qualquer nova oportunidade de

UNISUL , diante da análise da realidade atual do processo de transição civilizatória e de suas conseqüências, ou ainda considerando os avanços contínuos da ciência e da tecnologia,na perspectiva da sociedade pós tecnológica,quais medidas,afinal ,devem ser adotadas como essenciais para viabilizar a nova universidade?

Encaminho essa resposta, reportando-me novamente aos casos da UNISUL e da UNITINS,sem deixar de considerar os conceitos e as análises referentes ao momento de transição que está vivendo o processo civilizatório.

instalação por parte da própria universidade, pelos poderes públicos ou qualquer outra instituição. Foto em seqüência.

O mapa nº1 permite visualizar o projeto do Plano Diretor do Campus de Palmas que, com a transferência de sua maior e melhor parte, para a Universidade Federal, caiu no esquecimento.

Fundação Universidade Do Tocantins

Pro Reitoria De Administração E Finanças

Gráfico nº1

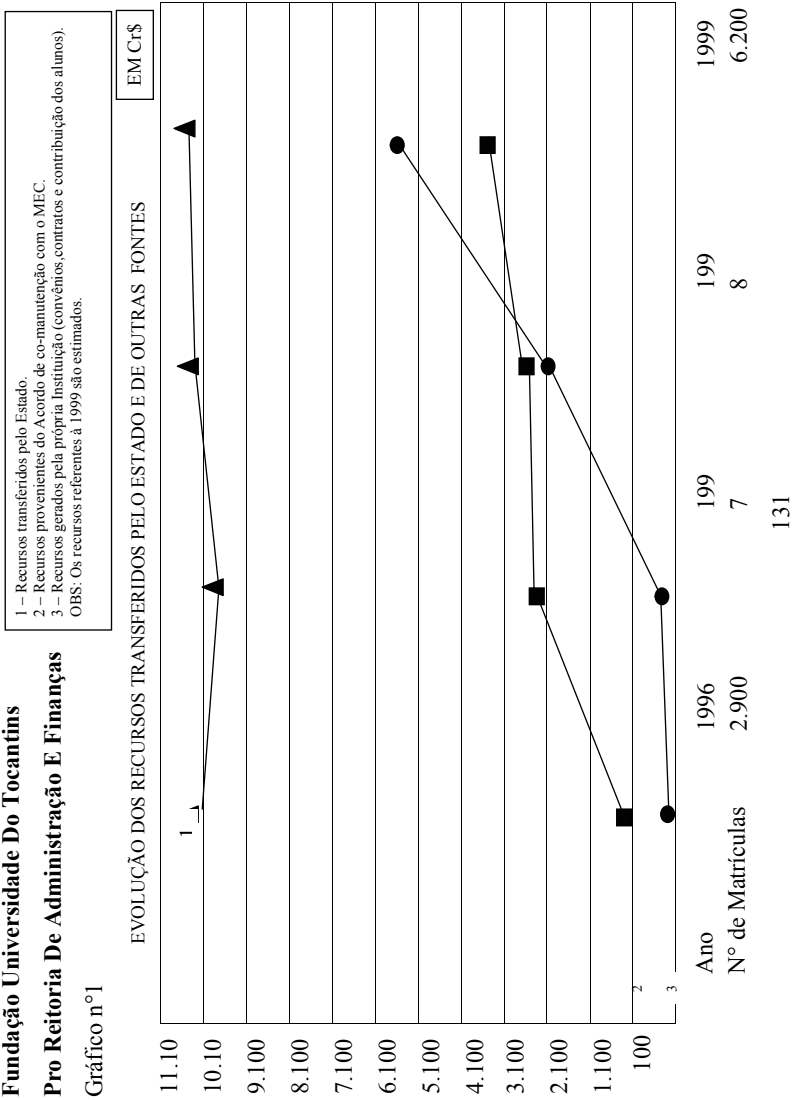
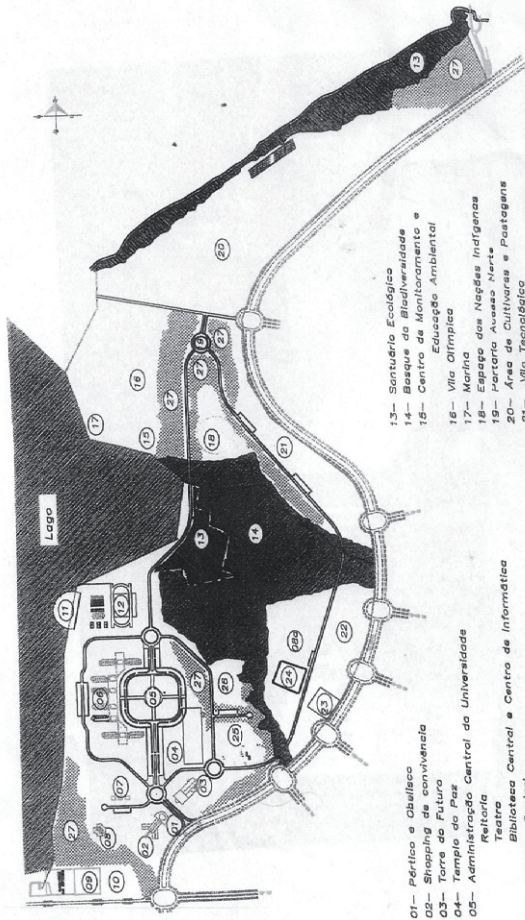


Tabela nº 1: carga horária anual contratada x carga horária programada por curso e por campus.

CAMPUS	CURSOS	Carga Horária Contratada (48 Semanas)	Nº de Turnos	Programação de Ensino Horas de Aulas Grande Curricular	Horas Programadas de Pesquisa e Extensão	Total de Horas Programadas	Relação de Horas Contratadas por Horas Programadas
ARAGUAÍNA	Geografia	20.016	2	5.600	3.920	5.928	15.448
	História	17.280	2	5.600	3.920	3.692	13.212
	Letras	34.752	2	5.760	4.032	15.496	25.288
	Matemática	15.360	2	5.720	4.004	7.280	17.009
	Med. Veterinária	36.000	1	4.155	2.909	*	7.064
sub total		123.408	9	26.835	18.785	32.396	78.016
ARRAIAS	Matemática	11.520	1	2.715	1.901	3.120	7.736
	Pedagogia	13.920	1	2.880	2.016	3.744	8.640
sub total		25.440	2	5.595	3.917	6.864	16.376
COLINAS	Direito	21.120	1	3.450	2.415	-	5.865
	Letras	21.120	1	3.450	2.415	-	5.865
sub total		42.240	2	6.900	4.830	10.730	26.600
GUARAI	Letras	11.520	1	2.880	2.016	5.512	10.408
	Pedagogia	27.648	2	5.760	4.032	11.752	21.544
sub total		39.168	3	8.640	6.048	17.264	31.952
GURUPI	Agronomia	34.560	1	4.770	3.339	14.872	22.981
	Matemática	34.560	1	4.770	3.339	14.872	22.981
sub total		69.120	2	9.540	6.678	29.744	55.962
MIRACEMA	Administração	29.531	3	9.000	6.300	14.820	30.120
	Matemática	18.096	2	6.312	4.418	8.164	18.894
sub total		47.627	5	15.312	10.718	22.984	49.014
PALMAS	Arq. e Urbanismo	21.792	1	4.050	2.835	6.184***	13.069
	Clênc. Contábeis	17.184	1	3.180	2.226	4.784	10.190
	Clênc. Econôm.	6.576	2	1.440**	1.008	1.976***	4.424
	Comun. Social	8.640	2	2.160**	1.512	1.768***	5.440
	Direito	8.256	2	2.220**	1.554	1.196***	4.970
sub total		52.472	7	13.026	9.135	10.628	22.786
PARAÍSO	Eng. Ambiental	38.976	1	4.200	2.940	12.532	19.672
	Eng. de Alimentos	15.456	1	4.425	3.098	6.132	13.655
sub total		54.432	2	8.625	6.132	12.768	27.327
PORTO NACIONAL	Process. de Dados	14.016	2	4.800	3.276	1.360	9.516
	Ciências Biológicas	29.472	3	9.105	6.374	7.692	23.171
	Geografia	32.976	2	6.900	4.830	11.752	23.482
	História	22.752	2	5.760	4.032	7.696	17.488
	Letras	26.880	2	5.040	3.528	11.388	19.956
sub total		140.400	10	37.505	26.568	64.948	155.348
TOCANTINÓPOLIS	Letras	97.008	7	20.340	14.238	36.452	71.030
	Pedagogia	30.720	2	5.760	4.032	11.284	21.076
sub total		127.728	9	26.100	18.270	47.736	82.106
TOTAL GERAL		619.627	42	117.057	81.941	178.248	377.246

Doente não incluído no Planejamento por estarem participando de Cursos de Pós-Graduação 64.320



- 01- Pórtico e Obelisco
- 02- Shopping da convivência
- 03- Torre do Futuro
- 04- Templo do Paz
- 05- Administração Central da Universidade
- 06- Biblioteca Central e Centro de Informática
- 07- Prefeitura do Campus
- 08- Laboratório de Fisiologia
- 08a- Casas de Vegetação
- 09- Centro de Pesquisas e Estudos de Zoonoses
- 10- Espaço da Saúde Humana
- 11- Espaço da Vida Aquática
- 12- Centro Esportivo

- 13- Santuário Ecológico
- 14- Bosque da Biodiversidade
- 15- Centro de Monitoramento e Educação Ambiental
- 16- Vila Olímpica
- 17- Morfologia
- 18- Espaço das Nações Indígenas
- 19- Portaria Avenida Norte
- 20- Área de Culturas e Postagens
- 21- Vila Tecnológica
- 22- NUTIPH- Área de Experimentos
- 23- Laboratório de Biotecnologia
- 24- Parque das Atividades Químicas
- 25- Centro de Pesquisa da Identidade Tocantinense
- 26- Casa de Professores e Estudantes
- 27- Área de Adensamento e Preservação



Projeto : Plano Diretor e Zoneamento de Usos
Unidade : Campus Universitário de Palmas
 Prof. Paulo Kellenberg



UNITINS -1998. Parque das Árvores Queimadas. Figuras esculpidas pelo fogo.



CAITITU (pecari tajacu) – Espécie brasileira pertencente ao acervo de animais taxidermizados do antropólogo José Idasi.

4. Construindo a Nova Universidade: as mudanças essenciais

Alguns prefeririam chamar as medidas que, entre outras, passo a analisar como mudanças estratégicas para dirigir a universidade no rumo de sintonizá-la com os avanços da ciência e da tecnologia e elas realmente são estratégicas, nesse sentido. Mas há um sentido maior no conceito de essencial.

Essencial diz respeito à própria natureza do objeto e creio que as medidas sugeridas, além de estratégicas, têm a ver com a própria essência da universidade, não no sentido de substituir o conceito de universidade como produtora,guarda e difusora do conhecimento da ciência e da tecnologia,mas como decorrência e complementação desse conceito.

Na verdade, como está ocorrendo com o processo civilizatório ao chegar num novo estágio, o mesmo deve ocorrer com a universidade- a universidade inserida e sintonizada com esse processo,ou seja,com os avanços da ciência e da tecnologia

4.1. Integração do Ensino, Pesquisa e Extensão:o caso UNITINS.

Ao assumir a Reitoria da UNITINS, um dos primeiros atos que pratiquei foi a extinção da grade horária, que, como em toda parte, costuma se restringir à programação do ensino, substituindo-a pelo planejamento semestral das atividades acadêmicas que passou a integrar as funções de pesquisa, ensino e extensão,no mesmo planejamento.

A meu ver a grade horária de aulas constitui um dos instrumentos que afasta a universidade de seu conceito, transformando-a em Instituição de Ensino, o que contradiz o conceito de universidade, como vimos e,no Brasil,contraria o preceito constitucional,como também vimos.

Nesse sentido, faz jus ao nome de grade. Grade, que separa, que isola uma função das outras funções. Que aprisiona...

O planejamento acadêmico passou a ser competência das Congregações dos cursos, envolvendo as atividades de pesquisa, ensino e extensão. Para tanto as Congregações de cada curso se reuniam durante a primeira semana acadêmica, programando em conjunto as atividades de cada disciplina, de forma articulada, podendo articular-se ainda com outros cursos, no mesmo Campus ou, eventualmente, em outro Campus em caso de necessidade de um lado e disponibilidade do outro.

Como foi visto (rodapé nº 13 e respectiva tabela nº 1) a mudança no modelo de planejamento acadêmico, permitiu a integração das funções de pesquisa ensino e extensão, com notável aumento de produtividade, condições de acompanhamento e avaliação, com evidentes reflexos na área administrativa e financeira.

Apresentando extraordinário avanço na área de planejamento e de integração do Ensino da Pesquisa e da Extensão, como demonstra a tabela nº 1, o mesmo avanço não foi conseguido, também em função do pouco tempo disponível, no sentido da flexibilização e de uma abertura maior dos cursos, quando muito participando de atividades complementares entre si. Por ex. num projeto de pesquisa do curso de Engenharia, que precisasse da participação de biólogos, esse curso se articulava então com o curso de biologia, que passava a participar do projeto. Mas isto era muito pouco.

Na linha da flexibilização das estruturas acadêmicas, passos maiores foram dados pela UNISUL, no que se refere à articulação e a flexibilização dos cursos.

Na UNISUL o processo iniciou com medidas de ordem conjuntural, com vistas a preparar melhor a instituição, os meios institucionais e as pessoas para a nova fase em que planejava entrar, ou que, de certa forma, estava em andamento, ainda que de forma menos sistematizada.

4.2. Medidas conjunturais, no caso UNISUL

A partir de 2002 a UNISUL começou a promover seu Planejamento estratégico, na busca de desenvolver um processo contínuo de inovação, programa por isto chamado de UNISUL em Movimento.

Anoto que este é o caso da UNISUL, o que não deve ser entendido como uma norma geral aplicável a outras universidades. É possível que, como estudo de caso, o que ocorre na Unisul, possa servir como subsídio para outras universidades que estejam percorrendo caminho semelhante. Mas apenas isto.

O documento de assessoria que, apresentei à época "Proposta para o Projeto Estratégico da UNISUL Pós Tecnológica"¹⁶ constituía ao mesmo tempo uma síntese analítica do processo em curso na universidade, dos debates ocorridos sucessivamente em uma dezena de reuniões dos executivos da Instituição no contexto do Movimento e de seus objetivos, e simultaneamente, uma identificação de conteúdos e estratégias propostas para prosseguir nos passos seguintes, dando continuidade ao processo de transformação da universidade no rumo de sintonizá-la com os avanços da ciência e da tecnologia, como era registrado em sua Missão. .

¹⁶ Della Giustina, Osvaldo- Proposta para o Projeto Estratégico da UNISUL pós Tecnológica, do Arquivo do Autor.

O documento foi apresentado em novembro de 2006 e em sua primeira parte resumiu as ações em curso, definidas como conjunturais e que tinha como objetivo:

“no campo acadêmico, aproximar a UNISUL dos objetivos estabelecidos por sua Missão e Valores, sanear-la e estabelecer as bases para o “take off” na direção da UNISUL pós tecnológica.”

Adotada no mesmo contexto, essa Missão estava assim expressa :

Missão da UNISUL :

Educação e gestão inovadoras e criativas no processo de ensino de pesquisa e de extensão, para formar integralmente ao longo da vida cidadãos capazes de contribuir na construção de uma sociedade humanizada, em permanente sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia”

Em sequência, o documento lista os componentes dessas medidas “conjunturais” que, de acordo com o que estabelecia a Missão da Universidade, se centravam na formação, na educação do estudante, num contexto onde ele teria que ser preparado para o advento de uma nova sociedade:

“...formar cidadãos capazes de contribuir na construção de uma sociedade humanizada, em permanente sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia”.

Ora, era evidente que para promover essa sintonia se fazia necessário também que se definisse qual a perspectiva, ou a percepção que se deveria ter desses avanços e, em consequência para onde seria levada essa nova sociedade, ou a civilização pós tecnológica.

Para todo esse processo foram definidas as seguintes as medidas conjunturais:

- a valorização da formação humana, concebida como instrumento de formação do futuro profissional enquanto ser humano, capaz de conhecer-se a si mesmo, ao mundo e ao momento em que está inserido e agir em conformidade com essa consciência, isto é, a formação ética, (formação integral) mas alertava o documento:

“No entanto, faltam para isto centros, ou cursos ou núcleos que lhe dêem sustentação”

Em seguida o documento comentava os demais elementos da proposta conjuntural que deveria preparar o caminho para o “take off”:

-a integração efetiva da pesquisa, do ensino e da extensão...

-a introdução de disciplinas à distância....

-a descentralização do planejamento e da execução das atividades acadêmicas...

-a integração das disciplinas em módulos...

-a racionalização da gestão...

- o treinamento de servidores....

Isto estava sendo feito ,ou deveria ser feito,mas seria necessário continuar fazendo e aprofundando, como forma,ou instrumento de viabilizar o “take off”a cujo conteúdo o documento acentuou a necessidade da maior integração do Ensino,da Pesquisa e da Extensão, tudo articulado com os dois programas que já vinham sendo implementados pela

Universidade e que deveriam ser entendidos em toda sua dimensão e em suas extremas consequência:

-a flexibilização da organização acadêmica de modo que o aluno pudesse optar sobre os rumos de sua formação, sob orientação da instituição, sempre que viesse buscar alguma forma de produto formalizado, de acordo com a formalização.

-a virtualização da Universidade, que deveria ir muito além da educação à distância ou do acesso do aluno a determinado número de disciplinas pela internet, ou seja, a simples introdução de disciplinas à distância”.

Por serem efetivamente essas duas medidas, as medidas essenciais que devem identificar a Nova Universidade, vejamos o que elas significam.

4.3. Flexibilização da organização acadêmica.

- a flexibilização da organização acadêmica, era um processo já iniciado nos debates referentes à programação estratégica da universidade ficando registrada apenas “a integração das disciplinas em módulos, ou UNAS,”

As UNAS inicialmente foram pensadas apenas como “Unidades de Negócios” no sentido de apropriação de gastos, mas evoluíram dando origem à criação das UNAS como “Unidades de Articulação Acadêmica”, as quais reúnem diversos cursos da mesma área, para o desenvolvimento de atividades comuns.

Hoje a UNISUL divide seus cursos em quatro UNAS, como Unidades de Articulação Acadêmica:

- Ciências sociais, Direito, Negócios e Serviços
- Educação, Humanidades e Artes
- Saúde e Bem Estar Social
- Produção, Construção e Agroindústria

Numa análise de como o processo vem sendo implantado, estou certo que se pode ir muito além do horizonte a que se chegou. Creio que se deve chegar a uma flexibilização das estruturas acadêmicas, nas quais, ao invés de um conjunto de cursos, as UNAS, essas ou outras, articulem, efetivamente disciplinas de áreas de conhecimento, de certa forma substituindo os cursos, onde os professores ou pesquisadores sejam contratados, por área, (por UNA) a programação das atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, sejam programadas e desenvolvidas em conjunto, também por área e, enfim, os alunos se matriculem por área...

Nessa estrutura flexibilizada os alunos poderiam livremente navegar por disciplinas e obter diplomas profissionais, se for esse seu objetivo, desde que cursados os mínimos estabelecidos, seja para obtenção da especialidade que lhe aprouver, seja exigidos pela universidade, em função de seus valores ou da formação da personalidade como suporte da própria formação dos profissionais ou das pessoas que por ela passem, ou naveguem, no caso da UNISUL, como preconizado por sua Missão..

No caso da UNISUL, esses valores já estavam definidos:

“a valorização da formação humana concebida como instrumento de formação do futuro profissional como ser humano, capaz de conhecer-se a si mesmo e ao momento em que está inserido e agir em conformidade com essa consciência, isto é, a ética.”..

Isto no caso do aluno buscar um diploma profissional, mas dando ampla liberdade, de que cada um, uma vez matriculado, possa estabelecer seu propósito ao buscar a universidade e ,conforme esse propósito,solicitar o diploma,ou o certificado,de acordo com normas estabelecidas pela universidade,ou com mais liberdade ainda,se for o caso ,sobretudo nos acessos virtuais,como se verá adiante...e na certeza de que cada vez mais o conhecimento será mais valorizado que o diploma.

Nesse caso, a universidade deverá também propiciar ao aluno matricular-se simplesmente à busca de conhecimento, para ser, sobreviver, ou viver como instrumento ativo, na nova sociedade ou na civilização pós tecnológica.Aliás,esse é também um forte argumento em favor da introdução da educação permanente,como um dos grandes caminhos da universidade.

Nessa dimensão vou valer-me do pronunciamento do então Reitor da UNISUL, Gerson Luiz Joner da Silveira, em 2004, por ocasião das comemorações do quadragésimo aniversário da Instituição :

“A perspectiva da inovação contínua deverá colocar a UNISUL (a universidade) em estado permanente de mudança. A superação do condicionamento ao lugar e ao tempo deverá fazê-la crescer em abrangência e conteúdo e não apenas em dados e informação,fazendo da UNISUL(da universidade)verdadeira provedora do conhecimento

Este é o caminho, o instrumento, a estratégia e o lugar de competir, como corolário natural e evidente do desenvolvimento da sociedade informatizada, que, complementarmente à atividade presencial, essencial à formação universitária e às relações humanas, irá permitir que a UNISUL (a universidade) acelere seu processo de virtualização, como já vem fazendo....¹⁷

4.4. O caminho da virtualização

Embora cada universidade deva encontrar seu caminho de ingresso no mundo virtualizado seu alcance e seu limite, a UNISUL constitui um caso de relativo de sucesso, sobretudo pela qualidade da metodologia e, em consequência dos serviços oferecidos, mas de relativo sucesso porque fatores externos, especialmente a intervenção do MEC, obrigaram a adotar essa relatividade no lugar do modelo virtual adotado e já funcionando com pleno êxito.

Esse tipo de intervenção, à margem da autonomia constitucional que dá às universidades autonomia didático - científica, torna-se evidente no caso específico das dificuldades criadas às Instituições que inovam, de alcançar os objetivos e metas programados, ainda que os conceitos, os objetivos e as metas, assim como a vontade política, existam.

Mas a inovação tem sempre resistências, justificadas ou não, externas ou internas. Tem também o peso da tradição, do costume, da rotina, especialmente se for o caso de instituições mais antigas, onde se

¹⁷ Silveira- Gerson Luis Joner ..A Universidade no Mundo Pós Tecnológico

soma ainda o peso (ou o medo de correr riscos) da consciência do cientista diante de um equívoco ou um erro possível, o que pode ser comum e natural no meio científico, onde a certeza, é colocada como mais importante do que o ritmo, a velocidade, ou o tempo.

Entrando no mundo da virtualização, na virada do Milênio, após experiências diversas de educação à distância, a UNISUL criou a UNISUL Virtual, uma plataforma online, onde alguns cursos e suas disciplinas foram replicados virtualmente. Com material didático próprio, rápido e competente monitoramento e totalmente virtualizada, a UNISUL VIRTUAL obteve significativo êxito, sobretudo em programas corporativos, voltados especialmente a responder às necessidades específicas da respectiva corporação.

Cito para exemplificar essa política corporativa os acordos havidos no âmbito das Forças Armadas Brasileiras, tendo seus membros, freqüentemente, ou sempre, sujeitos a continuas missões, sendo deslocados com as respectivas famílias, muitas vezes para áreas não atingidas por outro meio de contato, ou de formação, como ocorre também freqüentemente com os integrantes da marinha em missões de alto mar, ou a aeronáutica em missões na Amazônia Brasileira, ou outras missões em deslocamentos sucessivos, freqüentemente junto com suas famílias.

Dá-se esse exemplo de demandas específicas, porém situações análogas existem em outras corporações como também com as pessoas em geral, em seu próprio meio e em situações diversas. Dessa forma, UNISUL VIRTUAL tem celebrado acordos com outras instituições públicas e privadas, com plena satisfação de seus “clientes”.

A Universidade guarda testemunhos do alto nível qualitativo desse modelo virtual que introduziu. Lembro, entre eles, o testemunho a que assisti pessoalmente e que reproduzo de memória o amais fielmente possível, testemunho dado pelo Diretor do Departamento de Recursos Humanos do Exército, por ocasião da renovação de um desses Acordos:

“Sabem os senhores o quanto são exigentes as Forças Armadas, especialmente no que se refere à formação de seus integrantes e de assistência a suas comunidades. Devo declarar que não há qualquer reparo a ser feito, em relação aos ótimos resultados obtidos através dos nossos acordos, quer em relação à disciplina, ao conteúdo, ao método, enfim aos objetivos corporativos. “

A mesma percepção não teve o viés intervencionista do Ministério da Educação, pouco afeito a respeitar, como dissemos, a autonomia didático-científica, administrativa, e de gestão financeira e patrimonial, garantida, nesses termos, às universidades pela Constituição brasileira.

Penso poder afirmar, com segurança, que a cultura centralizadora e intervencionista do Estado brasileiro, ao cercear a autonomia das universidades, não alcançou ainda entender, ou tendo percebido, a aceitar, a diversidade como patrimônio das sociedades democráticas, adultas e produtivas.

No caso brasileiro, entender e aceitar a importância da diversidade é de especial importância, especialmente levando em conta as imensas diferenças regionais do País como também as diferenças significativas das próprias universidades entre si. Sem essa percepção, no caso do MEC, creio que lhe foge também a percepção das imensas potencialidades das

redes virtuais e de outros instrumentos oferecidos pelos avanços da tecnologia.

Em consequência em certo momento do processo de virtualização da UNISUL,mas seguramente de outras universidades que buscavam o mesmo caminho., o MEC obrigou, por meios lícitos, quando não por discutíveis meios, as universidades a que a educação virtual fosse complementada, sempre e em toda parte, com monitoramentos locais,obrigando-as a manter núcleos avançados presenciais.

Com essa obrigatoriedade, a par do ônus financeiro, esses postos implicaram na limitação do espaço virtual, submetendo novamente o espaço global oferecido pela tecnologia e, portanto, a difusão global do conhecimento, a um lugar definido, limitando, conseqüentemente, e de certa forma impedindo, a ocupação plena do espaço virtual, talvez o avanço mais importante da nova tecnologia que começava ser absorvido pela universidade.

Consequência dessa imposição, a UNISUL hoje mantém cerca de 80 desses núcleos espalhados pelo Brasil e alguns outros núcleos no exterior, através de acordos com universidades locais.

Seguramente com um pouco mais de criatividade, componente indispensável nos processos de mudança e de inovação, poderiam ser inseridas formas alternativas de relacionamentos presenciais, considerada sua inegável importância.

Penso, por exemplo, no incentivo á criação de Diretórios, Associações, ou Clubes locais representativos, à semelhança dos Diretórios estudantis nas universidades presenciais, organizados e dirigidos pelos próprios alunos, com presença eventual e apoio da universidade, nas

comunidades onde houvesse número adequado de estudantes, articulados com um conjunto de iniciativas locais, que multiplicariam pelo país ,ou pelo mundo ,núcleos vivos da presença da universidade,em realidades diversificadas, ricas de potencialidades e capazes de responder rapidamente às características locais e às demandas das inovações de cada dia.

No pronunciamento já referido, o ex- Reitor da UNISUL, Gerson Luiz Joner da Silveira concluía, referindo-se a essa etapa da passagem da educação à distância, para a educação virtual, levantando a proposta de continua transformação da Universidade Virtual no rumo de ultrapassar as condicionantes do espaço e do tempo que a limitavam,afirmava :

“Agora instrumentalizada pelos avanços tecnológicos a educação à distância (em 2004 a universidade estava nessa passagem como acabamos de ver) a educação permanente, irá nos levar a esse novo patamar. Com outros métodos, com outras possibilidades e, sobretudo, dispondo da tecnologia das redes eletrônicas, a educação à distância nos permitirá conquistar novos espaços e vislumbrar novos horizontes, capazes de abrir a UNISUL(a universidade)para o mundo, independentemente dos tempos ou dos espaços que a limitam.”

Na verdade, pensar e trabalhar para uma Nova Universidade que cresça e se transforme em sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia, não é, e não será tarefa sem obstáculos, embora mais que a UNISUL,outras universidades no mundo,sobretudo no mundo desenvolvido já caminharam muito nesse rumo.Mas no Brasil ,e creio que no mundo ,ao menos no mundo não desenvolvido ou de modo geral semelhante ao Brasil, há ainda um longo caminho a percorrer.

No entanto, a virtualização plena da universidade, nos deve levar a refletir mais sobre as demandas da sociedade pós tecnológica e suas características , sobre o mundo global ,virtualizado, em rede, e sobre as potencialidades disponíveis nas universidades,mais do que sobre as regras da burocracia que freqüentemente tendem a amarrar,a impedir,ou a dificultar os avanços...

Essa reflexão levaria, as próprias universidades e os que atuam sobre elas ou com elas, a exercer sua criatividade e seu poder, para a urgente implantação da nova universidade, produtora, guarda e difusora do conhecimento, em sintonia com os avanços e o novo status da sociedade, ou da civilização, trazidas pelos avanços da ciência e da tecnologia,o espaço virtualizado e o tempo em continua mudança,não posso deixar de repetir...e repetir.

Concluindo, a criatividade que se há de esperar da universidade,não há de ser menor que a dimensão e a velocidade com que se desenvolve a ciência e a tecnologia, sintonizando com seus ritmos e contribuindo na eliminação, ou ao menos na diminuição dos desequilíbrios que ameaçam a sustentabilidade do processo civilizatório e sua própria sustentabilidade.

5. A Educação Permanente virtualizada.

Parece de especial importância registrar que a contribuição da universidade no desenvolvimento da ciência e da tecnologia de transformação da sociedade, especial preocupação deste livro, não substitui e nem a afasta de sua responsabilidade na formação de pessoas.

É necessário que fique claro e bem entendido que as pessoas são parte, e parte essencial da transformação da sociedade. Por isto é preciso perceber

que a preocupação por contribuir com a ciência e a tecnologia na transformação da sociedade, não deve ser entendida como uma substituição das responsabilidades com a formação das pessoas.

É preciso entender que essa soma das duas responsabilidades, a da formação de pessoas e a de contribuição com a transformação da sociedade, constitui um acréscimo na qualidade de todo o processo acadêmico, ou da própria universidade, que deverá se refletir na sua organização, nas suas estratégias, em seus métodos e em seus instrumentos, enfim, em seu produto final, ou seja, pessoas melhores, capazes de viver num mundo melhor, ou ao menos de entender que um mundo melhor é possível.

Este é, sem dúvida, o rumo da Nova Universidade.

Quero complementar com algumas considerações que julgo especialmente importantes nessa universidade.

5.1. Algumas distinções necessárias

Creio que não estão suficientemente claros, vários conceitos em voga nesse processo de transformação da universidade. Isto me induz a propor uma análise inicial dos vários conceitos referentes à nova educação não presencial e utilizo a expressão não presencial face à diversidade de modelos que ela permite.

Temos em primeiro lugar o conceito de educação à distância, que ainda continua sendo entendido como foi em suas origens na segunda metade do século passado, quando a educação à distância era realizada

mediante envio,ou troca de conteúdos e material didático, via postal entre seus produtores e seus clientes.

Esse modelo inicial,com a popularização do Rádio e o advento da Televisão evoluiu para outras formas de educação, ou de ensino à distância, através de desses meios, ou simplesmente através de cursos ou ações de treinamento e capacitação ministrados em locais distantes da sede de quem os ministrava.

O conceito de Educação Permanente é outro. O conceito pode até abranger a ministração de cursos, com exigências maiores, ou simplesmente abertos para quem os procure.Mas esse conceito vai muito além do que, em geral, se entende por educação permanente.

A Educação Permanente deve ser entendida ,sobretudo, como um instrumento capaz de disponibilizar o conhecimento de forma continua,por toda a vida e de múltiplas formas,à todos os que desejarem ou se habilitarem a ter acesso a ele,respondendo,dessa forma, às necessidades da demanda,decorrentes da continuas mudanças e das inovações de cada dia,que ocorrem em consequência dos avanços da Ciência e da Tecnologia .

A Educação Permanente, pois, passa a estar intimamente ligada às novas formas de comunicação, as plataformas virtuais, as redes, enfim, toda a variedade de formas e instrumentos oferecidos pela moderna tecnologia eletrônica.

Por essa razões,a Educação Permanente passa também, a distanciar-se cada vez mais das formas tradicionais de educação e ligar-se cada vez mais aos meios da moderna tecnologia eletrônica, ou virtual, afastando-se cada vez mais da parafernália das leis, normas, papéis,certificados e outros instrumentos ou produtos da educação tradicional,seja presencial,seja à

distância, que a limitam e que já não são compatíveis com um mundo global e em contínua transformação.

5.2. A Educação Permanente virtualizada, como instrumento de inserção da universidade no processo de transição.

Esse entendimento da Educação Permanente, passa assim a estar intimamente, e necessariamente, conjugado com os meios virtuais.

A Educação Permanente virtualizada pode também promover cursos à distância, como os promove a universidade presencial, conferindo diplomas, submetendo-se, porém, às normas que regem a educação tradicional. Diria que ela pode até replicar virtualmente, com as devidas adaptações, esses cursos ministrados em sua sede presencial.

Mas na concepção proposta da Educação Permanente Virtualizada, a universidade passa a ser sobretudo um patrimônio de conhecimento disponível para ser utilizado em qualquer lugar e a qualquer tempo, teoricamente acessível a qualquer pessoa na diversidade de modelos oferecidos, podendo ou não, na prática, submeter-se às normas emitidas por seus promotores, de acordo com seus objetivos, mais do que a regulamentos oficiais.

Assim concebida a educação permanente, passa a constituir essencialmente uma forma de difusão contínua do conhecimento, independentemente do tempo e do espaço, a não ser limitado por barreiras de outras espécies, como, por exemplo, a linguagem (o idioma) ou outras formas restritivas de natureza institucional.

É para esse imenso espaço, o espaço do conhecimento, mais do que permanecer no espaço do diploma, que a universidade precisa despertar e perceber que nele, de modo especial, ela pode encontrar o meio de exercer na plenitude sua autonomia, a não ser que prefira ,ou admita, que o Estado seja o dono,ou o fiscal, também do conhecimento.

O gráfico nº 1,visto no item 2.2, desta III Parte, expressa essa concepção do espaço controlado pelo Estado,que vai diminuindo,enquanto cresce o espaço da autonomia da universidade, o novo ” mercado “a ser ocupado por ela. Essa é a dimensão, ou o verdadeiro significado da Educação Permanente, ou seja, o espaço fora dos controles paralisantes, limitadores da autonomia, da inovação e da liberdade, além de burocratizados pelo poder do Estado.

È este o espaço aberto para a universidade, que deve ocupá-lo e normatizá-lo de acordo com suas potencialidades,seus objetivos e seus valores,exercendo na plenitude sua autonomia.É sobretudo através dele que ela poderá participar do processo de transformação do mundo e,como foi dito, sobreviver,ou viver como parcela viva na nova sociedade pós tecnológica.

Dessa forma a universidade se transformará, também, em verdadeiro Portal do Conhecimento, uma universidade virtualizada, como virtualizado está se transformando o mundo, ou já está sendo o mundo, essa nova sociedade,a civilização que deverá vir por causa,e depois , do salto da ciência e da tecnologia, cujo início estamos vivendo.Vivendo apenas no início.

É interessante, a essa altura, retornar ao gráfico nº 1, há pouco referido, complementando-o pelo Organograma nº 1, adiante, que delinea a concepção da Nova Universidade.

5.3. A Educação Permanente virtualizada não substitui a universidade presencial.

Didaticamente o documento de assessoria, A UNISUL Pós tecnológica, utilizado em diversos momentos nesse livro, já apresentava um perfil do que deveria ser a UNISUL Pós tecnológica. A seguir, apresento sua abrangência para outras universidades. Ele poderá servir de concepção essencial para as que o julgarem adequado.

Segundo esse documento a universidade presencial como existe hoje continuará sendo o núcleo central da Nova Universidade, continuando a desempenhar suas funções tradicionais de administração, planejamento, ministração de cursos presenciais, associando ensino, pesquisa, extensão e, ainda, outras funções.

Mas a virtualização, da qual a Universidade presencial será a plataforma, há enriquecê-la trazendo-lhe uma nova dimensão, não apenas pela soma de “experts” do mundo digital que passarão a integrá-la, portanto trazendo-lhe uma nova dimensão do mundo, mas transferindo-lhe toda a tecnologia virtual em sua imensa variedade de aplicações.

É nessa dimensão que a Nova Universidade irá reencontrar-se com o processo de transformação civilizatória, inserindo-se nele como um elemento dinâmico, podendo contribuir com ele na transição e sobrevivendo na nova sociedade, a civilização pós tecnológica.

É nesse contexto, também, que ,na universidade ,passa a ter um novo sentido a formação integral das pessoas,que perderá seu significado essencial se as pessoas que nela atuam ou as que nela são preparadas ,não forem preparadas para assumir a mesma dimensão do processo,ou da nova sociedade,a civilização pós tecnológica,complexa em contínua mudança e,por isto, ameaçada perder sua dimensão humana,ou participativa e solidária.

5.4. A Educação Permanente virtualizada amplia os horizontes do Ensino da Pesquisa e da Extensão.

Mas a formação de pessoas, ainda que inseridas no mundo em mudança, continua tendo por pressuposto para que sejam efetivamente bem formadas, que participem de fato de todo o processo de mudança, pois a mudança acontecerá... como, aliás, já está acontecendo,em todos as estruturas e funções da sociedade, exigindo novos procedimentos , individuais e coletivos,adequados à nova sociedade.

Por essa razão, a pesquisa de novos conhecimentos, de novas estruturas, funções e procedimentos continuamente renovados e sua permanente difusão, devem continuar sendo funções indissociáveis do ensino articulado com a pesquisa e a extensão ,até porque as plataformas virtuais ou o mundo em rede, com a inter conectividade que viabilizam, hão de somar um novo e significativo instrumento para o exercício dessas funções.

Quero insistir que essas atividades de pesquisa e extensão, vistas nessa dimensão, tanto devem ser entendidas e praticadas em sua forma mais

simples, como instrumentos,ou método eficazes de aprendizagem científica, voltada ao conhecimento e sua prática de cada dia pelas pessoas em seu meio, ou de acordo com a realidade de cada instituição, como quando voltadas à pesquisa avançada, podendo inserir-se em redes globais de cooperação,através dessas formas cada dia mais sofisticadas que a ciência e a tecnologia permitem.

Afirmo o óbvio: para isto é preciso que a Nova Universidade assuma a consciência desses novos horizontes que se abrem para ela ,se planeje e se instrumentalize para atuar nessa nova dimensão.

5.5. A diversidade de formas da oferta de Educação Permanente virtualizada

Para chegar a essa dimensão que é trazida à Nova Universidade, pela Educação Permanente virtualizada, valho-me novamente do Documento de Consultoria apresentado à UNISUL, **A Universidade pós Tecnológica:**

Diz o documento:

”A educação permanente não deve ser confundida com cursos à distância,pois objetiva disponibilizar acesso para atualização permanente do conhecimento.Aqueles,os cursos, continuarão sendo oferecidos na atual modalidade de educação à distância,(embora virtualizados,como também cursos presenciais que poderão ter disciplinas,ou módulos virtualizados), e certificados à nível de graduação,ou outros níveis ,como ocorre hoje.

No entanto, a Educação Permanente poderá também ser certificada, como atualização, ou de outras formas, de acordo com regulamentação a ser instituída pela própria UNISUL (pela universidade).

Mas também poderá ser apenas uma iniciativa dos que se associarem ao Sistema (se matricularem), inserindo-se, dessa forma, no processo contínuo (permanente) de difusão do conhecimento em continua mudança em decorrência dos avanços da Ciência e da Tecnologia.

Nessa dimensão de difusão do conhecimento, no caso de certificação, a UNISUL, seu Campus Virtual (a universidade) deverá desenvolver software(s), ou aplicativos, que permitam a passagem de um módulo para outro a partir do cumprimento de todas as tarefas do módulo anterior, como em certos jogos eletrônicos. O mesmo sistema pode ser aplicado nas fases seguintes de oferta global dos serviços virtualizados.”

Ao me referir à oferta global de serviços virtualizados, quis aproximar os serviços da Nova Universidade aos serviços prestados pelas Plataformas, ou pelos Provedores do conhecimento, diferenciando-se deles apenas pelo fato de que a Universidade está oferecendo serviços cuja validade científica é certificada e conferida por uma universidade.

Esta questão da confiabilidade científica é assunto de crucial importância, porque obrigará a universidade a criar e manter uma imagem, uma marca, um nome que há de ser, para seus usuários, a garantia da validade científica do conteúdo que lhe é oferecido, e o que isto significa, veremos depois.

À época do referido documento, aventou-se a possibilidade de se iniciar essa abertura para o acesso contínuo ao conhecimento, ou para outras formas de oferecer educação permanente, fidelizando seus ex-alunos, oferecendo-lhes por ocasião de sua formatura, por tempo determinado, ou de forma continuada, senhas de acesso, parcial ou total, certificado ou não, ao “patrimônio” do conhecimento da

universidade, considerando-se que à época a UNISUL Virtual já dispunha de cerca de 400 disciplinas virtualizadas, portanto, de um respeitável acervo de conhecimento, que deixaria de ser um museu para se tornar um instrumento vivo de difusão do conhecimento

Evidentemente, a introdução de um Sistema na modalidade proposta, terá que necessariamente ser objeto de normatização muito bem elaborada pela própria universidade.

Creio que no planejar e normatizar esse novo sistema, estará comprovada sua capacidade de inovar e de **caminhar “em sintonia com os avanços ciência e da tecnologia.”**

5.6. Sustentabilidade financeira do Sistema de Educação Permanente virtualizada

Planejado e normatizado o Sistema em suas várias formas de oferecimento de serviços, o mesmo documento A UNISUL pós Tecnológica, faz uma análise dos custos, ou da viabilidade financeira do Sistema, questão que, sem dúvida é de suma importância para as universidades.

Para essa análise o documento pressupõe as várias modalidades de oferta de conhecimento, todas compreendidas como educação permanente. Essas modalidades aparecem no organograma seguinte de nº 1.-Estrutura da Nova Universidade

Seriam as seguintes as modalidades:

- **Cursos formais** de graduação e de pós graduação, devidamente diplomados e organizados de acordo com a legislação vigente- de competência do Estado

- **Cursos informais**, organizados, normatizados e certificados pela própria instituição.

- **Acesso ao conhecimento normatizado** e certificado pela instituição como associado ao Sistema de Educação Permanente.

- **Livre acesso ao conhecimento**, apenas com a aquisição da senha.

A partir desta proposta de organização, diz o documento:

“Poderão ser fixadas taxas financeiras diferenciadas para os acesso certificados ou em, relação à simples (associação) de acesso individual (acesso livre) ao conhecimento do Sistema, como ocorre com o pagamento de alguns portais ou servidores.

Para os certificados as disciplinas, ou conhecimentos a serem certificados deverão ser organizados em módulos. Em caso de oferta de serviços gratuitos, a universidade poderá, no pressuposto da qualidade, buscar outras formas de financiamento (através de sua marketização).

É a partir dessa perspectiva que o documento passa a analisar a questão do que pode significar o novo modelo de universidade integrada através da educação permanente virtualizada.

Pode-se ainda difundir o conhecimento, como já ocorre em algumas instituições e se inicia na própria UNISUL, através do licenciamento de seus produtos, novas formas de difusão do conhecimento certificado como ciência, e não apenas como informação, que é como geralmente ocorre.

5.7. A Educação Permanente virtualizada como instrumento de aferição e melhoria do grau de excelência da universidade.

Julga o documento que a Educação Permanente virtualizada trará uma mudança fundamental na linha da melhoria da qualidade dos cursos, das disciplinas, enfim, das atividades da universidade e de seu corpo de professores e pesquisadores.:

“Há outro componente de suma importância nesta virtualização, o qual se constituirá mais do que qualquer outro instrumento, no instrumento impulsionador e reformador da cultura, dos métodos ou dos procedimentos da universidade tradicional, quer nos métodos didático pedagógicos na área do ensino, quer referentes à pesquisa, quer à extensão.”

A virtualização de disciplinas, cursos, ou áreas da universidade, implicará, pois, a mais completa transformação qualitativa nos conteúdos, nos programas e na metodologia acadêmica, pois imporá qualidade e permanente atualização de seus conteúdos para que possam ser oferecidos no Provedor do conhecimento. Não dá de oferecer, aberto ao público global ou específico de um Provedor, o conhecimento desatualizado e relativo como se pode fazer, e há os que fazem, entre as quatro paredes da sala de aula.

Seguramente os que forem incapazes de assumir e corresponder às exigências da nova universidade, serão automaticamente expelidos pelo sistema, ou claramente identificados, em suas deficiências, pelos gestores.

A regulamentação dessa nova dimensão da educação permanente, como inserção permanente na inovação contínua do conhecimento (da ciência e da tecnologia) deverá incluir normas ou pressupostos de qualidade para que os cursos, ou áreas, ou disciplinas possam ser

virtualizados sempre nessa qualidade, como Educação Permanente, para os matriculados ou simplesmente associados) no Sistema .

Nessa normatização há de ser essencial a forma como se há de garantir a qualidade do produto, das disciplinas a serem oferecidas, pois, deve-se repetir, a universidade não pode avaliar conteúdos que não possam ser certificados cientificamente, e atualizados, de acordo com os próprios avanços contínuos da ciência e da tecnologia e nisto está sua diferenciação em relação a outros provedores.

Pessoalmente estou certo que nenhum outro instrumento pode comparar-se com este, em relação à melhoria e à atualização qualitativa do que é oferecido, porque a falta da qualidade implicará rapidamente na desclassificação da disciplina e, é evidente, de quem a produziu ou de quem a monitora. Não conheço que possa existir outro instrumento de melhoria qualitativa e de atualização do conhecimento ministrado na, e pela universidade.

Tenho dúvida sobre como se deva constituir um modelo de avaliação e controle de disciplinas a serem oferecidas como conhecimento no sistema virtual de modo a garantir a qualidade e a confiabilidade do que está sendo, ou vai ser, oferecido, ou se essa avaliação deva ser feita pelo próprio processo de difusão, o que, parecendo mais democrático, poderá contribuir para desqualificar o próprio sistema. Na verdade, o conhecimento não é algo muito democrático.

6. A Nova Universidade

Completa a virtualização do sistema de Educação Permanente, resta responder à pergunta sobre como há de ficar a universidade como ela é hoje, podendo a pergunta buscar respostas em relação ao campus físico, em relação ao acervo, ou ao patrimônio do conhecimento, como, enfim a sua estrutura didático científica, para usar o termo utilizado na Constituição brasileira...

A meu ver em primeiro lugar é preciso ter presente que nem todas as situações possíveis, ou possíveis questões, que possam vir a ocorrer, por mais que se planeje com todos os instrumentos possíveis de planejamento ou programação, podem ser previstas antecipadamente.

É preciso assumir que em todo processo de inovação, existe o imprevisível, que o imprevisível é parte da natureza dos processos e a única resposta possível é o acompanhamento de cada fase, de cada ponto, de cada momento, com a capacidade de decisões rápidas, sejam no sentido corretivo seja no sentido substitutivo.

É preciso, no entanto, ter consciência clara que, por maior que possa ser o risco da inovação na busca de caminhar em sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia, muito pior há de ser, com medo do risco, manter-se inerte e nada fazer. Esta inércia deixará a universidade cada vez mais distanciada do rumo, ou do ponto que permitiria caminhar sintonizada com esses avanços..

Creio que aquele, a inovação, há de ser apenas um risco relativo. Este, a inércia, é, de certeza, um risco absoluto.

Em segundo lugar, e isto é de suma importância, é necessário perceber que o sistema localizado, o lugar, o acervo do conhecimento, a estrutura didático científica da universidade, a educação presencial, de forma alguma se opõe ao espaço criado pela virtualização, ou pela Educação Permanente.

Não. O campus físico da universidade, continuará sendo o grande lócus onde o conhecimento é produzido, elaborado, guardado e de onde o conhecimento é difundido, por todas as formas de difusão.

No campus físico se localizarão as plataformas virtuais, os laboratórios, ali se fará o planejamento o monitoramento e a gestão dos sistemas, ali se fará pesquisa e extensão no entorno, se ministrarão cursos presenciais como sempre foram ministrados, enriquecidos, nessa nova fase, por toda a estrutura virtualizada que, como o sistema sanguíneo, deverá vivificar todo o organismo universitário.

Não há, pois, oposição entre um sistema e outro, ou a substituição do presencial pelo virtual. Apenas se complementarão e se enriquecerão mutuamente, sintonizando-se nessa complementaridade com os avanços da ciência e da tecnologia.

O campus universitário será o gerador e o principal produtor dos conteúdos do campus virtual, e através do campus virtual poderá se inserir melhor na realidade global, que por sua vez, poderá se transformar também em um forte instrumento de produção do conhecimento, enriquecendo essa complementação.

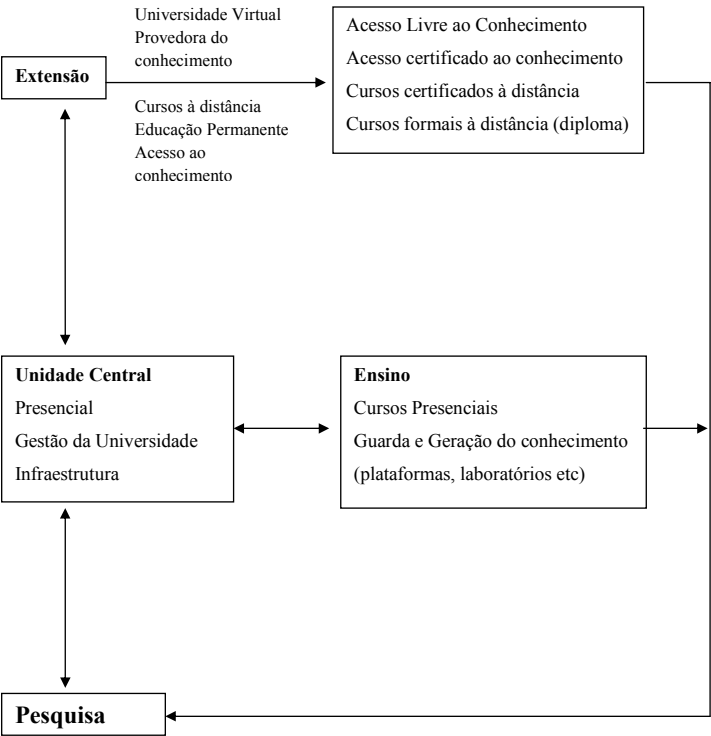
E assim se fará, ou assim será, a Nova Universidade.

Dito isto, quero de toda forma deixar registrado que nem todas as universidades caminharão de forma igual na busca de sintonizar-se dessa forma com a realidade do mundo em transformação. Cada uma buscará seu próprio caminho . Apenas pretendi, através desse livro, mostrar que essa transformação é absolutamente necessária e que existem caminhos para viabilizar a transformação. Apenas mostrei um desses caminhos.

O organograma nº 1, em seguida retrata, de forma simplificada, a concepção da Nova Universidade, integrando o campus físico, ou presencial da universidade com o campus virtual.

Organograma nº1

A Nova Universidade



XXX

PARTE IV

A UNIVERSIDADE COMPROMETIDA

(ou, a sustentabilidade da Civilização)

PARTE IV

A UNIVERSIDADE COMPROMETIDA

(ou ,a sustentabilidade da civilização)

1. A universidade: um patrimônio social

“**As Instituições Também Tem Alma**”¹⁸, é uma história da Universidade do Sul de Santa Catarina, (UNISUL)que escrevi após insistente encomenda de seu Reitor à época,(2010) Prof. Ailton Nazareno Soares. Relutei inicialmente, convicto de que aos que fizeram a história não cabe contá-la.

Cedi no momento em que percebi que constituiria um dever,mais do que com a história, com as pessoas que davam, estão dando e das que continuarão a dar sua vida, na construção de uma universidade que tinha sido pensada, desde o começo, como devendo ser uma universidade que tivesse identidade própria, que fosse comprometida com permanente inovação e que cultivasse valores, com o compromisso de compartilhar esse valores com a sociedade.

Assim aceitei escrever a história da UNISUL quando refleti que,mais do que contar a história da UNISUL,ou os fatos vividos durante seus 50 anos, me cabia,através deles, ajudar na identificação de sua identidade,de seus compromissos e de seu valores, que a identidade,o compromisso e os valores constituíam a própria Alma da Instituição.Me pareceu importante evidenciar que, as instituições,como as pessoas, quando perdem sua Alma, com ela perdem sua vida. Morrem.

¹⁸ **Della Giustina, Osvaldo** - As Instituições também tem Alma,Ed. Unisul, 2012.

O livro **As Instituições Também Têm Alma**, como a própria história da UNISUL, estiveram muito presentes neste livro e penso que, somando-se com a experiência vivida na Universidade do Tocantins, UNITINS, podem, junto, constituir-se em dois “estudos de caso “ bastante significativos para os que se debruçarem agora sobre este livro-A NOVA UNIVERSIDADE num Mundo em Transformação.

1.1. A universidade brasileira: um milênio ou vários séculos depois...

Pouco mais de mil anos depois da criação, em Fez, no Marrocos, do Centro da Cultura Muçulmana, hoje a Universidade da Cultura Muçulmana, cuja estrutura física ainda se sustenta no centro da Casbah daquela cidade sagrada, pedaço preservado da organização social do passado;

quase oitocentos anos depois da criação da Universidade de Bologna, pioneira das universidades ocidentais, ou das de Oxford e da Paris, todas no século XII;

ou, ainda, quase quatrocentos anos depois da pioneira das Américas, a Universidade de Santo Domingo, seguida pela de San Marco no Peru, pela que é hoje a Universidade Nacional Autônoma do México, pela de Sto. Tomaz na Nova Espanha, pela de Córdoba na Argentina, pela de San Francisco, de Sucre na Bolívia, todas no século XVI e começo do Século XVII;

ou, enfim, há igual tempo desde a criação (1636) da universidade de Harward, universidade pioneira nos Estados Unidos;

um milênio,ou vários séculos depois,repito,foi afinal implantada no Brasil a primeira universidade,no cenário da Revolução Constitucionalista de São Paulo,em 1932 e depois de algumas tentativas frustradas de criação da universidade do Paraná e de Minas Gerais.

Antes, dessa história de um milênio ou de vários séculos depois, ainda no tempo do Império foram criados cursos esparsos, como os cursos de direito do Recife e São Paulo,ou de medicina em Salvador e Rio de Janeiro,ou ainda de filosofia,no Mosteiro de São Bento, que deu origem a PUC/São Paulo.

Esses curso não passavam de faculdades, cursos,ou simples disciplinas isoladas ou acopladas a instituições corporativas,como a de anatomia,ligada à Academia Militar.do Rio de janeiro,nos séculos IXX ou XX.

Assim, enquanto no desenrolar da história , as universidades muçulmanas contribuíam para a redescoberta, da filosofia antiga de Aristóteles a Platão,transferindo-as ao mundo ocidental através de filósofos da estatura de Avicena e Averrois, os mais conhecidos,e as universidades européias construíam as bases da cultura feudal,depois renascentista e mais tarde os alicerces da cultura moderna da Europa.depois transferida para o novo mundo,mais especificamente para a America espanhola, enquanto isto acontecia no desenrolar da história,dizia,o Brasil era mantido, por razões de ordem colonial, sem autorização,ou consciência,de abrir escolas de qualquer nível, do elementar à universidade.

Havia uma exceção feita para os Colégios jesuítas, mesmo assim órfãos, por meio século, quando os Jesuítas foram expulsos da Colônia, por obra do Marquês de Pombal.

De certeza, o Brasil pagou, e continua pagando, um preço alto, muito alto por todo esse atraso histórico, o que significa dizer que há muito a ser feito, e havendo muito a fazer, há muito espaço para a criatividade e a competência de criar uma nova universidade, como um novo Brasil.

Igual espaço há também para contribuir na construção de um mundo novo, um mundo diferente e melhor, a partir de um país que desperta, o Brasil, capaz de perceber e assumir seu tamanho real, suas carências e seus equívocos, mas também suas qualidades e suas potencialidades humanas e naturais, que não são poucas.

Por mais dolorosos que sejam as condições que resultaram, por razões históricas ou de outras ordens:

-porquê não pode o Brasil, assumir a responsabilidade de desempenhar sua participação da nova sociedade, a civilização pós tecnológica, sustentável e capaz de promover como valor fundamental, sua dimensão humana?

-porquê não há de a universidade brasileira contribuir nesse papel a começar por repensar-se a si mesma?

-Não é a universidade um centro produtor e difusor do conhecimento e, o motor da inovação e da mudança?

Estou seguro que isto tudo pode ser feito. Mas isto tudo, e muito mais do que isto, só será possível na medida em que a virtualização da universidade, ou sua organização e funcionamento em rede, sintonizada, portanto, com o mundo em mudança, seja efetivamente implantada, a universidade que nesse sentido pode ser chamada com propriedade, de

“Plataforma ou Provedora do Conhecimento” no sentido mais próprio do termo, como foi exposto na parte anterior deste livro.

Creio ter ficado suficientemente claro que essa percepção vai muito além da educação à distância, ou de eventuais disciplinas acessadas via internet, ou ainda e, especialmente, na informatização de seus procedimentos administrativos ou de gestão.

Para avançar na proposta de transformar a universidade nessa dimensão, e dessa forma, colocá-la “ em sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia,” portanto em instituição capaz de contribuir nessa transição e sobreviver no mundo, ou na civilização pós tecnológica, é necessário iniciar por um diagnóstico corajoso e verdadeiro, ter a coragem de assumi-lo e, a partir dele, construir a nova universidade e contribuir na construção da nova sociedade, a civilização pós tecnológica, sustentável e capaz de promover como valor fundamental, sua dimensão humana.

1.2. Um doloroso diagnóstico.

Retorno ao artigo que escrevi para o livro já referido, Porque o Brasil não Leva a Sério a Educação, sobre o que evidenciam os rankings mundiais reveladores da situação da educação em cada País e a colocação do Brasil nesses rankings :

“Não gostaria de ser julgado como um pessimista, ave de mau agouro ou outro dos bordões facilmente massificados. Apenas perfil com tantos outros, conscientes do óbvio que, enquanto não tivermos a honestidade intelectual, a competência ou a coragem de aceitar o diagnóstico

honesto, corajoso e competente, não teremos qualquer chance de cura. Falem, pois, os rankings:

-Segundo a UNESCO, em seu relatório do Monitoramento Global de 2015, referente às metas de qualidade da educação estabelecidas para aquele ano pela Conferência Mundial de Educação, em Dakar no ano 2.000, o Brasil ficou situado em 88º lugar entre os 127 países monitorados.

-Segundo a OCDE, em seu relatório da situação da Educação em 76 países analisados através de testes em matemática e ciências aplicadas (PISA mais TMSS nos Estados Unidos e FERCE na América Latina) o Brasil situou-se em 60º lugar.

Segundo a OCDE, novamente, quando analisa os resultados do PISA, agora sob o enfoque da média de anos que a população permanece na escola, mais a percentagem da população em nível superior, 2014, em 36 países, o Brasil ficou em 35º lugar.

Segundo o Sistema de análise de aprendizado PEARSON, ligado ao Financial Times, também considerados os resultados do PISA, mas analisados sob o aspecto da situação do sucesso escolar através dos índices de aprovação segundo o senso escolar, em 40 países o Brasil ficou classificado em 38º lugar.

Segundo a Consultoria Inglesa GEMS EDUCATION SOLUTIONS especializada em administração e eficiência escolar, analisando sob esses aspectos os dados da OCDE em 30 países, o Brasil ficou colocado, nem mais nem menos que em 30º lugar.

Enfim, para coroar, segundo o Ranking mundial das 500 melhores universidades, de acordo com a análise coordenada pela Universidade

JIAO PONG, de Xangai, em 2014, o Brasil colocou apenas 6 universidades entre essas 500, apenas 1 entre as 150 e nenhuma entre as 100 melhores universidades do mundo (em relação aos anos anteriores, a USP- Universidade de São Paulo, que estava nessa categoria, regrediu para o 96º lugar

Poderia acrescentar, ainda, que o Brasil viabiliza o acesso à universidade apenas para 15 entre cada 100 jovens na idade entre 17 e 23 anos, enquanto nos os países europeus, nos Estados Unidos, ou no Japão e outros países do extremo oriente ,esse índice alcança ou ultrapassa os 70. Na América Latina, ultrapassa os 20.

A pergunta que seria simplesmente angustiante, não fosse a capacidade de assumir o desafio e vencê-lo, como disse, pela dimensão de seus recursos naturais e humanos, a pergunta que deve ser feita, dizia, por todos, mas feita e refletida especialmente pelos que administram a educação em todos os níveis, por todos os que se beneficiam dela e, enfim, por todos os que preocupam com o futuro desta e das próximas gerações, a pergunta que precisa ser feita é:

- **pode o País** candidatar-se a ser uma nova sociedade, uma civilização que, além da informação, seja na verdade, uma sociedade do conhecimento de nível superior para todas as pessoas, e em todos os setores de sua vida e de sua organização em sociedade?

Ou , em outras palavras:

- está pronta a universidade, ou tem consciência e disposição para aceitar e assumir esse desafio?

-ou apenas permanecerá à beira do caminho vendo a história, passar? e a civilização...bem a civilização...

1.3. O direito à educação e o dever do Estado: a universidade comunitária (ou da sociedade).

O Artigo 205 da Constituição Brasileira de 1988 , define a educação da seguinte forma:

“ A educação,direito de todos e dever do Estado e da família , será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade ,visando ao pleno desenvolvimento da pessoa,seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Vimos como o Estado brasileiro, do Brasil independente sucessor do Brasil colonial, se esquivara durante séculos da responsabilidade de, ainda que nas precárias condições de sua época, prover educação à sociedade. Só a Constituição brasileira de 1988, afinal, a definiu a educação como um dever do Estado. Vimos também como até hoje o Brasil paga um preço muito pesado por isto.

No entanto, a questão mais grave é que, antes como após essa definição constitucional o Estado tem se preocupado mais em controlar, exercer o poder de que dispõe para controlar a educação e, freqüentemente, criar obstáculos à família e á sociedade, a quem a Constituição também impõe deveres referentes à educação, do que apoiando-as e incentivando-as

Assim o Estado divide a tarefa,ou o dever de promover,apoiar e incentivar a educação em vários segmentos,ou sistemas:

- em primeiro lugar o seu mesmo, constituído pela rede de estabelecimentos públicos, melhor seria denominá-los “estatais”, (adiante comentaremos esse equívoco), a quem mantém de forma gratuita, embora nem sempre garantindo-lhe o apoio necessário que lhes permita quantidade e ,sobretudo,o que é mais grave, a qualidade necessária;

- em segundo lugar, os sistemas estaduais e municipais, também públicos, na verdade, também estatais, a quem a Constituição manda seja dada “*assistência técnica e financeira*”;

- em terceiro lugar, enfim, a rede de escolas particulares, iniciativas da sociedade, a quem a Constituição manda “*incentivar e promover*” a educação que,na verdade ,o Estado se preocupa mais em controlar, ao invés de incentivar e promover a supervisão necessária, tipo de controle que, freqüentemente, vai além de sua competência, criando obstáculos à sua existência,e em consequência,desestimulando sua participação.

Então no momento em que, a realidade educacional do País, dolorosa e quase angustiante,como vimos,necessitaria do incentivo,da participação e ,acrescentaria da união de todos,prevalecem preconceitos,interesses, ideologismos e outros desvios que atentam contra o indispensável desempenho da educação.

Este foi o panorama da educação brasileira, desde o curto espaço de tempo da presença do Estado, especialmente na universidade ,onde tudo foi visto e tratado de forma dualística,entre a educação pertencente ao Estado,em seus diversos níveis,ou aos particulares, inclusive com preconceitos mútuos, freqüentemente derivando para posições e atitudes conflituosas,nocivas para ambas as partes

O Estado não compreendia, e freqüentemente nem a sociedade percebia, que além do Estatal e do Particular existe um terceiro segmento que quebra esse dualismo:

- a própria sociedade, sujeito e objeto de direitos e deveres para com a educação.

Remediando a existência desse terceiro segmento, tradicionalmente o Estado passou a admitir, dentre as instituições particulares, aquelas reconhecidas como de utilidade pública, ou filantrópicas, estabelecendo condições para que fossem reconhecidas como tal..

Para que se verifique a impropriedade de soluções dessa espécie cito o exemplo de uma das condições exigidas, mas que se torna, às vezes, contraproducente : a exigência de que a instituição candidata a ser reconhecida como filantrópica prove a aplicação de 10 ou 20% de seus recursos em atividades de filantropia.

Em decorrência dessa exigência muitas, algumas, ou teoricamente todas, as que provassem cumprir essa exigência, mesmo que se dedicassem a atividades altamente lucrativas, ou mesmo à contravenção, poderiam ser reconhecidas como filantrópicas. E houve as que foram.

Num segundo momento, o Estado produziu outra tentativa de superar o problema, reconhecendo e regulando a existência de instituições do “terceiro setor”, organizações não governamentais (ONGs) ou organizações da sociedade civil de interesse público (OCIPs).

No entanto, em meu entendimento, sem perceber em momento algum que na verdade, esse “terceiro setor” existia, e existe por si, tendo sua natureza própria e, portanto, sem ser considerado parte do Estado ou de

particulares, parte a quem se atribuem algumas características próprias de um ou de outro, por falta desta percepção, dizia, nunca se chegou a reconhecer ao ente social uma natureza própria, diferenciada da natureza estatal ou particular

Neste contexto, após longos anos de reivindicação de um grupo de universidades, públicas, pertencentes à sociedade, não ao Estado e, por isto, regidas pelo Código Civil, por não poderem se enquadrar nas normas do direito administrativo, que regem os entes estatais, a legislação brasileira acabou reconhecendo a identidade diferente dessas universidades, públicas mas não estatais, repito, regidas pelo Código Civil mas sem serem particulares, legislou sobre o assunto criando a categoria de UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS.

Embora um passo à frente em relação ao reconhecimento anterior de Organizações não Governamentais, ou de Organizações Cíveis de Interesse Público, não considero que se tenha entendido e, em consequência reconhecido adequadamente a existência de um terceiro segmento no perfil da sociedade: o Setor Social, além do Estatal, e além do Particular, um setor de natureza própria e não apenas de características diferenciadas em relação àqueles.

Refiro-me à Lei nº 12.881/012, que reconheceu e regulamentou as Universidades Comunitárias, aquelas que não pertencendo ao Estado, ou a particulares, ainda que tenham sido criadas pelo Estado ou se rejam pelo **Código Civil**, (caso das Fundações em sua natureza específica) constituem uma categoria à parte, pois sendo públicas (porque da sociedade) não são do Estado e sendo de natureza jurídica de direito privado, não são particulares.

Na verdade, como registra o livro “As Instituições Também tem Alma” na estrutura jurídica, brasileira, onde o Código Civil regula as pessoas físicas e as pessoas jurídicas e suas relações, e onde um minucioso sistema de normas constitui o Direito administrativo que regula o Estado, nessa estrutura, dizia, não tem lugar um Código Social, voltado a organizar o referido Setor Social, vítima de ser jogado para um ou para outro lado, conforme as circunstâncias do momento ou de quem as julgue.

Um **Código Social**, regularia não só as universidades comunitárias, mas a imensa quantidade de instituições da sociedade. Tenho esperança que um dia se há de chegar a esse entendimento...

Sobre o assunto, é o seguinte o registro do livro As Instituições Também têm Alma:

“Enquanto não se entenderem os conceitos adequados de público, estatal, do terceiro setor (o social), e do particular, ou privado, as instituições verdadeiramente públicas (sociais) continuarão empurradas de um lado para outro lado, interpretadas e confundidas, ora com instituições estatais, ora com instituições particulares, de acordo com as circunstâncias de quem as interpreta, ou de quem legisla. Desse arbítrio, pagam o preço as instituições verdadeiramente públicas, ou a sociedade a quem pertencem e a quem servem.”

Por isso ainda é necessário que se evolua bastante nesse conceito, para entender e admitir que não é só o que pertence ao Estado que é público, mas efetivamente público é o que pertence à sociedade, através de suas instituições, que a representam e volto a insistir, para que claramente se perceba..

Verifica-se assim que esta representação da sociedade não é delegada exclusivamente ao Estado, o que só ocorre nos países totalitários, onde o Estado, mais do que receber a delegação da sociedade, se arroga ao direito de ser seu único representante. Não é assim nas democracias, onde é múltipla essa representação, como, em consequência, é múltipla também a natureza das instituições públicas, denominação que, por isto, não deve ser reservada exclusivamente aos entes estatais.

No mesmo livro, *As Instituições Também têm Alma*, no qual tentei expressar a identidade da UNISUL através de sua história, (uma instituição pública, mas não estatal, de direito privado, mas não particular) reforça esse entendimento::

“ Impõe entender que público é tudo o que é da sociedade, e isto constitui pressuposto. Público é também o que é do Estado. Mas só nos estados totalitários o público e o estatal se confundem. Na verdade, o Estado totalitário se arroga o direito de ser o único representante da sociedade. Os grupos sociais, pelos quais a sociedade também se representa, a sociedade plural, ou democrática, são eliminados e a sociedade se torna monolítica, totalitária: trata-se de um tipo de socialismo, que não é da sociedade e sim do Estado. Quando assim é, o termo adequado a ser utilizado, seria estatismo. Socialismo deveria ser um termo reservado para o poder da sociedade...”

E segue:

“ Nas sociedades pluralistas, democráticas e, por isto, livres, seus grupos representativos e por isto públicos, existem na mesma proporção da diversidade ou da pluralidade que a organiza. Grupos, ou organizações

sociais,que são verdadeiramente públicos,não pertencem a ninguém,individualmente,nem ao Estado,nem a particulares.”

E depois de afirmar que esse totalitarismo tanto pode ser do Estado, como de particulares, uma espécie de totalitarismo

“exercido pelo monopólio dos sistemas, sejam econômicos, tecnológicos, culturais, políticos, enfim... uma nova forma de totalitarismo...”

e conclui:

“Não há grandes diferenças entre o totalitarismo dos sistemas ou do Estado, ou seja o totalitarismo estatal,dito socialismo,ou o totalitarismo liberal,dito capitalismo.

A diferença que há entre um e outro,se houvesse,seria apenas de forma, não de essência, ou natureza. É neste cenário, ou pano de fundo, que os particulares, como o Estado, se imaginam donos das Fundações que criam. Não são.”

A referência específica à Fundação se justifica porque, de todos os entes sociais, a Fundação é, pelo consenso universal como pela legislação brasileira um patrimônio constituído,na sua origem por doação de seu instituidor,e esta doação esgota a propriedade do doador no momento de sua constituição.

Do exposto, é necessário e urgente, diante da gravidade e da dimensão da questão educacional no Brasil, que um novo pacto, ou simplesmente um pacto porque até agora não houve, entre o Estado e a Sociedade para que,através da união cooperativa sejam eliminados os obstáculos e se

gerem condições,inclusive recursos, a serem investidos sob o critério de melhores e mais urgentes resultados e não por outras razões..

Tenho segurança em dizer que esta nova atitude de cooperação para o desenvolvimento da educação brasileira, há de ser a única forma capaz de tirar o Brasil dos séculos do atraso que o sufocam, e viabilizar aos brasileiros construir o país com que sonham....para que tudo não permaneça na ilusão e no sonho e o sonho não se transforme em pesadelo.

2. Associação Catarinense de Fundações Educacionais: ACAFE, um Sistema de participação da sociedade

Lembro, inicialmente, o que reza o Art.207 da Constituição Federal brasileira:

“A Educação.....será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade....

Lembrando este dispositivo constitucional, refiro-me à ACAFE, Associação Catarinense de Fundações Educacionais, porque essa instituição constitui um exemplo da capacidade da sociedade de se organizar com vistas a alcançar seus objetivos, no caso específico, colaborar com a o desenvolvimento da educação, desenvolvendo um Sistema de educação superior capaz de responder às demandas da sociedade,dentro do contextos de mudança civilizatória,cenário deste trabalho.

2.1. O surgimento das instituições comunitárias em Santa Catarina.

Já foi comentado o atraso havido no Brasil em relação ao que está acontecendo no mundo no que se refere á educação em geral e, especificamente, em relação à universidade.

Santa Catarina é um pequeno Estado, no Sul do Brasil, onde esse atraso, em meados do século passado, era especialmente grave. Chegada a década de 1950, quando a maioria dos Estados brasileiros já tinha implantado sua universidade na capital e, em alguns Estados, também alguma instituição de nível superior em cidades do interior, em Santa Catarina apenas funcionavam em Florianópolis, sua Capital, um curso de Direito e um de Filosofia Ciências e Letras.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) só foi instalada em 1960.

Todo o interior do Estado não possuía uma única instituição nesse nível. Os candidatos à universidade, para outros cursos que não fossem abrangidos pela filosofia ou o direito, eram obrigados a demandar os Estados vizinhos, especialmente Curitiba, no Paraná, ou Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

No início da década de 1960 o Estado criou a Fundação Universidade de Desenvolvimento de Santa Catarina- UDESC, uma iniciativa do intelectual Alcides Abreu líder da inovação e modernização na administração do Estado. Em sua concepção inicial a UDESC seria uma universidade que instalaria seus campi, na capital, sua sede, e se expandiria nas diversas Regiões do Estado, modelo um pouco à modo da Universidade do Estado da Califórnia que, como se sabe, tem seus Campi espalhados por todo o Estado.

Nesse sentido, nos anos seguintes a UDESC criou um curso de engenharia operacional em Joinville, pólo da indústria metal mecânica no Estado, e outro em Lages, de veterinária, pólo regional, à época, Região onde predominavam as atividades pecuárias

No entanto, da parte do Governo, foi se firmando a perspectiva de que o Estado não teria capacidade de ampliar sua universidade para outras Regiões, em função de suas limitações financeiras e de outros fatores, enquanto nas várias Regiões do Estado aumentavam os movimentos reivindicatórios no sentido de instalação de novos cursos.

Na ausência do Estado, essas Regiões começaram a tomar a iniciativa da criação de suas próprias instituições universitárias, através das Prefeituras Municipais. Nesse sentido a Prefeitura do Blumenau, inspirada em modelo autárquico que vinha sendo praticado no interior do Estado de São Paulo, criou o Curso de Economia. Esse curso, que foi pioneiro no interior do Estado, viria a se transformar, posteriormente, na FURB- Fundação Universitária Regional de Blumenau

No ano seguinte, inicialmente também como autarquia Municipal, IMES, Instituto Municipal de Ensino Superior, implantou-se o Curso de Ciências Econômicas do Sul de Santa Catarina, em Tubarão, município situado na Região Sul do Estado, com apenas 60 mil habitantes. No entanto, diante da evidência da incapacidade financeira do município de mantê-la e expandi-la para o Sul do Estado, como induzia sua denominação, a autarquia foi transformada na FESSC, Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, cuja denominação definia com toda força sua identidade regional.

O modelo Fundacional, respeitando algumas mais, outras menos, a característica essencial das fundações- sua autonomia, modelo que viria a

aproximá-las da comunidade mais do que mantê-las sob a tutela do poder público, veio a se multiplicar pelas diversas Regiões, regionalização característica do Estado.

Havia, porém, obstáculos a superar em relação a essas iniciativas.

Um deles provinha de parte dos poderes da Capital, que desejavam tornar Florianópolis um pólo capaz de competir com Curitiba e Porto Alegre. Nesse sentido, importante seria fortalecer na Capital sua universidade, a UDESC, ampliando, a seguir, seus Campi pelas várias Regiões do Estado, de acordo com o projeto original. Para fortalecer esse objetivo se chegou a criar um neologismo, a Multiversidade, à modo do sistema existente na Califórnia.

Havia também os que, especialmente no setor educacional, temiam em relação à capacidade das Regiões de manter o ensino superior com a qualidade acadêmica necessária. Dentre esses, pontificavam especialmente alguns pós graduados na Universidade de San Diego, um dos campi da Universidade da Califórnia, através de programa amplamente utilizado no Brasil, conhecido como MEC/USAID.

Outros, ainda, especialmente no governo federal, onde naquela época, os cursos eram reconhecidos, demonstravam certa dificuldade em entender o que significavam essas novas instituições auto definidas como públicas mas não estatais, de natureza jurídica de direito privado, mas não particulares, dificuldade que, aliás, haveria de perdurar por décadas e que a recente lei das universidades comunitárias, não sanou totalmente.

2.2. É criada a ACAFE: a Sociedade catarinense constroi seu Sistema de Ensino Superior

Diante de tais dificuldades, na qualidade de Presidente da então Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, hoje UNISUL, visitei a Universidade de San Diego e conheci algo mais sobre o sistema universitário do Estado da Califórnia. Dessa visita retornei com a plena convicção da impossibilidade do Estado de Santa Catarina manter uma universidade (a multiversidade...) em condições mínimas de responder às demandas e aos anseios catarinenses.

Tal impossibilidade não provinha apenas de razões de ordem financeira, mas também não era compatível com o que preconizava o novo mandatário do Estado, o Governador Colombo Salles, assessorado, novamente pelo já referido Prof. Alcides Abreu, através de seu **“Projeto Catarinense de Desenvolvimento”**¹⁹.

Esse Projeto estabelecia como estratégia de desenvolvimento do Estado a prevalência da desconcentração sobre o modelo de um pólo concentrado na Capital, priorizando, em consequência, o apoio ao desenvolvimento de cada Região e sua articulação, especialmente através de uma infra estrutura rodoviária e de comunicações, que as aproximassem.

Nesse contexto, reuniram-se os Presidentes das Fundações municipais de Ensino Superior, que a essa altura-1974, tinham se multiplicado em uma dezena de comunidades no Estado e nessa reunião foi decidida a criação de uma organização que as congregasse, que as fortalecesse e as justificasse diante dos poderes públicos e pudesse ajudá-las a superar as

¹⁹ Salles, Colombo Machado, Projeto catarinense de Desenvolvimento- Imprensa Oficial do Estado, Arquivo Público de S.C.

dificuldades, quer as externas, como as que foram relatadas, quer as internas, pelas carências próprias das iniciativas locais.

Dessa forma criou-se a Associação Catarinense das Fundações Educacionais, (ACAFE) que já em seu primeiro mandato, que exerci, concentrou os esforços em três projetos considerados estratégicos:

-o primeiro , fazendo reconhecer, pelo MEC, e por outras instâncias educacionais uma modalidade de pós graduação, inovadora na época, denominada pós graduação institucional, destinada especificamente aos docentes do que passou a denominar-se Sistema ACAFE de Ensino Superior, origem do que hoje se denomina Sistema Catarinense de Ensino Superior.

Hoje, o Sistema Catarinense de Ensino Superior é integrado por 11 Universidades Regionais e 5 Centros Universitários ,que matriculam mais de 150 mil alunos. Essas Instituições, tem sido um fator importante para o desenvolvimento desconcentrado que caracteriza o Estado que têm sido, não só fixando localmente profissionais de nível superior em todos os setores da vida social, mas também através de estudos, pesquisas e trabalhos de pesquisa e extensão que beneficiam as respectivas comunidades com quem sempre foram e continuam sendo, profundamente integradas;

-o segundo, aumentando o relacionamento entre as instituições, assessorando-as em suas dificuldades e dúvidas. Um dos fortes instrumentos utilizados para solidificar essa união foi a realização do primeiro vestibular unificado do Brasil, articulando todas as instituições associadas num único exame de ingresso para todas essas Instituições. Essa iniciativa, mais de 40 anos depois, continua sendo, até hoje, um dos elos de

maior intercâmbio entre as universidades do Sistema, apesar das múltiplas formas vigentes de acesso à universidade;

-o terceiro, consistiu na articulação, junto ao Governo federal, através do Governo do Estado, de uma linha de financiamento, destinada a construção dos campi das Instituições associadas, cuja maioria funcionava em prédios alugados, ou cedidas pelo Estado em sua rede de escolas, que não correspondiam ao projeto comum de hospedar futuras universidades. Esse financiamento esteve no início da maioria dos campi hoje existentes e fortaleceu significativamente as instituições abrindo-lhes o caminho para concretizar o referido sonho comum .

Creio que o êxito dessa iniciativa e de sua história, que resultou no Sistema Catarinense de Ensino Superior²⁰ constitui um exemplo muito evidente de como a sociedade possui grande potencialidade de cumprir sua parte de responsabilidade na educação, como estabelece a Constituição brasileira, potencialidade que poderia ser multiplicada se fosse transformada numa política oficial dos Governos, quando se convencerem que jamais terão condições de responder, através de seu Sistema de universidades federais, às demandas da sociedade, quer em educação em geral, quer especificamente, nas demandas por universidade²¹.

²⁰ Como em outros momentos, utilizo a expressão Ensino Superior por ser a expressão já consagrada, embora minhas reservas a essa expressão por ser a universidade muito mais que uma instituição de ensino.

²¹ Nesse sucesso é indicativo o apoio que teve a iniciativa da sociedade em geral, mas cito os meios de comunicação que deram amplo apoio a iniciativa e como reconhecimento à classe quero citar o trabalho de um jornalista incansável em sua dedicação à causa, Laudelino José Sardá, como registro também o apoio de professores das próprias instituições, que sacrificaram projetos individuais para se dedicarem a mesma causa sem medir sacrifícios pessoais, e o faço através do Prof. Marcílio Dias dos Santos, Secretário Executivo da Associação.

É preciso que seja claramente admitida a evidência de que os Governos continuarão cada vez mais impossibilitados de responder às demandas da sociedade por educação. Na medida em que, como vimos, a sociedade se transforma em uma sociedade cada vez mais de nível superior, onde o acesso à universidade não pode ser privilégio de uma elite, mas se transforma numa condição de todos e de cada um, desafiado a viver em dimensões humanas numa sociedade, de nível superior em todos seus componentes, como já foi amplamente analisado.

A forma de democratizar o acesso à universidade através de iniciativas não estatais, convencido o Estado de sua incapacidade de responder às demandas quantitativas e qualitativas da sociedade, diretamente, através de seus recursos, inclusive financeiros, seria optar por realizar esse objetivo através da adoção de uma política global de cooperação com essas iniciativas, principalmente as referidas iniciativas comunitárias, embora não excluindo outras formas de participação da sociedade, o que, aliás, está previsto no Art. 207 da Constituição, já transcrito.

Recusar a aceitação e adoção de políticas nessa direção é continuar mantendo o atraso do País em relação à exigência fundamental de produção do conhecimento e de formação das pessoas em todos os níveis, de acordo com as exigências da sociedade transformada ou em transformação.

Enfim, quero deixar registrado, especialmente para os que se preocupam com a prioridade, ou o direito de todos aos níveis fundamentais de educação que o direito à formação superior, decorrente da necessária sintonia com um mundo que é cada vez mais de nível superior em todos os seus componentes, insisto, de forma alguma significa a perda, ou a

diminuição da prioridade dos níveis fundamentais da educação. Nada mais equivocado.

O acesso ao nível superior, à medida que se amplie, pressupõe o fortalecimento quantitativo e qualitativo da educação em todos os outros níveis, sem o que não há educação superior. Na verdade, estou seguro em afirmar que é chegado o tempo de superar essa dicotomia entre o Estado e a sociedade, até por força de um imperativo histórico.

Esse imperativo histórico é grande demais e suficientemente urgente para que a sociedade, ou o Estado, possam responder a ele sozinhos, e ainda há de se tornar tanto mais difícil quanto mais se gerem conflitos entre um e outro.

Creio que é tempo de buscar outras soluções e, sem dúvida, construir formas cooperativas entre as todos os segmentos da sociedade e do Estado constituiria o caminho certo e seguro para superar essa dicotomia e esse atraso que dela, em grande parte, decorre.

Voltando, enfim, às condições da universidade que temos, pode parecer ter sido esquecido o compromisso de cada universidade, contribuir de acordo com a realidade de cada uma, com a construção do mundo em transformação, no rumo da civilização pós tecnológica, tema essencial na inspiração e na elaboração das análises deste livro.

Não. É que essa contribuição terá perdido seu significado, e provavelmente sua viabilidade, se a universidade não estiver preparada com uma consciência global, da qual a formação humana é parte essencial.

Para isto, porém, a universidade terá de estruturar-se adequadamente para cumprir todas as suas funções, pois todas constituem parte da

construção dessa nova civilização. Tudo isto, a formação integral das pessoas, como a contribuição na construção da nova sociedade, ou da civilização da pós tecnologia e de seus valores, cada universidade ao nível de seu espaço, é parte do mesmo processo.

Algumas universidades estarão mais preparadas, ou terão melhores condições de ampliar seus horizontes para contribuir mais nessa urgente tarefa, enquanto universidades, centros, unidades que devem ser de produção do conhecimento, ou, seja da ciência e da tecnologia.

Para essas quero insistir, que tanto, ou mais do que desenvolver a ciência e a tecnologia das coisas, o processo das mudanças civilizatórias espera e necessita de sua contribuição para desenvolver a ciência e a tecnologia das pessoas e de sua convivência em sociedade.

Permito-me referir, mais uma vez a urgência dessa contribuição para que se consiga superar os desequilíbrios, já analisados, entre o ritmo, ou a pequena velocidade com que se desenvolvem as pessoas e a sociedade, em relação ao ritmo ou a velocidade com que se têm transformado as coisas.

Cada universidade há de responder segundo seu nível e seu espaço a esse chamado da história, ou da civilização...

3. O mundo na universidade e a universidade no mundo.

Com razão, tomando consciência da necessidade de ocupar o enorme espaço que as separa desse horizonte, as universidades que tem consciência do tamanho do desafio e de suas implicações, poderão ter a tendência de se angustiar diante de como percorrer essa distância. Ou de ficar alheias à sua urgência, alienadas da realidade em mudança..

Estou certo, no entanto, que as universidades hão de saber superar essa tendência, se souberem despertar em si e na comunidade acadêmica, a esperança ou a certeza, de que na inovação, na segurança e na competência de lançar-se nesse caminho ,está não só a sobrevivência de um mundo externo,ou de uma distante civilização da qual elas não fazem parte, mas que nisto está em jogo também a própria sobrevivência.

Não há risco maior do que ficar parado num mundo em transformação.

A forma de como fazê-lo depende de cada uma, repito, das condições e das circunstâncias de cada uma... mas nenhuma deve dar-se ao direito de se manter alheia ao que está acontecendo,voltada apenas à visão de si mesma,ou de seus desafios e interesses imediatos.

3.1. A Cátedra universitária, como instrumento de inserção da universidade.

Creio que é pouco eficaz no sentido de inserir a universidade no mundo e trazer o mundo para a universidade, criar cursos de caráter profissional, ou de outra modalidade, ou mesmo inserir disciplinas em alguns cursos voltados à formação profissional ou, ainda, inserir esses conteúdos na programação de disciplinas afins como sociologia, história, ou qualquer outra da área social. Isto pode ser feito e é bom que seja feito.

Ocorre porém,que a questão das transformações porque passa o mundo no rumo da construção da nova sociedade,ou de uma nova civilização como consequência dos avanços da ciência e da

tecnologia,ultrapassa qualquer visão setorial que possa ser encerrada em qualquer dos cubículos em que em geral a universidade se organiza.

A questão das transformações do mundo diz respeito à universidade como um todo, á universidade como instituição. O livro *As Instituições Também têm Alma* esclarece o sentido dessa diferença:

“....saber como instituição,não isoladamente,porque este professor sabe,ou porque os dirigentes sabem,ou porque é capaz de transmitir conhecimentos alheios - de livros,de outras instituições,dos professores...”

E prossegue perguntando:

E o que é saber como instituição?

E ele mesmo responde:

“...é ser capaz disso tudo. Mas para saber mesmo, é preciso que ela,a Instituição,internalize o conhecimento,o transforme em patrimônio próprio,ou que produza o conhecimento,o conhecimento do meio,inovador,adequado,até chegar ao conhecimento universal,do mais alto nível.Esse conhecimento pressupõe a pesquisa...”

E conclui afirmando que a universidade incapaz de produzir o conhecimento, mas que só ensina, não passa de um Colégio de terceiro grau, utilizando a nomenclatura em uso freqüente no Brasil, inclusive freqüentemente pelas próprias universidades.

A inserção da universidade no mundo em transformação e a colaboração esperada na construção da sociedade pós tecnológica, ou da nova civilização é,pois, uma tarefa que deve permear o corpo todo da Instituição, como o sangue permeia todo o organismo,volto a usar a

imagem. Definitivamente, não é uma questão setorial. No organismo, onde o sangue não penetra, o membro apodrece. Também na universidade.

Para que isto não aconteça se faz necessário desenvolver atividades voltadas a esse objetivo e abertas á todos os que, de qualquer forma, sejam parte da comunidade universitária, interna ou externa.

As atividades voltadas a inserir a universidade no mundo e o mundo na universidade, devem, pois, perpassar a universidade transversalmente, e devem ser reconhecidas institucionalmente como módulos, créditos, títulos, ou outras formas de reconhecimento, muito além dessa ou daquela disciplina, desse ou daquele curso

Poderiam incluir-se nessa categoria, além de pesquisas, fóruns ou seminários, palestras e ciclos de palestras, a criação de institutos especializados, dos quais participe a comunidade universitária, e onde possam estar presentes também personalidades do mundo, de forma permanente ou eventual, mas é importante que esses instrumentos possam estar presentes, vivificar todos os setores da universidade.

Então se terá a universidade inserida no mundo e o mundo, seu momento e seu processo, estará na universidade, integrado nela, e não apenas visitante deste ou daquele setor, desta ou daquela eventualidade.

Com essa visão, a Universidade do Sul de Santa Catarina, no ano 2007, criou a Cátedra “UNISUL Participação e Solidariedade” com o objetivo de:

“contribuir com a construção de uma sociedade mais humana”

E segue listando os pressupostos que a justificaram:

“A consciência da transformação científica, tecnológica e social em curso, no momento histórico de um mundo globalizado, que continuará produzindo continuamente novos e diferentes cenários, exigindo assim uma nova ordem social de dimensão civilizatória;”

E segue em suas justificativas, atribuindo responsabilidade à universidade neste processo:

“A percepção dos novos papéis que cabe à universidade desempenhar nos sentido de contribuir na construção dessa sociedade humanizada, incluindo repensar a si mesma...”

Ao criar a Cátedra, portanto, a UNISUL lhe atribuiu dois papéis específicos:

-o primeiro, de contribuir na construção de uma nova sociedade, a sociedade humanizada, em sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia;

-o segundo, de preparar a própria universidade para o desempenho desse papel perpassando suas atividades por todos os seus segmentos e incentivando-os a descobrir e inserir-se nessa tarefa.

O texto indica, ainda, três documentos básicos que fundamentariam a Cátedra no desempenho desses papéis, textos, aliás, citados no decurso desse livro:

-O livro Participação e Solidariedade, a Revolução do Terceiro Milênio (II)

-O documento de consultoria A UNISUL Pós tecnológica

-O pronunciamento do Reitor por ocasião das comemorações dos 40 anos da Unisul, A Universidade no Mundo Pós tecnológico.

Entre outras atividades a Cátedra promoveu em 2009 seu primeiro Fórum temático que girou em torno do assunto “*Fundamentos para uma Sociedade Participativa e Solidária*”, onde foi lançada a “**Carta por uma Sociedade Participativa e Solidária**”, em seguida traduzida e divulgada, além do português, também em inglês, francês, italiano, espanhol, árabe e mandarim.

Embora a Carta esteja disponível nesses idiomas no site \ a íntegra do documento, por seu conteúdo e como síntese de um pensamento longamente cultivado e debatido, também por sua atualidade, está reproduzida adiante, com o convite à sua divulgação por todos aqueles, pessoas ou instituições, que tenham alguma condição de debater, desenvolvê-la e compartilhá-la.

3.2. O compromisso da universidade com os valores universais-

Antes de concluir esse livro que, mais do que uma simples análise, pretendeu também levar à consideração uma proposta de integração da universidade no processo de transição civilizatória, ou mundo em transformação, que estamos vivendo e que nos levará a uma nova civilização, a sociedade pós tecnológica, quero retornar a um dos itens da caracterização da universidade do futuro, referenciando-me a dois tópicos do texto que propôs o Professor e Senador, já anteriormente citado, Cristovam Buarque, quando diz, com toda a propriedade, que a nova universidade, ou a pós universidade, não poderá ser :

Neutra - *“para ser humanista a universidade terá que fazer uma opção ética.Se a Ciência e a Tecnologia podem provocar catástrofes físicas,destruir o equilíbrio ecológico e provocar genocídios, as engenharias,a química,a economia, a biotecnologia,a genética,tudo o que a universidade ensina, devem se submeter às regras éticas que impeçam que tal aconteça.*

Fria - *na pós-universidade o método científico frio separado do compromisso ético, dos sentimentos e dos compromissos morais, não combina. Nesse novo saber a ética será parte de todo o conhecimento.*”

Quero dizer que a Nova Universidade tem que integrar em sua concepção, em seus comportamentos,em seu esforço voltado à descoberta ou difusão do conhecimento,uma nova ética, pois de certeza,a perda,a negação,ou o alheamento em relação aos princípios éticos em geral e,em especial em relação às novas questões éticas trazidas pelos avanços contínuos e crescentes da Ciência e da Tecnologia²² a tornarão parceira,co-responsável ,por todas as tragédias que poderão se abater sobre as pessoas,ou sobre a civilização.Ou instituição essencial para que tal não aconteça.

Já ensinava Aristóteles, que, quando uma sociedade perde os laços que a congregam,é sinal de que essa sociedade se aproxima de sua autodestruição

²² Não quero me referir apenas à moral que se liga especialmente com a cultura, nem a ética individual que cada um elabora de acordo com suas circunstâncias, mas refiro-me à ética essencial no sentido filosófico ou ontológico que nos leva a identificar a ética como a expressão concreta do ser ou de suas relações, portanto a ética como expressão da natureza de todos ou de qualquer fenômeno humano,humano por causa da consciência.

É isto. Compromissos éticos, laços que congregam, valores, isto tudo replica e constitui, na espécie humana, as referências que ordenam toda a natureza,todo o universo.

No universo, todos os planetas, têm seus astros como referência e cito como exemplo a Terra,que tem como referencia Sol, da mesma forma como outros planetas tem seu sol,ou o astro que os sustenta, em torno do qual giram. Os animais tem sua referência em seu rebanho, em sua colméia, em sua toca ou em seu ninho.Se o sol desaparece,se o animal se desgarra,acaba sendo destruído,perecendo.

Não é diferente a espécie humana ou a sociedade,apesar da consciência que faz essas referencias livres e ordenadas,única diferença que caracteriza a espécie humana e a diferencia do restante do universo conhecido.

Explico: enquanto no reino fisico, ou na espécie animal as referências estão gravadas na natureza sem nada que as desvie de sua fatalidade ou de sua sobrevivência, na espécie humana existe a consciência, e portanto, a liberdade, que permite as escolhas e das escolhas a espécie humana se torna dona e responsável pelo seu destino,afirma o livro **Participação e Solidariedade**.

Dona e responsável, por causa de suas escolhas certas ou equivocadas. Isto ocorre com as pessoas, individualmente, ocorre com os grupos e com a sociedade. É preciso perceber que nessas escolhas existem momentos que podem ser definitivos para a organização ou o caos, para a sobrevivência ou a ruptura, a morte dos indivíduos ou da espécie.

Sem dúvida, por vivermos um desses momentos, o que comprova tudo o que se tem analisado, penso que ao me referir a valores, a referência,

entre outras que podem ser escolhidos pelas crenças ou pelas razões de cada um, a referência aos valores universais são as aspirações que crescem no mundo, manifestas através da **Massa de Consciência** já analisadas anteriormente.

Os avanços criados pelo homem, mais do que o presente, lhe põe nas mãos o futuro, e construir o futuro para a sobrevivência e para a plenitude da vida de sua espécie, das pessoas, das sociedades e do Planeta, seu lar, está, como nunca em suas mãos, está nas opções que ela, a espécie humana, for capaz de fazer..

A Carta por uma Civilização Participativa e Solidária ao afirmar que Um Mundo Melhor é possível, faz um apelo:

“Este convite para a construção de um Mundo Melhor, Participativo e Solidário , dirige-se especialmente às universidades, às organizações sociais, aos governos constituídos e às lideranças políticas, bem com a outros segmentos da sociedade – os comunicadores, os promotores da arte, da inteligência e da cultura – e, ainda, às igrejas e filosofias de todas as ordens, para que se debrucem sobre o momento e o processo, promovendo uma análise atenta, profunda e eficaz, sobre o que está ocorrendo no mundo, suas incertezas e a sucessão de crises, formulando, em decorrência, propostas sistematizadas e operacionais para superar, ou reverter o processo de ruptura que paira sobre a civilização. Desta forma, os valores da massa de consciência hão de tornar realidade o mundo melhor, mais solidário, mais participativo e, por isto, mais humano”.

Fica, pois, o convite a cada um, especialmente às universidades, para que, no encerrar este livro, dedique algum tempo, para

ler, refletir, debater, completar e divulgar essa Carta, como instrumento de sua participação e contribuição na construção da sociedade pós tecnológica- a Civilização Participativa e Solidária., transcrita a seguir, em sua íntegra:

3.3. Carta por uma Civilização Participativa e Solidária

Apresentada ao Fórum Permanente Fundamentos para uma Civilização Participação e Solidariedade, promovido pela Cátedra Unisul Participação e Solidariedade, criada pela Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil.

As crises que preocupam e angustiam o homem deste início de milênio vão muito além de uma simples crise financeira, ou de qualquer outra natureza setorial, como aparentam e, geralmente, são interpretadas. Elas são, sobretudo, a consequência da disritmia e dos desequilíbrios decorrentes, introduzidos no processo civilizatório, entre a velocidade com que evolui a tecnologia e seu uso, e a lentidão com que ocorrem as mudanças nas pessoas e nas instituições. Assim sendo, as crises devem ser entendidas como múltiplas manifestações de uma crise bem maior, que revela a insustentabilidade do atual estágio civilizatório, rumo a alguma forma de ruptura, caso o processo não seja revertido.

No entanto não há oposição entre a tecnologia e seus avanços e o homem em suas múltiplas dimensões, mesmo que se considere a tecnologia em suas formas mais avançadas, como a engenharia genética, a química fina, ou a física cósmica.

Ao contrário. A tecnologia poderá ser transformada no grande instrumento de promoção do homem e humanização da sociedade, se for

assumida a consciência de que isto é possível e se concentrarem esforços no sentido de transformar o que é possível em realidade.

A oposição, porém, existe quando a tecnologia avança ou é utilizada em detrimento do homem e da sociedade, seus ritmos, seus valores e o ambiente natural onde ocorrem os fenômenos humanos. Neste caso, na medida da disritmia e dos desequilíbrios que ela provoca, será inevitável que, de crise em crise, resulte do processo a ruptura anunciada e a ruptura terá então conseqüências inimagináveis, mas seguramente não menores que os desequilíbrios, ou desvios, que se tiverem embutido no processo.

Para reverter o caminho da ruptura, no entanto, faz-se necessário perceber que, paralelamente à ameaça que este caminho possa representar e à lentidão da evolução dos homens e de suas instituições, ressurge e cresce no mundo uma poderosa massa de consciência em defesa do ser humano e dos valores essenciais da civilização.

Neste contexto, constitui valor essencial da massa de consciência, a dignidade humana, a qual pressupõe o respeito e a promoção dos direitos fundamentais do homem – desses direitos, em primeiro lugar, o direito à vida e à igualdade de oportunidades de acesso aos bens necessários para vivê-la na maior plenitude. Este processo de valorização da vida, como valor básico ou original, deve ser estendido a todos os seres humanos, independentemente de cor, raça, cultura, crença, categoria social, ou qualquer outro atributo.

Como corolário, o pluralismo de culturas, de pensamento, de regimes políticos, de crenças ou de costumes, constitui pressuposto para o exercício da dignidade humana, das liberdades individuais, da convivência harmônica, da paz e da segurança entre os povos. Este é o caminho – e

não há outro, para a sobrevivência do Planeta e plena humanização dos que nele habitam.

São esses valores, e outros que os integram – a justiça, a igualdade, o repúdio à prepotência e à destruição da natureza, que encontram sua síntese nas dimensões éticas da participação e da solidariedade.

É necessário e urgente que os valores da massa de consciência, desta forma sintetizados, sejam assumidos, individualmente, pelas pessoas, e, coletivamente, pela sociedade, como pressuposto e fundamento de viabilizar a transição do estágio insustentável da atual ordem civilizatória, ainda ordenada por fundamentos e práticas formulados nos tempos pré-tecnológicos, para um 3 novo estágio civilizatório, que preserve, na era pós-tecnológica, as dimensões humanas e seja ordenado por seus valores.

Esta perspectiva não constitui um simples dever ético. Ela diz respeito, como se disse, à própria sobrevivência do ser humano e de suas circunstâncias. É preciso entender que a dimensão da tecnologia, capaz de destruir o mundo não só fisicamente, mas em qualquer das dimensões que o constituem, esgotou o espaço de sobrevida e a aplicação de paradigmas do passado, com base no conflito, na competição e na concentração sem limites, frutos do domínio e uso equivocado da tecnologia, para excluir e ampliar as áreas periféricas, gerando uma nova forma de totalitarismo global e aprofundando, perigosamente, o desequilíbrio do processo.

É preciso, afinal, estabelecer o consenso de que, por serem valores éticos, a participação e a solidariedade não constituem apenas sonhos inalcançáveis, formulações teóricas, ou objetivos utópicos, a não ser que esses sonhos, formulações e objetivos sejam entendidos como faróis que iluminam os caminhos e lugares da busca, ou da chegada.

Para isto, a participação e a solidariedade devem ser transformadas em instrumentos eficazes para inspirar o novo homem e construir as novas instituições, ou seja, a sociedade pós-tecnológica, re-equilibrando o processo civilizatório e superando, desta forma, as crises e a ameaça de ruptura.

Ainda, impõe perceber, e assumir, que a participação, como valor ético, pode encontrar seu instrumento eficaz para a mudança na desconcentração de todas as dimensões das pessoas e da organização social. A desconcentração implica superação dos sistemas concentradores, tanto mais poderosos nesta era da globalidade e tanto mais nocivos, na medida em que, através da competição selvagem e da ocupação ilimitada de espaços, produzem a referida exclusão que se expande para um número cada vez maior de pessoas, de regiões, de povos e de nações. Esta dinâmica, concentração – exclusão, vem ocorrendo em processo crescente e chegará, brevemente, a seu momento crítico de desequilíbrio e, em consequência, à inevitável ruptura. Na verdade, constitui um axioma da natureza que todo desequilíbrio, ao alcançar seu momento crítico, se torna insustentável. Por que imaginar que este axioma universal não se aplica à sociedade?

Da mesma forma, é necessário perceber, e também assumir, que a solidariedade como valor ético pode encontrar na cooperação o instrumento igualmente eficaz de organizar sustentavelmente a sociedade, humanizando o processo.

Isto significa dizer que a participação, tendo a desconcentração como seu instrumento eficaz, e a solidariedade, tendo a cooperação como instrumento eficaz, constituem os valores e os instrumentos de construir a

nova sociedade em sintonia com os valores essenciais da massa de consciência e com os avanços da Ciência e da Tecnologia. Esta será, então, a sociedade amorizada, lembrando Teilhard de Chardin, ou Dante Alighieri em sua percepção poética, de que é “o amor que move o sol e todas as estrelas”. Por que não há de mover as sociedades humanas?

Um mundo melhor é possível

Este convite para a construção do mundo melhor, participativo e solidário dirige-se especialmente às universidades, às organizações sociais, aos governos constituídos e às lideranças políticas, bem como a outros segmentos da sociedade – os comunicadores, os promotores da arte, da inteligência e da cultura – e, ainda, às igrejas e filosofias de todas as ordens, para que se debrucem sobre o momento e o processo, promovendo uma análise atenta, profunda e eficaz, sobre o que está ocorrendo no mundo, suas incertezas e a sucessão de crises, e formulando, em decorrência, propostas sistematizadas e operacionais para superar, ou reverter, o processo de ruptura, que paira sobre a civilização. Desta forma, os valores da massa de consciência hão de tornar realidade o mundo melhor, mais solidário, mais participativo, e, por isto mais humano.

Cátedra Unisul Participação e Solidariedade,
Osvaldo Della Giustina, Patrono.

CONCLUSÃO

Quero concluir essas análises e as propostas sobre a NOVA UNIVERSIDADE num mundo em transformação, repetindo as mesmas reflexões que ofereci à consideração na conclusão do livro *As Instituições também têm Alma*, pois são as mesmas as sensações e as mesmas as esperanças que vivi ao escrevê-lo. Das sensações e das esperanças é que me vem a certeza de que esse trabalho poderá ser fértil semente, onde quer seja acolhido:

“Para mim, escrever este livro, mais do que a sequência de um mundo de emoções, foi a sequência de momentos de reflexão sobre o que é essencial na história dos homens ou na história das instituições.

Mais uma vez consolidou-se em mim a certeza de que há duas dimensões na história dos homens e das instituições:

- uma que se refere à superfície das coisas;*
- outra que se refere à sua essência.*

As coisas, por sua superfície, é fácil fazê-las, ou percebê-las, tanto mais na época em que vivemos, onde tudo concorre para a superficialidade do ser e do fazer, ou seja, do cotidiano e das aparências: os sistemas de comunicação; as vivências estressantes no decorrer de cada dia; a insegurança, consciente, ou o que é mais grave, inconsciente, que decorre da falta de pontos de referência; a fuga de buscar a verdade, porque é mais fácil surfar nas ondas do que penetrar as profundezas do oceano.

Mas é nas profundezas, não na superfície, que a harmonia, o silêncio ou o deslumbramento do espírito humano pode melhor realizar-se...”

É, pois, como convite para o mergulho nessa profundidade que escrevi e ofereço este livro à reflexão daqueles que sonham com um mundo melhor *e especialmente aos que acreditam que para construção desse mundo, a universidade é um instrumento necessário e eficaz* e, por assim acreditarem se dispõem a assumir a responsabilidade de, construindo a Nova Universidade, colaborar na construção da nova sociedade, a Civilização da era Pós tecnológica humanizada, participativa e solidária..

XXX

Osvaldo Della Giustina

Brasília, março de 2017

More Books!



yes I want morebooks!

Buy your books fast and straightforward online - at one of the world's fastest growing online book stores! Environmentally sound due to Print-on-Demand technologies.

Buy your books online at
www.get-morebooks.com

Compre os seus livros mais rápido e diretamente na internet, em uma das livrarias on-line com o maior crescimento no mundo! Produção que protege o meio ambiente através das tecnologias de impressão sob demanda.

Compre os seus livros on-line em
www.morebooks.es

OmniScriptum Marketing DEU GmbH
Bahnhofstr. 28
D - 66111 Saarbrücken
Telefax: +49 681 93 81 567-9

info@omniscrptum.com
www.omniscrptum.com

OMNIScriptum



